



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

SILVÂNIA DA SILVA SANTOS

Do *bullying* ao *cyberbullying*: história e memórias escolares (1993-2011)

João Pessoa/PB
2015

SILVÂNIA DA SILVA SANTOS

Do *bullying* ao *cyberbullying*: história e memórias escolares (1993-2011)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (*Strictu Sensu*), do Centro de Educação/CE, da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Professora Dra. Maria Elizete Guimarães Carvalho

João Pessoa/PB
2015

S237d Santos, Silvânia da Silva.

Do bullying ao cyberbullying: história e memórias escolares (1993-2011) / Silvânia da Silva Santos.- João Pessoa, 2015. 120f.

Orientadora: Maria Elizete Guimarães Carvalho

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE

1. Educação. 2. Bullying-Cyberbullying. 3. Histórias e memórias escolares. 4. História oral. 5. Tempo presente.

UFPB/BC

CDU: 37(043)

SILVÂNIA DA SILVA SANTOS

Do *bullying* ao *cyberbullying*: história e memórias escolares (1993-2011)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (Strictu Sensu), do Centro de Educação/CE, da Universidade Federal da Paraíba, UFPB, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Maria Elizete Guimarães Carvalho
Orientadora
PPGE/PPGDH/UFPB

Profa. Dra. Maria do Socorro Nóbrega Queiroga
Examinadora
PPGE/UFPB

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Examinadora
MPFP/MSS/UEPB

AGRADECIMENTOS

A DEUS, Aquele que me dá força e coragem para trilhar o percurso da caminhada e vencer as barreiras muitas vezes inimagináveis. Pois Deus é comigo, é contigo e é conosco!

À minha orientadora Professora Doutora Maria Elizete Guimarães Carvalho, alicerce na feitura desse trabalho, que me acolheu de braços abertos, quando tudo parecia perdido. A você minha eterna gratidão por gravar no solo de minha memória mais uma etapa de sonhos concretizados.

À Professora Rogéria Ventura de Carvalho Paes Ribeiro (UCB) pelos créditos de revisão ortográfica, gramatical e normas técnicas (ABNT), realizado neste trabalho Dissertativo.

DEDICATÓRIA

À minha família, berço de meus valores éticos e cidadãos. Em especial, ao meu pai *Alírio* - “o Amiguinho” (in memorian), a minha mãe *D. Silva*, pelas orações aos pés do Salvador na concretização dos meus projetos de vida, à minha irmã *Edilene Santos*, referência e orgulho, ao meu maior amor, *Sávio* (meu filho) pela compreensão muitas vezes incompreendida de tantos momentos ausentes. A amiga *Salete Lima* pelo apoio essencial, a amiga de turma do Mestrado (No caminho dos vinhos) *Priscila Canuto* que nas confidências, supriu as tristezas do acaso, escrevendo de forma pertinente mais uma página da minha e da nossa história. Por fim, a tod@s que estiveram na torcida durante o percurso da minha caminhada. Um brinde ao que já se tornou lembranças de um momento vivido!

[...] objetivar o mundo é historicizá-lo, humanizá-lo. Então, o mundo da consciência não é criação, mas, sim, elaboração humana. Esse mundo não se constitui na contemplação, mas no trabalho. Na objetivação transparece, pois, a responsabilidade histórica do sujeito: ao reproduzi-la criticamente, o homem se reconhece como sujeito que elabora o mundo; nele, no mundo, efetua-se a necessária mediação do auto-reconhecimento que o personaliza e o conscientiza como autor responsável de sua própria história. O mundo conscientiza-se como projeto humano: o homem faz-se livre. [...] Reencontrar-se como sujeito, e liberar-se, é todo o sentido do compromisso histórico. (FREIRE, 2002b, p. 17).

RESUMO

O presente estudo, **Do bullying ao cyberbullying**: história e memórias escolares (1993-2011) é uma proposta de investigação que contempla a história e as memórias de acontecimentos escolares do tempo presente. Nesse contexto, busca recriar fatos e acontecimentos de nosso tempo, representações do momento vivido ou imaginado, como forma de construir a matéria histórica. A investigação utiliza a metodologia da História Oral, apropriando-se das memórias de participantes vivos, depoentes em potencial, passíveis de colaboração. A investigação objetiva revelar os espaços percorridos para a construção do objeto de estudo, bem como os diálogos traçados com os estudos de Halbwachs (2006), Ricoeur (2012), Bosi (1994), Le Goff (2013), Thompson (1992), Meihy (2007) entre outros, sobre história, memória, tempo presente e história oral, bem como, a articulação com os autores Olweus (1993), Silva (2010), Lima (2011), Calhau (2011), Fante (2012), etc., que apresentam nas respectivas pesquisas os fenômenos *bullying* e *cyberbullying* como uma “problemática” do tempo presente, carente de estudo e aprofundamento. É no mover constante da história ao longo do tempo que é possível possibilitar às gerações futuras um mergulho nas memórias de outrora, fazendo com que a moldura do tempo não se apague, mas que se constitua no pano de fundo para sua compreensão e reconstrução.

Palavras-chave: *Bullying-Cyberbullying*. História. Memórias. Tempo Presente. História oral.

ABSTRACT

The present study, ***From bullying to cyberbullying: history and memories*** (1993-2011), (***Do bullying ao cyberbullying: história e memórias escolares***), is a proposal of investigation that contemplates the history of school events in the present time. In this context, the study recreates facts and events of our time and representations of lived and imagined moments as a manner of building history. The investigation uses Oral History methodology, utilizing living participants' memories, and potential deponents, open to collaboration. The study presents three main goals. It aims to reveal the construction process of the object of study; to show the dialogues among the studies of Halbwachs (2006), Ricoeur (2012), Bosi (1994), Le Goff (2013), Thompson (1992), Meihy (2007), and others; about history, memory, present time and oral history; and to show the articulation among Olweus (1993), Silva (2010), Lima (2011), Calhau (2011), Fante (2012), etc.; that see *bullying and cyberbullying* as an actual "problematic" poorly studied. Because of the constant changes in history throughout the time, future generations will be able to "dive" in memories of the past, preserving them alive and building connections for its comprehension and reconstruction.

Keywords: *Bullying-Cyberbullying*. History. Memories. Present Time. Oral history.

RESUMEN

El presente estudio, “**Do bullying al cyberbullying: historia e memorias escolares**” (1993-2011) Es una propuesta de investigación que contempla la historia y las memorias de eventos escolares del tiempo presente. En este contexto, busca recrear hechos y eventos de nuestro tiempo, representaciones del momento vivido o imaginado, como forma de construir la cuestión histórica. La investigación utiliza la metodología de la Historia Oral, apropiándose de las memorias de participantes vivos, declarantes potenciales, abiertos a la colaboración. La investigación objetiva revela los espacios recorridos para la construcción del objeto de estudio, bien como los diálogos trazados con los estudios de Halbwachs (2006), Ricoeur (2012), Bosi (1994), Le Goff (2013), Thompson (1992), Meihy (2007) entre otros, sobre historia, memoria, tiempo presente e historia oral, bien como, la articulación con los autores Olweus (1993), Silva (2010), Lima (2011), Calhau (2011), Fante (2012), etc., que presentan en las respectivas investigaciones los fenómenos *bullying* y *cyberbullying* como una “problemática” del tiempo presente, carente de estudio y aprofundamiento. Es en el movimiento constante de la historia a lo largo del tiempo que es posible permitir a las generaciones futuras un sumergir en las memorias de outrora, haciendo con que la moldura del tiempo no se borre, pero que se constituya en el telón de fondo para su comprensión y reconstrucción.

Palabras clave: *Bullying. Cyberbullying. Historia. Memórias. Tiempo Presente. La historia oral.*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: HISTORICIZANDO O PERCURSO INVESTIGATIVO

1.1 O começo de tudo.....	10
1.2 Do interesse pela temática à delimitação do problema.....	13
1.3 Enunciando o objeto, os objetivos e as fontes.....	19
1.4 O lócus investigativo e os sujeitos da pesquisa	27
1.5 Pressupostos teórico-metodológicos e estrutura do texto.....	28

2. ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL DOS FENÔMENOS *BULLYING* E *CYBERBULLYNG*

2.1 Breve histórico do conceito do <i>bullying</i>	34
2.2 O “ <i>Bullie</i> ” (bully) ou sujeito ativo	38
2.3 O <i>cyberbullying</i> : transposição do “presencial para o virtual”.....	40
2.4 O <i>bullying</i> no cotidiano escolar	44

3. HISTÓRIA E MEMÓRIAS DO *BULLYING* E DO *CYBERBULLYNG*: UM MERGULHO NAS NARRATIVAS DE EDUCANDOS E EDUCADORES

3.1 História e Memórias do bullying no lócus investigativo.....	49
3.2 A História do Tempo Presente: o surgimento do cyberbullying no cotidiano escolar.....	54
3.3 Histórias e memórias de educandos e educadores sobre os fenômenos bullying e cyberbullying.....	58
3.4 – Bullying & Cyberbullying: reminiscências do Tempo Presente.....	73

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....

REFERÊNCIAS.....	82
-------------------------	-----------

ANEXOS	87
---------------------	-----------

1. INTRODUÇÃO: HISTORICIZANDO O PERCURSO INVESTIGATIVO

1.1 O começo de tudo...

Nossas primeiras reflexões ao iniciarmos este trabalho dizem respeito aos obstáculos que vivenciamos quando cursamos as primeiras disciplinas do mestrado, ao sermos aprovados, na seleção de 2013, no Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE/UFPB. Com o descredenciamento de alguns professores do Programa, alguns mestrandos ficaram sem os respectivos orientadores, sendo este o nosso caso e o de outros colegas. Nesse contexto, sempre éramos questionados a respeito de nossos objetos de pesquisa, projeto e metodologia empregada. Nesse universo de aspirações toda aula era uma “confusão” de pensamentos, preocupações, ansiedades e – porque não dizer? – medo. Retrocedemos ao ponto inicial: sem orientador e sem norte, mas com o desejo imenso de estarmos juntos e de construirmos mais uma parte da nossa história, haja vista que, naquele momento, éramos uma só turma.

Relembrando esses acontecimentos recentes de nossa história acadêmica, os fragmentos de lembranças vão-se conectando e *flashes* sobrepõem-se em nossa mente. Hoje, olhando para trás, lembramo-nos de nossos sentimentos naquele momento. O que parecia estar tão perto estava cada vez mais longe, devido a tudo o que estávamos passando.

Como trazer para os debates em sala de aula, nesse cenário de insegurança, o esboço de um projeto de pesquisa, se não sabíamos se esse seria mesmo o projeto ou se ele seria redimensionado? Além disso, quem seria o nosso orientador? A cada aula das disciplinas ministradas no período, ora em Pesquisa em Educação, ora em Educação Brasileira, buscávamos respostas para essas perguntas e procurávamos orientações sobre qual caminho seguir.

A angústia nos dominava, pois imaginávamos a “luta” empreendida para entrar em um curso de Mestrado, vencendo as barreiras, etapa por etapa, e, de repente, em um primeiro momento, nos encontrávamos sem chão, perdendo todas as certezas que tínhamos projetado.

Após esse primeiro impacto e com o passar do tempo, tudo foi tomando forma e sendo elucidado. Todavia, muitos tiveram que modificar seus projetos e objetos de pesquisa e começar novamente. Outros optaram por trocar a linha de pesquisa, para manter os respectivos objeto e objetivos, continuando a investigar sobre algo que gerasse não apenas realização pessoal, mas que fosse significativo para o PPGE e, por conseguinte, para o campo de pesquisa, dos profissionais em educação e para as sociedades futuras.

Presentemente nos situamos nesta segunda proposta. Participamos da seleção do mestrado na linha de pesquisa Processos de Ensino-Aprendizagem, apresentando o projeto: *O cyberbullying no cotidiano escolar: um mapeamento da prática dos alunos na Escola Pública*, no qual pretendíamos investigar, no universo escolar, as práticas dos alunos caracterizadas como *cyberbullying*. Infelizmente, na linha de pesquisa citada, não houve professor(a) que se interessasse pelo objeto de pesquisa, tendo em vista que a docente a quem direcionamos o projeto inicial fora descredenciada do PPGE/UFPA.

A escrita de nossa história, memórias de uma mestranda, vem à tona para mostrar as inquietudes que permearam nossas lembranças e as profundas mudanças ocorridas no percurso. Porquanto, como bem colocado por Bosi (1994, p. 407), “somos de nossas recordações apenas uma testemunha, que, às vezes, não crê em seus próprios olhos e faz apelo constante ao outro para que confirme a visão”. Relutávamos em acreditar no que ocorria, mas buscávamos não desanimar e continuar a percorrer o caminho. Essas lembranças, nas palavras da mesma autora, com o correr do tempo, passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates dentro de um imaginário de recordações cada vez mais profundas. Apagar essas memórias implica em apagar lembranças que definem o que somos, para onde iremos e onde queremos chegar.

Assim, após muitos diálogos e/ou orientações, e ao finalizar as duas disciplinas do primeiro período, fomos integradas à atual linha de pesquisa, História da Educação. Como já mencionamos, os embates foram sendo delineados *a priori*, a partir das duas disciplinas cursadas, nas discussões surgidas em sala de aula com as professoras. Estas, de alguma forma, contribuíram na descoberta de soluções para os “problemas” em curso. Como afirma Freire (2011, p.28), percebemos “a importância do papel do educador, o mérito da paz com que vive a certeza de que

faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Isso foi o que essas educadoras nos proporcionaram, sempre esclarecendo inquietudes, ouvindo, dando sugestões e encorajando a continuação da caminhada. Apreendemos a relevância das discussões proporcionadas pelas catedráticas e a possibilidade de nos encontrarmos em um processo contínuo de aprendizagem, buscando refletir sobre nossas certezas ou incertezas.

Nessa pequena jornada como mestranda do PPGE/UFPB, encontro-me, atualmente, integrada à linha de pesquisa em História da Educação, e escolhi como orientadora a Professora Doutora Maria Elizete G. Carvalho. Conforme nossos diálogos iniciais, procuramos preservar ao máximo o nosso objeto de pesquisa, passando então a considerá-lo sob uma nova perspectiva, o olhar histórico, que compreende que os objetos de estudo estão articulados a um contexto, a um cenário político, econômico, social ou educacional de uma determinada sociedade. E tempo histórico devendo ser compreendidos no âmbito desse conjunto de relações

A partir daí, essa nova perspectiva orientou nossa proposta de estudos. Decidimos por continuar com a temática e modificar o ponto de vista, agora histórico. A investigação foi proposta em dois eixos que se entrelaçam: o *bullying* e o *cyberbullying* e a história. Assim, a pesquisa que nos propomos a analisar tem como título *Do bullying ao cyberbullying: história e memórias escolares (1993 – 2011)* e, como objeto de estudos, a história e as memórias escolares do *bullying* e do *cyberbullying*.

Optamos pelo recorte histórico 1993-2011, por estarem nele contidos momentos importantes do objeto investigado. Tivemos, como referência, para o nosso campo de pesquisa, a teoria da memória, tendo em vista a importância dessa teoria para os objetivos propostos para a investigação.

De acordo com Santos (2012, p. 30):

A memória está presente em tudo e em todos. Somos tudo aquilo que lembramos; somos a memória que temos. A memória não é só pensamento, imaginação e construção social; mas também uma determinada experiência de vida capaz de transformar outras experiências a partir de resíduos deixados anteriormente (SANTOS, 2012, p. 30).

Conforme mencionamos, nosso estudo foi constituído sob a perspectiva histórica. Para tanto, realizamos leituras para abarcar nosso objeto sob esse novo olhar, buscando as reflexões e embasamentos necessários para a compreensão do

bullying e do *cyberbullying*. Isso contribuirá para entendermos melhor a sociedade e o tempo presente, dentro de um contexto histórico em constantes mudanças. Superadas as primeiras dificuldades, iniciamos a trajetória no sentido de conhecer, compreender e aprofundar-se sobre o objeto de estudo e sua respectiva relação com a história do nosso tempo.

Nesse momento, constatamos que precisávamos apreender as nuances desse objeto. Lançamos um olhar mais criterioso e sistematizado sobre essas questões, percebendo os significados das ações descritas nas falas dos sujeitos e o ressentimento em suas respectivas memórias, guardadas pelo “medo” das recordações ou pelo desejo de esquecimento, em uma tentativa de evadir-se da realidade experienciada. Entendemos, como Ecléa Bosi, citada por Soares (2001, p. 40), que “lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Desse ponto de vista, trouxemos uma interpretação do passado para o hoje, um passado presente nas lembranças dos sujeitos que vivenciaram esses fenômenos, para que, com o olhar contemporâneo, possamos nos reportar a esse passado não tão longínquo, refletir sobre essas práticas, registrá-las historicamente e para que essas memórias não se apaguem e não sejam mais uma página da história que desvele para acontecimentos perpetuados pela impunidade.

1.2 Do interesse pela temática à delimitação do problema

Estudar e escrever sobre o tempo presente na história é plantar no solo da memória o questionamento, a reflexão sobre o que se vive. Esse fato, ao mesmo tempo em que se realiza, posteriormente vai ser encarado como passado do presente. Roger Chartier (1993) sustenta a argumentação de que, na história do tempo presente:

O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim, a falta de distância, ao invés de ser um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente separa o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história (CHARTIER, 1993, apud FERREIRA E AMADO, 1996, p. 216).

De igual modo, a história do tempo presente é a base de um espaço singular para uma reflexão, pelos sujeitos de um mesmo tempo histórico, sobre os aspectos e estruturas do social. Como corrobora Motta (2012, p.34), em outras palavras, há, indubitavelmente, uma “unidade temporal do sujeito e do objeto”, sendo o historiador contemporâneo dos acontecimentos aquilo que ele quer refletir e registrar, ou seja, ele vive e escreve sobre o seu tempo. O historiador Braudel (1992, p. 335) assinala que “também no presente [cada um de nós], poderá, a seu gosto, se tiver vontade, sonhar com o que poderia ter sido, refazer a história do seu próprio tempo para melhor compreendê-la”, e, assim, de alguma forma, torná-la mais ampla.

Na tentativa de contar, sob minha perspectiva, a história do próprio tempo, a partir de novos objetos, iniciamos uma reflexão sobre o nosso tempo, a pós-modernidade¹ – marco inicial de um período de transformações e mudanças no mundo contemporâneo. Segundo Saviani (2007, p. 426), “a pós-modernidade centra-se no mundo das comunicações, nas máquinas eletrônicas e na produção de símbolos”. A disseminação da Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC implicou em diversos fenômenos sociais, que acompanharam as transformações. Ao mesmo tempo em que interliga pessoas e culturas geograficamente distantes, a TIC acaba por isolar indivíduos do meio físico, além de torná-los presumíveis ferramentas de propagação de comportamentos “negativos”, que permeiam a história do tempo presente.

Esses comportamentos negativos se propagam em todos os espaços sociais ou, como no dizer de Fante (2012, p. 20), “estamos vivendo uma época da história em que a violência se torna cada vez mais presente em todos os segmentos sociais”, manifestando-se nos últimos tempos na instituição escolar, que busca formas de compreendê-la.

Quando nos reportamos a essas condutas no cotidiano escolar, prontamente nos vêm à memória diversas formas explícitas de violência, como rixas, agressões, pichações e vandalismos contra educadores e educandos. No entanto, nos esquecemos de que, muitas vezes, nas instituições educacionais, prolifera uma

¹ Para Lyon, a pós-modernidade existe como uma ideia ou forma de crítica na mente dos intelectuais e nos meios de comunicação. Embora muitos autores usem variados conceitos para discorrer sobre o fenômeno, um fio une todos eles: a mudança. “o conceito de pós-modernidade faz parte do pensamento social porque nos alerta para algumas mudanças sociais e culturais importantes que estão acontecendo neste final de século XX” (LYON, 1998, p. 9).

violência, em alguns casos, mais cruel e desumana, que quase sempre é ignorada por pais e professores: o fenômeno *bullying*.

O interesse por esse fenômeno iniciou-se, na década de 70 do século XX, com os estudos sobre violência escolar de Dan Olweus, professor na Universidade de Bergen na Noruega. Em 1993, Olweus publicou o livro *Bullying at School* (*Bullying na Escola*), no qual apresenta e discute o *bullying*, os resultados do respectivo estudo, os projetos de intervenção e a relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas do *bullying*. Mais adiante, em 1998, realizou-se a Conferência Europeia – marco importante na história desse fenômeno –, que tratava de iniciativas para combater o *bullying* nas escolas. Ao todo, dezessete países participaram da Conferência. Esse encontro representou um avanço e deu apoio aos estudos do cientista, pioneiro na compreensão do *bullying*.

Segundo os estudos desenvolvidos a esse respeito, o *bullying* é um fenômeno recente, porém cada vez mais recorrente, entre pessoas e grupos sociais diversos; e que se tem intensificado, daí a necessidade e importância de estudá-lo e trazê-lo, para o campo hodierno da história da memória internalizada nos sujeitos que vivem ou vivenciaram esse fenômeno.

Chamamos de *bullying* a forma de maltrato na qual o educando², na ausência de um adulto, promove uma ação violenta com intenção de ofender, machucar, discriminar, tiranizar e/ou amedrontar, entre outras. Representa todas as formas de atitude agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais educandos, em uma relação desigual de poder. Smith (2009) complementa esse conceito afirmando que, para abranger o termo, é preciso incluir o abuso físico e verbal e a exclusão ou isolamento social. De acordo com o mesmo autor, constata-se o *bullying* em diversos contextos e em distintos períodos da vida, diferentemente do que até então se estudava, considerando-se que o *bullying* só estava presente no ambiente escolar. A escola, o lar e o ambiente de trabalho são cenários de violência caracterizados por *bullying*. Onde há uma situação de abuso de poder, existe um espaço propenso à agressão e, por conseguinte, ao *bullying*.

²Vale ressaltar que o *bullying* não é apenas praticado por educandos, mas uma prática recorrente em vários ambientes. Como afirma Calhau (2011), pessoas são perseguidas no ambiente escolar, no trabalho, na internet, sem motivo algum, trazendo sofrimento [...]

Não obstante, com o advento da tecnologia, no auge de um momento histórico no qual as relações interpessoais se tornam cada vez mais virtuais, essa forma pós-moderna de violência, o *bullying*, atravessa as fronteiras das escolas e, até mesmo, das famílias – onde vigoram pequenas violências domésticas – e se transforma em *cyberbullying* – intimidação que ultrapassou o ambiente físico presencial –, uma forma dissimulada de *bullying*, na qual as agressões são virtuais. Corroborando com o exposto, Slonje e Smith (2008, p.14) definem *cyberbullying* como uma manifestação do “*bullying* que ocorre através de tecnologias modernas, especificamente por meio de telefones celulares ou da Internet”. Todavia, apesar de percebermos a ocorrência desses fenômenos em vários espaços e/ou ciberespaços, o que nos interessa investigar é a história e as memórias do *bullying* no cotidiano escolar³ e suas respectivas relações ou transformações em *cyberbullying*. Lima (2011) aponta que, desde 2000, o *bullying* tradicional começou a ser exposto na mídia brasileira; já o *bullying* virtual, no início de 2010.

Estes “jovens antenados”, como se auto-intitulam, apropriam-se, muitas vezes, de ferramentas úteis à comunicação e ao compartilhamento de conhecimento, para disseminarem desrespeito. Como afirma Silva (2010, p. 126):

Os praticantes do *cyberbullying* ou *bullying* virtual utilizam, na sua prática, os mais atuais e modernos instrumentos de internet e de outros avanços tecnológicos na área da informação e da comunicação (fixa ou móvel) com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas. Essa nova modalidade de *bullying* vem preocupando especialistas em comportamento humano, pais e professores em todo o mundo (SILVA, 2010, p. 126).

O *cyberbullying* se dissemina na internet de forma incontrolável e por diversas redes sociais, como *Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*, *You Tube*⁴. Pode-se dizer que o *bullying* digitalizado é a extensão do pátio da escola, onde as agressões podem continuar por longas horas depois do horário escolar. Segundo

³Referimo-nos aqui ao cotidiano escolar como um espaço de relações e inter-relações que, de alguma maneira, interfere na história de vida dos indivíduos.

⁴Para melhor entendimento, trazemos a definição dos termos nas palavras de Lima (2001 p. 33-35): *Orkut*, criado em 2004, é uma rede social que funciona a partir de perfis e comunidades [...] *Facebook*, também criado em 2004, mas apenas depois de 2006 passou a ser usado não somente por adolescentes e jovens universitários, mas por pessoas de todas as idades e nacionalidades. *Twitter* é a mais nova rede social e permite aos usuários enviar e receber atualizações de outros contatos e textos curtos. É muito usado pelos brasileiros para saber algo das celebridades e o que ocorre com seus amigos. *YouTube* é um site de *web* participativa e, também de cultura participativa. A cultura participativa é um termo que normalmente é utilizado onde fãs e outros tipos de consumidores são convidados para participar de forma ativa na criação e circulação de conteúdos.

Pradas(2006), a internet desperta em alguns jovens o sentimento de que não existem regras, valores e padrões de comportamento que regulem as relações da vida em rede.

No que tange à importância do tema, percebemos a necessidade de investigá-lo em dois âmbitos: do ponto de vista da história e da memória, uma vez que se constitui em um fenômeno recorrente, ainda com poucos trabalhos científicos que o analisem; e do ponto de vista das práticas, visto que nem sempre esses fenômenos estão na pauta das discussões escolares. Há, ainda, a falta de informação e de conhecimento teórico sobre o *bullying* e o *cyberbullying* que contribuam, de forma consistente, para a formação continuada de professores e demais profissionais que atuam na área educacional.

Essa constatação é pertinente, visto que fizemos uma pesquisa⁵ na biblioteca virtual, no banco de teses da Capes, da UFPB, e verificamos a incipiente incidência de pesquisas em relação a esses fenômenos. A partir disso surgiu a necessidade de estudarmos algo inovador para contribuir com os profissionais da educação pública e demais instituições da sociedade civil.

Diante do exposto, estamos propondo um estudo da história e das memórias dessa prática no cotidiano escolar. Como o tema é bastante atual e está intrincado em diversos espaços sociais, recorreremos à historiografia, sob a ótica da História Cultural da Educação, tomando também, como referência, os estudos da memória. Nesse sentido, objetivamos interpretar a história e as memórias do *bullying* ao *cyberbullying* no cotidiano escolar pessoense, partindo das lembranças e narrativas de educandos e educadores no período de 1993 a 2011.

Esse recorte temporal se justifica porque se evidenciam fatos recorrentes acerca desse fenômeno na contemporaneidade. Pesquisas (2009) comprovam que o *bullying* está presente nas escolas de todo o mundo, inclusive nas brasileiras. Essas discussões ganharam consistência, em 1993, quando, em Iowa, EUA, um jovem de 13 anos teria cometido suicídio, após ter sofrido *bullying* na escola. Foi a partir daí que Dan Olweus, pesquisador americano, retomou seus estudos e lançou o livro

⁵A pesquisa na biblioteca virtual no banco de teses da Capes foi realizada em 2012, quando estávamos fazendo a tessitura do projeto para a seleção do Mestrado em Educação – PPG/UEPB. Já na atual linha de Pesquisa que nos encontramos: História da Educação, não existem registros de nenhum outro trabalho de dissertação que tenha abordado o tema em tela, nessa perspectiva. Sendo esse o precursor – após a respectiva concretização – de novas reflexões em torno dos fenômenos *bullying* e *cyberbullying*.

Bullying at School (1993), no qual apresenta-se e discute-se esse fenômeno. O conteúdo da obra contém informações importantes para os estudos atuais sobre o que é e como ocorre o *bullying*.

No Brasil, a tragédia ocorrida, em 2011, na escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, no Rio de Janeiro, trouxe à tona esse problema moderno. Esse massacre marcou a história contemporânea brasileira. Na casa do ex-aluno Wellington foi encontrado um vídeo que confirmaria as suspeitas da “vingança”. Segue trecho transcrito da filmagem:

A maioria das pessoas me desrespeitam (sic), acham que sou um idiota, se aproveitam da minha bondade, me julgam antecipadamente. São falsas, desleais. Descobrirão quem eu sou de maneira mais radical numa ação que farei pelos meus semelhantes, que são humilhados, agredidos, desrespeitados em vários locais, principalmente em escolas e colégios, pelo fato de serem diferentes [...] (BRITO, 2011).

Conforme o exposto, Wellington confirma o respectivo desejo de fazer “justiça” com as próprias mãos, em nome de seu sofrimento e de seus semelhantes, evidenciando as marcas que o acometiam. Interpretando-se os fatos, o massacre de Realengo foi um típico caso de *bullying* que se transformou em tragédia: doze adolescentes foram premeditadamente assassinados por esse ex-aluno (vítima do *bullying*) que se suicidou após ser ferido por um policial militar.

Calhau (2011) pontua que “o ano de 2011 talvez seja o grande marco para se determinar qual o caminho deverá ser seguido no combate ao *bullying* escolar no Brasil”, haja vista ter tido o massacre de Realengo repercussão nacional e internacional e haver reacendido o debate sobre a importância de se prevenir o *bullying* nas escolas e sobre a necessidade de desarmar-se a sociedade brasileira. Ambos os casos⁶, tanto o americano quanto o brasileiro, foram motivados pela opressão violenta do *bullying*. No Brasil, no campo social, pedagógico ou legal, pouco ou nada foi feito⁷, para evitar que casos semelhantes ao de Realengo voltem

⁶ Dados indicam que os índices mundiais de alunos envolvidos no fenômeno variam de 6 a 40%. Na Noruega, os estudos realizados por Dan Olweus (1991), demonstraram que um em cada sete estudantes estava envolvido em casos de *bullying*, isto é 15% do total de alunos matriculados na educação básica seriam vítimas ou agressores. (FANTE & PEDRA, 2008). No *bullying* os ataques são repetitivos e marcantes, diferenciando-se esse fenômeno de algumas brincadeiras de mau gosto. Dessa maneira, os dois casos trazem à tona mais uma história de *bullying* no cotidiano escolar.

⁷ No Brasil, não existe pesquisa em âmbito nacional que nos forneça indicadores reais. Entre 2000 e 2003, os autores Fante e Pedra (2008) realizaram uma investigação pioneira em um universo de 2 mil alunos de escolas públicas e privadas da região de São José do Rio Preto. Os resultados foram

a acontecer⁸, assim como também é visível a carência de pesquisas históricas sobre a temática.

Nessa perspectiva, com os avanços tecnológicos recentes e a popularização das TICs, manifesta-se, na história do tempo presente, o *cyberbullying*. Este está estritamente ligado ao *bullying*, e, por isso, é pertinente investigar a história e as memórias desses dois fenômenos, que se entrecruzam no cotidiano escolar, considerando as representações que deles os sujeitos guardam na memória.

1.3 Enunciando o objeto, os objetivos e as fontes.

Os estudos sobre a memória são um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, “relativamente aos quais, a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1994, p.426). A memória é, ainda, segundo Nora (1993, p.9), um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente.

Usar as memórias como fonte histórica é a possibilidade de poder articulá-las, pois é no transbordamento de narrativas do que se viveu ou se vive que os sujeitos externam suas experiências, sentimentos e inquietações em torno do que lhe é investigado. Thompson (1998, p. 117) afirma que:

As fontes orais têm sido utilizadas mais comumente para duas finalidades muito mais limitadas. Em primeiro lugar, há estudos sobre acontecimentos políticos muito recentes que não é possível analisar satisfatoriamente por meio de registros escritos. [...] Em segundo lugar, está a biografia (THOMPSON, 1998, p. 117).

Quando nos reportamos à história do tempo presente, estamos nos referindo a um registro de memória recente, às percepções do que está sendo lembrado, às ideias, às representações que, ao recordarmos, levam-nos a

surpreendentes: 49% dos participantes estavam envolvidos no fenômeno. Desses, 22% eram vítimas, 15% agressores e 12% vítimas agressoras.

⁸De acordo com pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística– IBGE, realizada em 2009, quase um terço (30,8%) dos estudantes brasileiros já foi vítima de *bullying*, a maior parte ocorrida em escolas particulares (35,9%). É pertinente ressaltar que a pesquisa do IBGE não se trata de uma pesquisa histórica e traz um levantamento quantitativo no que concerne à realidade em torno do tema em tela.

penetrar em nossas memórias, dando sentido às lembranças no movimento da história.

Na interpretação de Halbwachs (2006, p. 30), “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. Sobre memória coletiva, Halbwachs (2006, p. 31) afirma que:

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas (HALBWACHS, 2006, p. 31).

Por mais atual que seja essa lembrança, ela não é a mesma, porque não somos mais os mesmos. Nossas ideias e concepções podem ser diferentes, pois temos agora um novo olhar, uma nova percepção para o fato. Nesse estado de lembrar e esquecer, pensar em lembranças contemporâneas concernentes ao *bullying* e ao *cyberbullying* é refletir sobre o constante processo de evolução das TICs – que facilitam o acesso e a difusão de informações e interligam, a cada dia, mais povos e culturas, desafiando barreiras temporais e geográficas –, mas é também escrever a história do tempo presente, o vivido, o lembrado, o esquecido e muitas vezes o próprio silêncio, ou como bem nos coloca Rouanet (2006), para que o acontecido possa ser rememorado e convertido novamente em fermento do acontecer histórico.

Nessa compreensão, ainda bastante ofuscada pelo poder que as tecnologias têm de diminuir fronteiras, encurtar distâncias e aumentar a velocidade de transmissão de informações, muitos tendem a enxergar apenas os benefícios trazidos pela popularização da internet e pela criação e aprimoramento das novas mídias. Como afirma Hobsbawm (1998, p. 106):

O tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, olhar, em função do resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação (HOBBSAWM, 1998, p. 106).

Ricoeur (2007, p.376) acrescenta que:

A história do tempo presente é, parcialmente, uma exceção, na medida em que convoca vivos. Mas é na condição de testemunhas que sobreviveram a acontecimentos, que estão resvalando na ausência decorrida, e, muitas vezes, na condição de testemunhas inaudíveis por parecerem extremamente inaceitáveis, segundo os parâmetros da compreensão habitual dos contemporâneos, os acontecimentos extraordinários que elas testemunham (RICOEUR, 2007, p. 376).

Os dois autores nos chamam a atenção para uma história que convoca os vivos, as testemunhas dos acontecimentos atuais (RICOEUR, 2007) e os coloca em face de fenômenos complexos, como o que estamos nos propondo a refletir, qual seja, o *bullying* e o *cyberbullying*, que estão conectados com as metamorfoses do mundo contemporâneo, com suas respectivas rupturas e continuidades.

Nesse contexto, Taylor (1980) estabelece uma classificação, apresentando o computador como monitor, como ferramenta e como aluno. O autor estabelece, primeiramente, o papel de monitor, pois o computador auxilia e elucida dúvidas; a seguir atua como ferramenta, pois é necessário operacionalizar junto com ele para chegar-se a um fim e, por último, compara-se o computador ao aluno, que colhe informações e processa ao mesmo tempo. Já Marques e Sancho (1987), apresentam o computador como facilitador de aprendizagens, ferramenta de uso didático, quadro interativo e instrumento de planejamento. Esses autores já têm uma imagem mais avançada desse instrumento tecnológico. Na visão deles, a máquina é uma ferramenta básica, que servirá para aprimorar a aprendizagem, e um facilitador, que auxiliará o educador. Outros autores, como Tourón (1992), apresentam o computador com, basicamente, uma única função: a utilização em relação ao processo de aprendizagem do aluno, para a prática de exercício, jogos, solução de problemas, banco de dados, editor de texto, etc.

Por volta de 1982⁹, o desenvolvimento da telefonia e da transmissão dos sinais de rádio e TV já interligavam o mundo, desafiando tecnologicamente tempo e

⁹A **internet** surgiu a partir de pesquisas militares nos períodos áureos da Guerra Fria, na década de 1960. Era preciso, portanto, criar uma rede e, em 1969, com a ARPANET, criada pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency*), ou Agência de Pesquisa de Projetos Avançados, uma subdivisão do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, ela foi criada para a guerra. Com essa rede promissora, os valiosos dados do governo americano estariam espalhados em vários lugares, ao invés de centralizados em apenas um servidor. Isso evitaria a perda dessas informações, caso, por exemplo, uma bomba explodisse no campus. Em seguida, a internet foi usada, inicialmente, nas universidades, onde os estudantes poderiam trocar de forma ágil os resultados de seus estudos e pesquisas. A partir de 1982, como afirma Silva (2001), o uso da Arpanet tornou-se maior no âmbito acadêmico. Inicialmente, a utilização era restrita aos EUA, mas se expandiu para outros países, como Holanda, Dinamarca e Suécia. Desde então, começou a ser utilizado o nome internet.

espaço. A Internet¹⁰ chegava ao País, mas se limitava aos ambientes acadêmicos – computador, nesse período, era artigo de luxo, ao qual apenas uma pequena parte da população tinha acesso. Não imaginávamos que, em um futuro não muito distante, eles se tornariam o centro da vida de significativa parcela da humanidade.

A esse respeito, Hobsbawm (2009, p. 116) acrescenta:

Claro que as invenções que marcaram o século XX – como a fotografia, o cinema, o rádio, a televisão e a reprodução mecânica do som – tiveram enorme importância, que só cresceu com os recentes avanços tecnológicos que continuam a produzir efeitos, sobretudo através da miniaturização, tornando essas tecnologias portáteis e acessíveis em toda parte (HOBSBAWM, 2009, p. 116).

Nessa medida, percebemos que os avanços tecnológicos estão evidentes na sociedade contemporânea, pois fazem parte de um cenário em constante transformação, trazendo para a história do tempo presente questões que não imaginávamos reconstruir, dentre elas o *bullying* e o *cyberbullying*.

Nas palavras de René Rémond (2006, p. 208), os historiadores do tempo presente devem estar atentos às mudanças, acolher novos temas, dar asas à imaginação. Passerini (2006, p. 214) também corrobora esse pensamento, quando afirma que: “Podemos acrescentar que a história – em particular a história do tempo presente – pode contribuir para criar a lacuna que cada geração nova, cada ser humano deve descobrir e preservar mediante um trabalho assíduo”.

Nesse contexto, a internet, atualmente, transformou-se em mais um espaço de convivência. No mundo virtual, é possível exercer atividades antes restritas ao mundo físico, como fazer compras, ler um livro na íntegra, estar perto (virtualmente) de pessoas a quilômetros de distância, estudar, trabalhar, mas...

Se por um lado a internet anula as distâncias (conversamos em tempo real com pessoas de qualquer parte do mundo), por outro, aqueles que não participam disso ficam isolados. Sem falar no fato de que, pela presença da tecnologia, a educação tornou-se ainda mais cara – os equipamentos tornam-se acessíveis, mas o alto grau de obsolescência faz com que eles devam ser trocados frequentemente (LAMAL, 2002, p. 189).

¹⁰Por quase duas décadas, apenas os meios acadêmicos e científicos tiveram acesso à rede. Em 1987, pela primeira vez, foi liberado seu uso comercial nos EUA. Em 1992, começaram a surgir diversas empresas provedoras de acesso à internet naquele país. No mesmo ano, o Laboratório Europeu de Física de Partículas (Cern) inventou a *World Wide Web*, que começou a ser utilizada para colocar informações ao alcance de qualquer usuário da internet (SILVA, 2001).

Ao mesmo tempo em que a internet¹¹ torna-se um meio propício para a difusão de conhecimentos e para a integração entre os povos, transforma-se também em um cenário de exclusão, isolamento, disseminação da violência, troca de ofensas, propagação do ódio e da prática de crimes. Como afirma Paternostro (1991, p.16), “o desenvolvimento tecnológico é um fator sempre ligado a um jogo de poderes, então, assim como pode representar um grande progresso para a humanidade, se bem empregado, se mal utilizado pode causar grandes prejuízos aos seres humanos”.

Podemos observar que o desenvolvimento tecnológico aponta para dois caminhos opostos: o primeiro facilita a vida das pessoas, encurtando caminhos por vias cada vez mais rápidas, conectando-se com a sociedade planetária, difundindo ideias e manifestando sentimentos; o segundo, acirra as diferenças sociais e culturais.

Parafraseando Freire (2011) – cujo pensamento ratifica nossa investigação, ao afirmar que o avanço da ciência e/ou da tecnologia, pode legitimar uma “ordem” desordeira, na qual só as minorias do poder esbanjam e gozam, enquanto as minorias encontram dificuldades inclusive para sobreviver –, se diz que a realidade é esta mesma, que sua fome é uma fatalidade do fim do século. Em face disso, surgem questionamentos basilares que acometem qualquer educador: Como surgiu o *bullying* na escola? Como esse fenômeno insurgiu-se? Como se tem desenvolvido? O quê conduz um aluno ou um grupo de alunos a praticar o *bullying*? E ainda: por que as lembranças dessa prática ficam internalizadas nas memórias dos educadores e educandos, ou melhor, como são encontradas essas lembranças nas memórias desses sujeitos?

Sendo o Brasil um país com tanta desigualdade social e com uma cultura pluralizada, não se pode afirmar que o acesso aos meios tecnológicos se efetive de maneira homogênea em todas as classes sociais. O analfabetismo, ainda existente, a miséria e a exclusão social e digital distanciam grande parte da sociedade dos meios de comunicação e das relações em rede. Nessa assertiva, buscamos trazer, para o campo de investigação, a história e as memórias do *bullying* e do

¹¹Lima (2011) afirma que, no início do século XXI, com a popularização da Internet, surgiu o conceito de Internet 2.0, também conhecida como *web* participativa. Esse termo foi utilizado para descrever o conceito de serviços de *web* e novos tipos de aplicação de *software* que permitem aos usuários colocar e contribuir para o processo, desenvolvendo, comentando, ou distribuindo conteúdos digitais na Internet (OCDE, 2007).

cyberbullying e suas manifestações no cotidiano escolar. Por serem muito novos, não tem sido atribuída a devida importância a esses fenômenos, sendo eles tratados de modo superficial, embora estejam cada vez mais presentes na vida cotidiana de crianças, jovens e adultos, e, por conseguinte, dos nossos educandos e educandas. Como indica Silva:

Não há como negar que vivemos tempos difíceis, em que a violência e a agressividade infanto-juvenil são crescentes e ameaçam a todos nós. Seja como pais ou educadores, seja como membros de uma coletividade, de um estado ou de toda a sociedade, nenhum de nós está imune a essas circunstâncias. Direta ou indiretamente sofremos os efeitos desta forma de agir adotada por muitos jovens (SILVA, 2010, p.60).

Como já observamos, os trabalhos científicos que abordam o *bullying* e o *cyberbullying* são poucos, bem como são raras as estatísticas a eles relacionadas. Partindo desse enfoque, nossos estudos se fundamentam na pouca literatura existente, bem como em artigos de revistas e na pesquisa *online*, além de pesquisas de outros autores, cujos estudos se atentaram para o desenvolvimento do educando de maneira global, de forma que esse educando “assuma o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor do que lhe seja transferida” (FREIRE, 2011, p. 121), ou nos dizeres de François Jacob (1991), “seres programados, mas para aprender”. Em especial, procuraremos entender os fenômenos do *bullying* e do *cyberbullying* no cotidiano escolar, a partir das memórias e narrativas de professores e educandos que os experienciaram no período de 1993 a 2011, tomando os estudos da memória como referência. Nesse sentido, Santos (2012, p. 111) acrescenta, usando as palavras de Marcuse (1974):

O verdadeiro valor da memória está na sua função específica de preservar promessas e potencialidades que foram traídas e até rejeitadas pelo indivíduo maduro e civilizado, mas que um dia já foram satisfeitas no obscuro passado, sem nunca terem sido totalmente esquecidas (MARCUSE, apud SANTOS, p. 18-19, 1974).

Diante dessas reflexões iniciais, pretendemos realizar um recorte histórico do nosso objeto, tomando como período de interesse os anos de 1993 a 2011. O início dessa temporalidade, 1993, corresponde aos primeiros registros de trabalhos publicados sobre *bullying*, com o lançamento do livro de Olweus (1993). Já o final, 2011, concerne ao aprofundamento do processo de globalização da economia e da informação, potencializado, sobretudo, pela revolução digital, que, embora tivesse

início ainda no fim do século XX, tornou-se efetivamente uma revolução do século XXI, o que traz para nosso contexto o *cyberbullying*.

Dessa forma, balizamos o ano de 2011 para compreendermos como a revolução digital vem atuando na vida dos indivíduos – uma vez que a evolução tecnológica atual proporciona aos sujeitos uma vida dentro do ciberespaço, de certo modo sem limites e regras, que interfere de modo direto nas relações interpessoais que são estabelecidas no cotidiano em rede –, bem como apontar os enfrentamentos dessa problemática atual (o *cyberbullying*) em sala de aula e fora dela.

Nessa perspectiva, temos como objetivo geral interpretar a história e as memórias de educadores e educandos sobre *bullying* e *cyberbullying* no cotidiano escolar pessoense e como objetivos específicos identificar o surgimento e a formação do *bullying* e do *cyberbullying* em instituições educacionais de João Pessoa e analisar as representações dos entrevistados e respectivas memórias sobre o tema em discussão.

No período de interesse, as pesquisas PlanBrasil (Aprender sem medo, 2009) apontam que a ocorrência de *bullying* nas cinco regiões do País segue distribuição semelhante à observada a respeito de maus-tratos, sendo mais frequente entre os estudantes da região Sudeste: 15,5%. Na sequência estão: Centro-Oeste (11,7%), Sul (8,4%), Norte (6,2%) e Nordeste (5,4%). Apesar de o Nordeste aparecer no *ranking* como último colocado, prática desse fenômeno no cotidiano escolar vem crescendo constantemente na região. A Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência – ABRAPIA (2003) também realizou uma pesquisa em onze escolas do município do Rio de Janeiro, contando com a participação de 5.857 alunos, de 5ª a 8ª séries. Os resultados divulgados mostraram que 40,5% desses estudantes admitiram estar envolvidos em *bullying*.

A partir dos dados apresentados, consideramos que são relevantes nossas inquietações acerca do *bullying* e do *cyberbullying* nos espaços escolares pessoenses. Destarte, como os educandos e os educadores vêm guardando essas lembranças em suas memórias, do momento vivido ao momento lembrado? O que eles falam? O que silenciam? O que podemos perceber em suas recordações? O que foi modificado e selecionado a partir dessas lembranças?

Como afirma Gallian (1996, p. 143), “a memória pressupõe a alteridade e a dinâmica do próprio indivíduo: não somente o presente é experimentado

subjetivamente, mas também o passado é experimentado subjetivamente no presente”. Ao reconstruirmos a história e as memórias do *bullying* e do *cyberbullying* no cotidiano escolar pessoense, no período de 1993 a 2011, estamos escrevendo a história do tempo presente, mergulhando nos pensamentos e sentimentos, no tempo dos indivíduos, e no modo como essas memórias tendem a reviver-se, reinterpretando um tempo vivido em forma de narrativa, que fará parte de uma história em permanente (re)construção. Nesse sentido, Halbwachs (1968, p. 5) se posiciona: “se as imagens se fundem estreitamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar às lembranças sua substância, é porque nossa memória não é como uma tabula rasa”.

Podemos observar que a memória não é uma “tela em branco”, que se vai pintando de forma aleatória; ao contrário, está permeada de acontecimentos, pensamentos e narrativas que dão ritmo às lembranças dos indivíduos no percurso da história. As lembranças são as peças-chave para que estructuremos a moldura dessas “telas em branco” e, para que, no reconstruir dos acontecimentos, possamos dar sentido ao que nos é contado, para projetarmos a imagem, em forma de escrita, dos sentimentos e das vivências em torno dessas recordações, no nosso caso, o *bullying* e *cyberbullying*.

Dessa forma, os estudos da memória nos dão o arcabouço teórico para revisitarmos essas lembranças que, por vezes, podem não ser tão presentes, mas, como afirma Soares (2001, p. 21), “é pelo presente que se explica o passado – o acontecimento atual, efeito dos acontecimentos passados, é que permitirá bem perceber e bem avaliar esses acontecimentos passados”. Nessa assertiva, ao revisitarmos essas lembranças, ao reler uma experiência vivida, reconstituímos¹² uma história e fomentamos a visibilidade das configurações conservadas pelo tempo, na escrita dessa mesma história.

¹² Reconstituir nesse texto deve ser compreendido nos limites da representação que cada indivíduo ou grupo realiza sobre um acontecimento, um discurso, um ideário, uma prática, que traz vestígios, traços desses acontecimentos, mas não é o acontecimento em si, conservado no tempo. Nessa nova configuração, o olhar que reconstitui traz também marcas do presente, a subjetividade do indivíduo. Assim, reconstituir é refazer, reler uma experiência que se apresenta transformada ou marcada pelos elementos e subjetividades no novo tempo (CARVALHO, Maria Elizete G.; BARBOSA, Maria das Graças da C.; SANTOS, Luciana Martins T. **Golpe civil militar e ditadura na Paraíba: história, memória e construção da cidadania**, 2014, p. 173-201).

1.4 O *locus* investigativo e os sujeitos da pesquisa

Nosso *locus* de investigação inicial é uma escola particular, localizada na região metropolitana da cidade de João Pessoa/PB¹³. A instituição foi fundada em 1964, mas só obteve prédio próprio em 1997. Funciona nos períodos matutino e vespertino, com uma média de 450 alunos, e as modalidades de ensino vão da educação infantil ao ensino médio. Escolhemos a referida escola como campo inicial de pesquisa, porque, de acordo com a gestora escolar, a instituição tem sido lugar de manifestação de *bullying* e *cyberbullying* desde meados dos anos 2000, atingindo todos os envolvidos no processo educacional, de maneira direta os educandos e educadores, e de maneira indireta, os familiares.

Como nossa intenção refere-se à história e às memórias dos sujeitos, na perspectiva dos estudos da memória e da História Oral, o *locus* de investigação torna-se “dispensável”, pois os entrevistados, ao retomarem as respectivas lembranças, poderão escolher o local que lhes ofereça mais tranquilidade e confiança. Como afirma Thompson (1998, p.265), “quase sempre, o melhor é ficar sozinho com o informante. A completa privacidade proporcionará uma atmosfera de total confiança em que a franqueza se torna muito mais possível”.

Nesse sentido, respeitamos as decisões dos entrevistados para que as entrevistas fluíssem naturalmente, exprimindo o que eles sentiam e o que recordavam sobre a vivência de *bullying* e *cyberbullying* no ambiente escolar. Também é essencial que haja a disposição para o lembrar, pois esse traço da “memória é especialmente importante para o processo de entrevista” (THOMPSON, 1998, p.185). O lembrar, numa entrevista, “é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte” (THOMPSON, 1998, p. 185). A entrevista proporciona maior interação entre pesquisador e pesquisado, porque acontece num tempo e num espaço imediato, onde é possível captar através da fala, do contato direto do olhar, do gesto e da respiração a carga de emoção que as narrativas dos sujeitos trazem à tona.

¹³Em respeito aos termos acordados com a instituição de ensino, bem como, com os sujeitos da pesquisa, a cidade, a escola e os entrevistados não serão identificados/as, como parte de um conjunto de medidas preventivas à perda da confidencialidade.

1.5 Pressupostos teórico-metodológicos e estrutura do texto

Na busca pela definição de estratégias para selecionar os sujeitos e propor um recorte à pesquisa, elegemos como pressuposto teórico-metodológico a abordagem qualitativa, por atender ao interesse de se trabalhar com o espaço “das relações, dos processos e dos fenômenos”, ou seja, o universo de significados, motivações, aspirações, valores e atitudes (RICHARDSON, 1999; TRIVINÕS, 1990, p. 112). Além da pesquisa documental – leis e/ou pareceres que evidenciam o tema em discussão –, utilizaremos a metodologia da História Oral, que se baseia na historiografia e em princípios éticos voltados para a criação intencional de fontes, na construção de narrativas.

Sendo uma perspectiva teórico-metodológica de pesquisa, a História Oral, como indica Meihy (1996, p. 13), “é um recurso moderno usado para a elaboração e documentos, arquivamento e estudos referentes à vida social das pessoas. Ela é sempre uma *história do tempo presente*, também conhecida *de história viva*”. Portanto, não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Ela é técnica e fonte. Conforme Freitas (2006, p.27), trata-se de uma metodologia de trabalho “cujo método consiste na realização de depoimentos pessoais orais, por meio de técnica de entrevista que utiliza um gravador, além de estratégias, questões práticas e éticas relacionadas ao uso desse método”. Ainda sobre isso, Thompsom (1998) acrescenta que o gravador tem permitido que a fala de gente comum – sua habilidade narrativa, por exemplo – seja, pela primeira vez, seriamente compreendida.

Meihy (1996) corrobora com os autores, afirmando que a História Oral tem aproximado pessoas e instituições preocupadas com dois aspectos importantes da vida contemporânea: 1) o registro, arquivamento e análise da documentação colhida por meio do recolhimento e trabalho e edição de depoimentos e testemunhos feitos com recursos da moderna tecnologia; 2) a inclusão de histórias e versões mantidas por segmentos populacionais antes silenciados, por diversos motivos, ou que tenham interpretações próprias, variadas e não oficiais, de acontecimentos que se manifestam na sociedade contemporânea.

Por meio da História Oral, por exemplo, pessoas comuns, de classes menos favorecidas (mulheres, índios, negros, homossexuais, desempregados, entre outros) têm encontrado espaço para resguardar suas palavras, concedendo atenção social às experiências vivenciadas pelos sujeitos, sob a ótica de várias particularidades que os acompanham. Nesses termos, como afirma Thompson (1998, p. 167):

Uma das grandes vantagens da história oral, é que ela possibilita ao historiador compensar o viés presente nas fontes bibliográficas habituais, por exemplo, a tendência de a autobiografia publicada provir das classes superiores ou dos profissionais de nível superior, ou de líderes operários, e não de pessoas comuns do povo (THOMPSON, 1998, p.167).

Diante da importância desse diálogo com os interlocutores da pesquisa, realizamos entrevistas com seis sujeitos: quatro educandos e dois educadores do cotidiano escolar pessoense. As entrevistas foram transcritas e apresentadas nos anexos deste trabalho. Optamos por educadores e educandos porque esses agentes sociais nos possibilitaram caminhar por diferentes vozes, observando diversos prismas acerca dos fenômenos, tendo em vista a importância das memórias e das lembranças desses sujeitos para reconstruirmos a história do tempo presente. Pensar as possibilidades da história do presente, sem esquecer as dificuldades e diferenças, reafirma sua essência de história, portanto toda história deveria levar uma só nota: História. Como conceitua Sirinelli (1999), por seus motivos, seus métodos, suas fontes, a história do presente não difere em nada da história do século XIX.

Na pesquisa documental será investigado o projeto pedagógico curricular da escola, como documento que apresenta as intenções, as aspirações e os objetivos da comunidade escolar, dando ênfase às ações voltadas ao enfrentamento dos problemas do cotidiano escolar, entre eles, o *bullying* e o *cyberbullying*. Investigaremos também documentos escritos que tratam do *bullying* e *cyberbullying* na Paraíba, que constam das normas e regras que visam garantir uma convivência saudável e equilibrada no ambiente escolar, contribuindo para o bom andamento da experiência do aluno e do seu pleno desenvolvimento cognitivo. Portanto, os documentos serão estudados na perspectiva da história do tempo presente.

Segundo Minayo (1994, p. 102), “a amostra ideal é aquela capaz de refletir as totalidades das suas múltiplas dimensões”. Escolheremos educadores e educandos do cotidiano escolar pessoense que vivenciaram essa experiência

educativa no período de interesse, tendo como proposta analisar o que eles recordam das vivências e quais são suas representações diante dessa temática, procurando compreender, nas narrativas dos sujeitos, a história vivida acerca do *bullying* e do *cyberbullying* no cotidiano escolar.

A entrevista é um procedimento de coleta de informações de suma importância em uma pesquisa orientada pela História Oral. Conforme Thompson (1992, p.258),

O argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher olha para trás e enxerga a própria vida, eu sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista; mas para esse fim, essas coisas se tornam o texto fundamental a ser estudado. Assim, quanto menos seu testemunho seja moldado pelas perguntas do entrevistador, melhor. Contudo, a entrevista completamente livre não pode existir. Apenas para começar, já é preciso estabelecer um contexto social, o objetivo deve se explicado, e pelo menos uma pergunta inicial deve ser feita; e isso tudo, juntamente com os pressupostos não expressos, cria expectativas que moldam o que vem a seguir (THOMPSON, 1992, p.258).

O uso eficaz desse instrumento exige que o pesquisador tenha definido claramente os objetivos da pesquisa, o contexto de realização, o roteiro de entrevista e que se comporte com ética e pertinência diante do entrevistado. Chizzotti (1993) considera que o entrevistador deve manter-se na escuta ativa e com a atenção receptiva a todas as informações prestadas, quaisquer que sejam elas, intervindo com discretas interrogações de conteúdo ou sugestões que estimulem a expressão mais circunstanciada que interessa à pesquisa e ressalta a importância da perspicácia do entrevistador para saber interferir sem conduzir a pesquisa.

É importante lembrar, usando as palavras de Gallian (1996), que todas as informações que a entrevista História Oral traz à tona advêm da memória do entrevistado e esta “não pode ser entendida como uma espécie de depósito acumulador de experiências que ficam ali guardadas até que sejam resgatadas ou lembradas, mas sempre objetivamente”, em estado límpido. Nesse sentido, podemos compreender que as memórias dos entrevistados sobre *bullying* e *cyberbullying* são memórias transformadas pelas configurações do tempo presente e por sua própria história. A História Oral, segundo Lozano (2006), poderia distinguir-se como um procedimento destinado à constituição de novas fontes para a pesquisa

histórica, com base nos depoimentos orais colhidos sistematicamente em pesquisas específicas, sobre métodos, problemas e pressupostos teóricos explícitos. Fazer História Oral significa, portanto, não apenas relatar a história de indivíduos, mas produzir conhecimentos históricos que servirão, posteriormente, como fontes para novas pesquisas. Como afirma Thompson (1998), em alguns campos, a História Oral pode resultar não apenas numa mudança de enfoque, mas também na abertura de novas áreas importantes de investigação.

Para a realização da atual pesquisa, optamos pela entrevista semiestruturada, pois entendemos que é necessária a elaboração de um roteiro que nos auxilie na condução das entrevistas, no sentido de não nos afastarmos dos objetivos da pesquisa. Thompson (1998, p. 271) afirma que

Uma entrevista é uma relação social entre pessoas, com suas convenções próprias, cuja violação pode destruí-la. Fundamentalmente, espera-se que o entrevistador demonstre interesse pelo informante, permitindo-lhe falar o que tem a dizer sem interrupções constantes, e que, se necessário, proporcione ao mesmo tempo alguma orientação sobre o que discorre. Por baixo disso tudo está uma idéia de cooperação, confiança e respeito mútuo (THOMPSON, 1998, p. 271).

A utilização do roteiro não significará a condução do entrevistado, que terá liberdade na formulação das respostas e espaço para elaborar novos questionamentos, mas a relativização das perguntas, dando ao entrevistado a liberdade e possibilidade para levantar outros questionamentos, não previstos pelo pesquisador, o que poderá ocasionar uma melhor compreensão do objeto em questão.

Nessas entrevistas, dialogamos com os educadores e com os educandos a respeito de suas memórias em torno de acontecimentos escolares sobre *bullying* e *cyberbullying*, procurando identificar de que modo os educadores e educandos apreendem esse fenômeno no cotidiano escolar.

Além desses recursos, utilizamos o caderno de campo, no qual registramos informações e percepções decorrentes das conversas informais, que nos apoiaram no desenvolvimento de toda a pesquisa. Porquanto, de acordo com Meihy (2007, p. 151), “aconselha-se vivamente o uso do caderno de campo no acompanhamento das entrevistas e no registro da evolução do projeto”. O mesmo autor nos coloca que esse instrumento de pesquisa funciona como o diário íntimo, no qual registramos as observações – inclusive os problemas de aceitação das ideias dos entrevistados –, bem como todo e qualquer pensamento teórico

decorrente de debates acerca do assunto, e, ainda, uma das funções do referido instrumento é “possibilitar um diálogo frequente e constante em relação ao projeto inicial” (MEIRY, 2007, p. 152).

Diante do exposto, nosso trabalho apresenta a seguinte estrutura: o primeiro capítulo, a *Introdução*, trata das nossas primeiras impressões como aluna de Mestrado – PPGE/UFPB, de como traçamos o percurso investigativo, historiando o tema, mostrando o interesse pela temática, a delimitação do problema, os objetivos almejados e as fontes, o lócus investigativo e os pressupostos metodológicos. Esse capítulo se pauta na necessidade de contarmos nossa própria história como mestrandas do PPGE/UFPB e de estudarmos a história do tempo presente, para compreendermos um momento histórico (vivo ou vivente) presente nas lembranças dos nossos interlocutores, que, de algum modo, trazem histórias e memórias que marcaram essa época.

Em contraponto, apropriamo-nos da metodologia da História Oral para dar voz aos entrevistados, pois, como afirma Thompsom (1998), por meio da História Oral as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças pelas quais passam em suas próprias vidas. Dessa forma, reconstruímos esse cenário, como também estendemos e aumentamos o campo de ação da produção histórica, dentro de um contexto social que se modifica através dos tempos.

No segundo capítulo, *Abordagem histórico-conceitual dos fenômenos bullying e cyberbullying*, buscamos o esclarecimento histórico do surgimento dos fenômenos *bullying* e *cyberbullying*, apoiando-nos na literatura especializada sobre o assunto, publicada em meio impresso e eletrônico, a fim de traçar um parâmetro conceitual que permita a compreensão do tema estudado numa perspectiva histórica. Com base em nossas leituras e pesquisas nos textos de autores especialistas nesses fenômenos, em nossos estudos, evidenciamos também fatos ocorridos nessa época (1993-2011), para entendermos porque o presente torna-se passado na história de vida das pessoas e vice-versa.

No terceiro capítulo, *História e memórias do bullying e do cyberbullying: um mergulho nas narrativas dos educandos e educadores*, delineiam-se os estudos acerca da história, memória e tempo presente, como também a interpretação da história e das memórias, por meio das narrativas dos entrevistados em torno do *bullying* e *cyberbullying*, sob a ótica da metodologia da História Oral. Como bem nos coloca Ricoeur (2012, p.108), “é principalmente na narrativa que se articulam as

lembranças no plural e a memória no singular, a diferenciação e a continuidade”. Ou no pensar de Thompson (1992), a memória pode “certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história”. Compreender os fenômenos do *bullying* e do *cyberbullying* pelos olhares e pelas diferentes vozes de educandos e educadores nos permite ampliar a moldura do seu tempo, pois a memória não tem fim nem fronteiras. Por essa razão, trouxemos para o campo de discussão acontecimentos atuais, criando um viés de que a história não para de ser contada e que, a todo o momento, podemos nos defrontar com acontecimentos que precisam ser registrados, para que tomemos conhecimento de sua importância dentro de uma sociedade em profunda transformação.

Por fim, trazemos, nas *Considerações Finais*, a conclusão de nossa pesquisa, levando em consideração a literatura estudada, bem como a experiência de vida das pessoas, contada pela ótica da História Oral. Demonstramos que, posteriormente, esta pesquisa pode ser utilizada como arcabouço da história, que, por sua vez, narra a história do tempo presente, mas que poderá se tornar do passado. Como afirma Thompson (1992, p. 25), “os historiadores orais podem pensar agora como se eles próprios fossem editores, imaginar qual a evidência de que precisa, ir procurá-la e obtê-la.” As linhas de divisão entre presente e passado não rasgam o processo de continuidade, pois a história, cada vez que é escrita, possui algo “novo” a acrescentar, a ressignificar e a reconstruir.

Desse modo, procuramos, através da História Oral, captar as impressões, as ações, as ideias, a fala ou o próprio silêncio como representação para a reconstrução das memórias dos sujeitos, dando ritmo aos pensamentos que se concretizam em história. Como descrito por Halbwachs (1968, p.36), “o funcionamento da memória individual não é possível sem estes instrumentos que são as palavras e as ideias, as quais não são inventadas pelos indivíduos, mas que eles as empregam no seu meio”. Destarte, evidenciamos a relevância das vozes dos nossos sujeitos pesquisados que, ao contar a própria história, estão contribuindo para o alargamento do interesse em torno das discussões do *bullying* e do *cyberbullying*. As reflexões não acabam por aqui, mas podemos afirmar que este será o ponto inicial para pensarmos nesses fenômenos e em suas respectivas implicações no contexto social, educacional e histórico, sob a luz da História da Educação.

2 ABORDAGEM HISTÓRICO-CONCEITUAL DOS FENÔMENOS BULLYING E CYBERBULLYING

No presente capítulo, buscamos o esclarecimento histórico do surgimento dos fenômenos *bullying* e *cyberbullying*, apoiando-nos na literatura especializada no assunto, publicada em meio impresso e eletrônico, a fim de traçar um parâmetro conceitual que permita a compreensão do tema estudado numa perspectiva histórica.

2.1 Breve histórico do conceito do *Bullying*

Os estudos iniciais acerca do *bullying* foram realizados no século passado, na década de 1970, por Dan Olweus, professor e pesquisador americano. Olweus é considerado o “pioneiro” no estudo do fenômeno *bullying*, pois foi ele quem deu início aos estudos sobre a violência nas escolas, fenômeno que, posteriormente, foi por ele denominado *bullying*.

Como podemos observar, o *bullying* não é um fenômeno novo, porém, apenas nos últimos anos esse fenômeno vem ganhando destaque na mídia e gerando uma série de discussões entre estudiosos e profissionais da educação. Para melhor entendimento, voltemo-nos para a década de 1970, quando a sociedade mundial começa a percebê-lo na Suécia e, logo em seguida, os países vizinhos começaram a se preocupar com a temática. O pesquisador Dan Olweus, em 1978, na Universidade de Bergem, Noruega, principia o desenvolvimento de critérios para detectar o *bullying*, com a análise da natureza e ocorrência das agressões, como assinala Fante (2012, p.45):

O pesquisador Dan Olweus [...] foi quem criou os primeiros critérios para que fosse possível identificar o fenômeno de forma mais específica [...] Originou-se então uma campanha nacional, com o apoio do governo norueguês, que conseguiu reduzir em 50% os casos de *bullying* nas escolas (FANTE, 2012, p. 45).

Os estudos e toda a trajetória de pesquisa de Olweus podem ser encontrados no sítio *OLWEUS, Bullying Prevention Program—Research and History*¹⁴. Tais estudos resultaram na publicação de vários livros em torno dessa temática. Entre as publicações mais conhecidas, encontra-se o livro *Bullying at School* (1993), no qual o problema é apresentado e discutido. O conteúdo nele publicado contém informações sobre como ocorre o processo do *bullying*, que são de grande relevância para auxiliar na identificação de agressores e vítimas.

Com base no breve histórico de surgimento da ideia de *bullying*, registramos uma das definições mais citadas, que tem sua origem nos estudos de Olweus. Para o autor (1993, p. 9), *bullying* é “quando uma pessoa é intimidada e fica exposta, repetidamente e ao longo do tempo, às ações negativas por parte de uma ou mais pessoas, e ele ou ela tem dificuldade em defender-se”¹⁵.

Alguns autores brasileiros que também tratam dessa mesma temática conceituam *bullying*. De acordo com Fante (2012, p. 27), “*Bullying* é uma palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão [...]”

Para Calhau (2011, p.5):

Bullying [...] é um problema que, em não sendo controlado, propicia a ocorrência de situações-problema e a sua posterior reprodução no meio social, de forma que a tolerância e o respeito sejam abandonados em detrimento de uma linha de relação interpessoal, em que seja aplicada a exploração do mais fraco pelo mais forte (CALHAU, 2011, p. 5).

Maldonado (2011, p. 14) traz a seguinte contribuição:

Bullying é um fenômeno amplo e complexo: ocorre em várias faixas etárias, em escolas públicas e particulares [...] provoca sofrimento nos que são atingidos por agressões repetitivas, feitas por uma pessoa ou grupo que tem mais poder com intenção de magoar, aterrorizar, intimidar, ameaçar, depreciar, excluir e prejudicar uma pessoa ou grupo com menos poder (MALDONADO, 2011, p. 14).

Lopes Neto (2004, p. 165) acrescenta, pontuando que:

Bullying compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma

¹⁴ Disponível em: http://olweus.org/public/bullying_research.page?menuheader=2, Acesso em: 22 janeiro de 2014.

¹⁵ Tradução livre da autora: A person is bullied when he or she is exposed, repeatedly and over time, to negative actions on the part of one or more other persons, and he or she has difficulty defending himself or herself.

relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequência da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes (LOPES NETO, 2004, p. 165).

Se recorrermos ao dicionário, encontraremos a seguinte tradução para a palavra “bully”: valentão, fanfarrão, capanga. Já a expressão “*bullying*”, como afirma Silva (2010, p. 21), corresponde a um conjunto de atitudes de violência física e/ou psicológica, de caráter intencional e repetitivo, praticado por um *bully* contra uma ou mais vítimas que se encontram impossibilitadas de se defender.

Fante e Pedra, em seu livro *Bullying Escolar: perguntas e respostas* (2008, p.39), citam a contribuição do pesquisador Dan Olweus (1978 a 1993), que estabeleceu três características centrais para identificar as condutas próprias do *bullying* e diferenciá-las de outras brincadeiras, quais sejam:

- 1- Ações repetitivas contra a mesma vítima num período prolongado de tempo;
- 2- Desequilíbrio de poder nas relações interpessoais dos envolvidos; o que dificulta a defesa das vítimas;
- 3- Ausência de motivos que justifiquem os ataques.

É pertinente também revisitar a origem da palavra “*bullying*”, sendo ela um termo da língua inglesa, que significa *bull*=touro; *bully*=tirânico; *bullying*=ameaçar, maltratar. Para Calhau (2011, p.7), “um dos erros que devemos evitar numa avaliação de situação ou não de *bullying* é a precipitação”. Por conseguinte, as contribuições do professor e pesquisador Dan Olweus são de grande relevância para a análise das situações definidas como *bullying*.

Como podemos observar, mediante as reflexões dos autores, o *bullying* tem suas raízes nas atitudes discriminatórias e preconceituosas dos indivíduos, portanto não seria impetuoso afirmar que, ao longo da sua história de vida, pessoas, indivíduos e sujeitos, de alguma forma, já sofreram uma situação-problema denominada na história do tempo presente de *bullying*.

Como já mencionamos, o *bullying* é mais comum nas escolas e pode ocorrer com crianças, jovens e adultos. Porém, existem outros ambientes nos quais podemos detectar a ocorrência de *bullying*, como o profissional, o educacional, o esportivo, o religioso, o militar, etc. Como afirma Maldonado (2011, p.47):

O *bullying* no local de trabalho é um problema mais profundo do que a maioria das pessoas imagina. Há chefes, gerentes, supervisores e até diretores de organizações que, por seu comportamento abusivo, contribuem amplamente para criar um ambiente de trabalho opressor e altamente

competitivo em que os funcionários se sentem ameaçados a ponto e se voltarem uns contra os outros (MALDONADO, 2011, p.47).

Para Carme Orte Socais (1996), catedrática em psicologia da Universidade das Ilhas Baleares, na Espanha, esse fenômeno é considerado um mal-estar, que se apresenta na perspectiva oculta, na indiferença e no desconhecimento, obtendo força na ausência de valorização pessoal, intelectual, emocional e social adequada daqueles que são vítimas desse fenômeno.

Trazendo essa reflexão para o campo da historiografia, podemos considerar o *bullying* como um fenômeno novo, *porque vem sendo* objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, e, ao mesmo tempo, antigo, por se tratar de uma forma de violência que sempre existiu nas escolas (FANTE, 2012) e que afeta países ricos e pobres. Assim, podemos considerar o *bullying* um tipo específico de violência, não somente escolar.

Esse fenômeno deixa marcas e lembranças na história dos indivíduos que, por vezes, permanecem latentes, tão vivas quanto seu próprio suspiro de vida, guardadas na memória como algo a se temer, mal resolvido e que causa dor. Como afirma Silva (2010, p.14):

Não tenho dúvidas que o *bullying* não pode ser mais tratado como um fenômeno exclusivo da área educacional. Atualmente ele já é defendido como um problema de saúde pública, e por isso mesmo, deve estar na pauta de todos os profissionais que atuam na área médica, psicológica e assistencial de forma mais abrangente. [...] Temos que ter em mente que é na aurora de nossa vida que devemos aprender a não tolerar qualquer tipo de violência, de preconceito e de desrespeito ao próximo (SILVA, 2010, p.14).

Sobre as lembranças, Silva (2011, p. 13) também pontua:

Imersa em lembranças escolares, cenas vividas afluíam em minha tela mental. Pude distinguir com clareza, as brincadeiras saudáveis, das quais fiz parte, daquelas “falsas brincadeiras” que camuflavam sentimentos pouco nobres, de intolerância, de preconceito, de ignorância e de “maldade” consciente. Naquela época, mal poderia imaginar que mais à frente, eu estaria às voltas com o comportamento humano e com o dos alunos no âmbito escolar (SILVA, 2010, p.13).

Podemos interpretar esse “mais à frente”, que a autora coloca, com as palavras de Leopold Von Ranke (2006): a história dos tempos mais recentes ou história contemporânea e história do tempo presente pode designar a história da época que se vive. Podemos afirmar que a história do nosso tempo é uma história também de sentidos, significações e lembranças dos sujeitos que viveram os

acontecimentos “recentes”, mas que ficaram internalizados na memória por algum fato ou motivo.

As narrativas dos sujeitos que já viveram ou vivenciaram o *bullying* e o *cyberbullying* tornam-se essenciais para entendermos a sua história. Como bem nos coloca Ricoeur (2007, p. 108), “é principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e no singular, a diferenciação e a continuidade.” A partir dessas narrativas será possível interpretar os efeitos desses fenômenos insurgidos nas lembranças dos sujeitos, compreendendo as nuances desses acontecimentos no “plural e no singular” e de como estes ainda estão sendo costurados no tecido da história de cada sujeito.

2.2 O “*Bullie*” (*bully*) ou sujeito ativo

Conforme Rossato (2013), as últimas pesquisas sobre o *bullie* vêm demonstrando que este pode ter níveis normais e até mais altos de autoestima que outras crianças. Carpenter e Ferguson (2011) acrescentam que isso derruba a visão comum de que seriam “pobres criaturas” que sofreram ou sofrem e agredem para compensar as respectivas ausência de autoestima e carência afetiva. Desse modo, aprofundamos as discussões em torno das relações interpessoais que são vivenciadas no cotidiano escolar e que nas quais, também nesse mesmo cenário, são construídos os sujeitos que estão envolvidos no *bullying*.

Como podemos notar, segundo Almeida e Ribeiro, “as pessoas estão sempre representando um papel nas suas interações com os colegas da escola. Estes papéis são definidos de acordo com sua interação com o grupo”(ALMEIDA et al; RIBEIRO, 2011, p. 35). Estes mesmos autores pontuam que:

Existem adolescentes que podem ser definidos como os “populares” que se destacam devido a algum atrativo [...] e são comentados, imitados e invejados pelos demais. Em torno desses populares gravitam os 'amigos dos populares' [...] atuando como coadjuvantes. Podemos encontrar aqueles que não são nem populares, nem amigos dos populares, nem mesmo totalmente excluídos [...]. Já aqueles que não conseguem se encaixar em nenhum, como resultado de uma personalidade mais retraída, ou por alguma outra diferença dos demais acabam se tornando excluídos e visto pelos outros como estranho.

Assim, é possível perceber que crianças e adolescentes, durante a vida escolar, são capazes de se unir a grupos de pessoas com personalidades semelhantes. Ao mesmo tempo em que a respectiva personalidade vai sendo construída de acordo com as influências internas e externas, vão construindo comportamentos e agindo de forma semelhante aos dos grupos que participam, tanto na família como na escola.

Podemos dizer que a personalidade resulta da interação do temperamento com a grande variedade de situações que vivenciamos ao longo do tempo (SILVA, 2010) ou, como corrobora Eysenck (2008), ser extrovertido ou introvertido é uma característica estável da personalidade, que define dimensões individuais quanto à sociabilidade, atividade e temperamento.

Pode-se notar que os extrovertidos e introvertidos têm os mesmos traços, que acabam variando segundo a intensidade. Os extrovertidos são ativos, expansivos e sociáveis, enquanto os introvertidos são pensativos, arredios e reservados. Essas estruturas psicológicas diferentes influenciam no processo de socialização do indivíduo, pois fatores como autoconsciência, autoafirmação, espontaneidade social, impulsividade, problemática de inferioridade e escrúpulo são fundamentais na construção de habilidades sociais (EYSENCK, 2008).

Daí a importância de crianças e adolescentes construírem amizades e serem aceitos no grupo, no qual, todos da mesma faixa etária, possuem gostos, maneiras de se vestir, crenças e problemas semelhantes. Esses indivíduos se definem a partir das ligações sociais e das interações com o determinado grupo de colegas. Conviver com seus pares os ajuda a criar um “senso” de identidade. Como afirma Costantini apud Calhau (2011, p.5):

Os adolescentes procuram captar nos adultos, nas entrelinhas da comunicação cotidiana, os sinais que refletem o modo como são vistos e julgados, o que pode ajudá-los a perceber e definir sua identidade em formação. O desejo implícito é que o próprio sentimento de autoestima saia fortalecido, que isso seja para eles um apoio, um encorajamento, um reforço psicológico que lhes sirva para aceitar e compreender seu próprio modo de ser, e que a linguagem usada nesse processo restitua uma imagem positiva por meio da qual reconheçam o caminho rumo à autoestima.

Nesse sentido, os estudos sobre o *bullying* identificam, em geral, três formas de envolvimento, de acordo com as atitudes do *bullie* ou sujeito ativo: o autor (o agressor), a vítima (o alvo) e a testemunha (ou espectador), sendo que, nos três casos, os envolvidos podem sofrer graves consequências relacionadas à

aprendizagem e ao convívio social. Silva (2010, p. 37-45) corrobora esse pensamento e aponta em seus estudos os protagonistas do *bullying* escolar:

A vítima típica – são alunos que apresentam pouca habilidade de socialização [...];
 A vítima provocadora – são aqueles capazes de insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas;
 Agressores – eles podem ser de ambos os sexos, possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e na maioria das vezes essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança [...];
 Espectadores – são os que testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam com os agressores (SILVA, 2010, p. 37-45).

Como podemos constatar, o *bully* (bully) ou sujeito ativo, ou, como coloca Silva (2010, p. 43), “o agressor”, desde muito cedo estabelece aversão às normas e “não gosta de ser controlado ou frustrado”. Segundo Calhau (2011), os *bullies* são pessoas que gostam de poder e controle. Não podemos negar que uma, duas ou três pessoas conseguem dominar, em caso de *bullying*, uma sala de trinta, quarenta alunos, que teme denunciá-los e silencia. De acordo com o mesmo autor (2011, p. 10), as crianças apresentam muito mais medo ainda e não “entregam” os colegas, mesmo não concordando com o *bullying*. Por conseguinte, são apenas testemunhas oculares, que não se envolvem para também não serem vitimados pelos *bullies*.

2.3 O *cyberbullying*: transposição do “presencial para o virtual”

Em nossos estudos percebemos, nas palavras de Lima (2011), que o *cyberbullying*, essa “nova” modalidade de *bullying*, atravessa as fronteiras das escolas e, até mesmo, das famílias, onde pequenas violências domésticas são vigentes. Não existem barreiras territoriais: o *cyberbullying* agride, maltrata e expõe suas vítimas em qualquer ambiente. Essa intimidação, que transpõe o ambiente físico presencial é uma forma dissimulada de *bullying*, na qual as agressões são virtuais, e está cada vez mais presente, permeando a história de nosso tempo.

Entendemos por prática que se utiliza das TICs para agredir, desrespeitar e ofender o indivíduo no seu convívio em rede. Willard (2006, p. 1) define *cyberbullying* como sendo o ato de postar material danoso ou outras formas de

agressão social utilizando a Internet ou outros tipos de tecnologias digitais. Na definição de Shariff (2008, p. 29):

As práticas de *cyberbullying* envolvem o uso das tecnologias da informação e comunicação, tais como: *email*, celulares e *paggers*, mensageiros instantâneos, *sites*, bem como, o uso de outros ambientes virtuais, com o intuito de difamar a vítima de forma deliberada apresentando comportamento hostil de forma repetitiva. Tais práticas são provocadas por um indivíduo ou grupo de indivíduos com a intenção de gerar danos a terceiros (SHARIFF, 2008, p. 29).

De igual modo, está ligado diretamente ao ciberespaço via *e-mail*, MSN, *Facebook*, *WhatsApp*, *YouTube*, entre outros. Esse “novo lugar” é definido por Pierre Levy (2000, p. 17) como:

O novo meio de comunicação que surge com a interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo.

Maldonado (2011, p. 78) complementa e conceitua o ciberespaço como:

Uma gigantesca praça pública que possibilita encontros de pessoas de qualquer lugar do mundo, podendo contribuir para a melhoria das habilidades de comunicação, além de facilitar enormemente o compartilhamento de informação sob forma de textos, vídeos, música, instrumentos de pesquisa, jogos e infinitas forma de entretenimento. Funciona, também, como uma imensa vitrine para os criadores de conteúdos mostrarem e divulgarem seus trabalhos.

Ao entrarmos nesse imenso universo de conectividade, nos defrontamos com inúmeras situações que nos levam a refletir acerca desse convívio em rede e como nos defender desse fenômeno tão recorrente na história do tempo presente. As mídias tecnológicas são agentes desse tipo de “violência virtual”, praticada principalmente por jovens, que invadem o ciberespaço para disseminar e agredir outros jovens, com palavras e frases que ferem e intimidam o agredido. Silva (2010, p. 126) concorda com o exposto quando afirma que:

O praticante do *cyberbullying* ou *bullying* virtual age com o covarde intuito de constranger, humilhar e maltratar suas vítimas. Essa nova modalidade de *bullying* vem preocupando especialistas em comportamento humano, pais e professores em todo o mundo.

Com a expansão da Internet, especialmente entre as novas gerações, contribuiu-se para o aumento do *cyberbullying*, pois, no mundo virtual, os *cyberbullies* estão “protegidos”, pois não precisam mostrar-se. Lima (2011, p. 72) enfatiza que:

Existem alguns aspectos que diferem o *bullying* presencial do *cyberbullying*, como, por exemplo, no caso do *bullying* virtual, a vítima pode não saber quem é o agressor, pelo fato de a ação de *bullying* ter sido desencadeada de forma anônima.

Podemos entender que, no *bullying*, o agressor pode observar as reações das vítimas “ao vivo”; já, no *cyberbullying*, apenas imagina e, com frequência, não consegue “relacionar a crueldade de seus ataques” (MALDONADO, 2010) com a repercussão na vida de quem está sofrendo a perseguição. Ressalte-se, para melhor entendimento das consequências que eles acarretam na vida de suas vítimas, que alguns aspectos distinguem esses dois fenômenos, que se entrecruzam. No quadro a seguir, apresentado por Lima (2011), visualizaremos algumas diferenças entre o *bullying* tradicional direto e indireto e o *cyberbullying* direto e indireto, que carecem de nossa atenção:

QUADRO 1 – ALGUMAS DIFERENÇAS ENTRE O *BULLYING* E O *CYBERBULLYING*

<i>Bullying Tradicional</i>	<i>Cyberbullying</i>
<i>Bullying Direto</i>	<i>Cyberbullying Direto</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Físico (por exemplo: bater) • Material (por exemplo: destruir os pertences do outro) • Verbal (por exemplo: falar mal) • Não verbal (por exemplo: fazer gestos obscenos) • Social (por exemplo: excluir alguém do grupo) 	<ul style="list-style-type: none"> • Físico (por exemplo: <i>happyslapping-bofetada divertida</i>) • Material (por exemplo: enviar arquivos com vírus para danificar o computador da vítima) • Não verbal (mandar mensagens ofensivas, fotos e imagens agressivas e obscenas) • Social (por exemplo: excluir a vítima de uma comunidade virtual)
<i>Bullying Indireto</i>	<i>Cyberbullying Indireto</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Espalhar falsos rumores sobre a vítima 	<ul style="list-style-type: none"> • Roubo de identidade (por exemplo: fazer-se passar pela vítima sem o conhecimento dela) • Disseminação de falsos rumores sobre a vítima (usando a Internet ou o celular) • Participação em sites para difamar a vítima sem o seu conhecimento.

A prática de *cyberbullying* não se limita apenas às crianças, podendo ocorrer também entre os adultos. Os pesquisadores Hinduja e Patchin, da

Universidade Atlântida-Flórida, publicaram, em 2008, um livro que resume o estado atual da investigação sobre *cyberbullying*: *Bullying Beyond the School yard: Preventing and Responding to Cyberbullying (Bullying além da escola: prevenção e resposta ao cyberbullying)*. Os estudos realizados por Hinduja e Patchin afirmam que, quanto mais uso o jovem fizer da internet, maior será a possibilidade de ele ser vítima de *bullying online*, ou seja, *cyberbullying*.

No contexto brasileiro, o jornal *O Estado de São Paulo* (abril, 2011) trouxe, em uma reportagem, a preocupação com esse fenômeno e apontou que, desde novembro de 2010, pais de crianças vítimas de *cyberbullying* têm registrado as agressões virtuais em atas notariais, ou seja, procurando documentar os indícios para que eles possam ser anexados às ações judiciais. Calhau (2011, p. 68-69) corrobora essa afirmativa, acrescentando que:

Já existem algumas ações na Justiça que obtiveram condenações dos agressores e, em caso de crianças e adolescentes, de seus pais, por serem os representantes legais. Agir rápido e com segurança no sentido de proteger as provas é essencial para garantir a descoberta do agressor. O Poder Judiciário tem se mostrado atento a esse tema e tem autorizado, com a apresentação de provas iniciais adequadas (ex: impressão das páginas da internet com as agressões), a quebra do sigilo de dados dos envolvidos, com o intuito de identificar a autoria das agressões. É um processo um pouco lento e cansativo, mas está sendo possível identificar os autores na grande maioria dos casos.

Sobre essa questão, em 30 de novembro de 2012, a Presidente Dilma Rousseff assinou a Lei nº 12.737, que dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos – alterando o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940, Código Penal, e dando outras providências – porém ela só entrou em vigor em 2 de abril de 2013, assim dispondo especificamente:

Art. 154-A. Invadir dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita: Pena-detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) anos, e multa.

A Lei 12.737/2012 ficou conhecida como Lei Carolina Dieckmann, pelo fato de a atriz haver tido fotos pessoais expostas no ciberespaço, tendo seus arquivos pessoais sido invadidos, sem o seu conhecimento. Ressalte-se que a “invasão”, para ser criminosa, deve-se dar sem a autorização do titular dos dados. Dessa forma, podemos entender que o que aconteceu com a atriz pode ser identificado como *cyberbullying*.

Nessa perspectiva, a sociedade em rede estabelece uma relação virtual que pode prejudicar os relacionamentos dos indivíduos, pois essa sociedade é formada por diferentes sujeitos, que se inter-relacionam dentro de um espaço ilimitado de informações. No *bullying* presencial podemos constatar que as agressões têm início, meio e fim; já no *cyberbullying*, elas não acabam, há sempre um “espectro” rodando as relações no ciberespaço. Essas lembranças entristecem, ferem e angustiam as vítimas, que guardam esses acontecimentos na memória, tornando-os, na maioria das vezes, recordações vivas, que sempre vêm à tona. Bosi (2011, p. 68) afirma que a “função da lembrança é conservar o passado do indivíduo da forma que é mais apropriada para ele”. O fato de ficar imaginando e buscando saber, em suas recordações, quem é o autor ou o possível agressor gera medo, desconforto e ressentimento, desencadeando barreiras entre o que se lembra e aquilo que não se quer lembrar.

2.4 O *bullying* no cotidiano escolar

Na compreensão de Silva (2010), o *bullying* ocorre em todas as escolas, independentemente de tradição, localização ou poder aquisitivo dos alunos. Pode-se afirmar que está presente, de forma democrática, em 100% das escolas de todo o mundo, públicas ou particulares. Podemos compreender como *bullying* escolar insultos, intimidações, apelidos constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações em grupo que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos e de aprendizagem.

De acordo com Maldonado (2011), em inúmeros casos, o sofrimento provocado pelo *bullying* se prolonga por muitos anos após os ataques, atinge a autoestima e é a raiz de sintomas que influenciam decisões nem sempre saudáveis. Dito isso, o *bullying* nas escolas tem representado um sério problema, gerando um

aumento significativo de propagação da violência escolar¹⁶. Como afirma Maldonado (2011, p. 17):

O sofrimento provocado pela perseguição do *bullying* reflete-se também em dificuldade de concentração, queda de desempenho escolar e medo de ir à escola: a criança implora para faltar às aulas, mudar de turma ou ir para outro colégio, com a esperança de escapar dos que a atormentam. Com a persistência dos ataques, quase todas as vítimas se isolam ainda mais, tornando-se arredias, como se desejassem ser invisíveis; algumas se descontrolam, chorando com frequência, evidenciando claros sinais de angústia.

Todos os envolvidos no contexto escolar devem estar atentos a esses acontecimentos, para que uma simples brincadeira não cause confusão em meio aos educadores, levando à falsa impressão de *bullying*, propriamente dito. São coisas completamente diferentes. Como se nota em Fante e Pedra (2008), o *bullying* é uma forma de violência que resulta em sérios prejuízos, não apenas ao ambiente escolar, mas à sociedade como um todo.

O *bullying* possui características próprias que o distinguem das outras formas de violência, sendo considerado um “tipo” de comportamento agressivo humano que gera, muitas vezes, atos violentos contra o semelhante. Fante e Pedra (2008, p. 37) afirmam que:

As relações desestruturadas por meio de condutas abusivas e intimidatórias incidem na formação dos valores e do caráter, o que refletirá na vida do indivíduo, no campo pessoal, profissional, familiar e social. O *bullying* está diretamente ligado à formação de gangues, ao uso de drogas e armas, à violência doméstica e sexual, aos crimes contra o patrimônio e, conseqüentemente, à necessidade de altos investimentos governamentais para atender à demanda da Justiça, dos presídios, dos programas sociais e da saúde.

Consideremos a importância da escola, sob a ótica educativa, onde, além da aprendizagem, existem a de troca de experiências saudáveis e as relações interpessoais. Quando isso não acontece, ou caso as experiências sejam desagradáveis, o registro permanece na memória de forma latente. Quando abordamos a violência contra crianças e adolescentes e vinculamos onde ela ocorre, a escola surge como um ambiente que necessita ser explorado, principalmente em relação a condutas agressivas entre os próprios educandos. Como afirma Lima (2011, p. 63):

¹⁶ Segundo Fante (2012), desde o ano 2000, pesquisadores vêm desenvolvendo estudos pioneiros no Brasil sobre o fenômeno *Bullying*, iniciados em escolas do interior paulista e, atualmente, em desenvolvimento no Distrito Federal.

Na escola, o *bullying* normalmente acontece em locais com pouca supervisão dos adultos, como é o caso do *playground* da escola, dos corredores, dos banheiros, das quadras de esportes e demais imediações (LIMA, 2011, p.63).

Silva (2010, p. 111) concorda com a afirmação de Lima (2011), pontuando que “não se pode esquecer que o *bullying* é um fenômeno de mão dupla”, ou seja, ocorre de dentro para fora da escola e vice-versa. A violência nas instituições educacionais é um problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil. Esta deixa marcas ao longo da vida do indivíduo, muitas difíceis de esquecer. De acordo com Fante (2012, p. 20):

A violência escolar nas últimas décadas adquiriu crescente dimensão em todas as sociedades, o que torna a questão preocupante devido à grande incidência de sua manifestação em todos os níveis de escolaridade (FANTE, 2012, p. 20).

Maldonado (2011, p. 54) apóia o pensamento de Fante (2012), ao apontar que essa mesma violência ultrapassa as escolas regulares e já adentrou os ambientes acadêmicos:

A lenta mudança do olhar também está acontecendo na entrada na universidade: em muitas, o temido “trote dos calouros” é um ritual de agressões e humilhações que, em alguns casos, chegou a provocar ferimentos graves, deformações (por ácido jogado no rosto e no corpo dos calouros) e até mesmo a morte por espancamento. Como acontece no *bullying*, as vítimas do primeiro ano de faculdade tornam-se os algozes do novo grupo de calouros. Estes se submetem pelo medo de sofrer agressões ainda piores de faltarem aos primeiros dias de aula para fugir do trote, ou por temerem não ser aceitos pelo grupo (MALDONADO, 2011, p. 54).

Como já dissemos, o *bullying* sempre aconteceu em todas as escolas e por muito tempo foi considerado brincadeira. Segundo Maldonado (2011, p. 55), “o reconhecimento do *bullying* como um padrão de relacionamento violento que precisa receber tratamento adequado deu margem a projetos de lei que foram sancionados em alguns estados e municípios brasileiros”. Esses projetos visam fomentar, por meio de políticas públicas, a prevenção ao *bullying* nas escolas públicas e privadas.

Trazendo essa realidade para nosso contexto geográfico, no campo da historiografia, em 16 de janeiro de 2008, na Paraíba, foi sancionada a Lei nº 11.381, com o objetivo de instituir o programa de combate ao *bullying*, de ação interdisciplinar e de participação comunitárias nas escolas públicas do município de João Pessoa. A referida lei contempla dez artigos, que, em linhas gerais, delineiam desde o conceito do *bullying* até os objetivos do programa, bem como, em seu artigo

décimo, a vigência da lei, assinada, naquela época, pelo então prefeito, Ricardo Vieira Coutinho. Segundo o artigo 5º, os objetivos do programa são:

- I - prevenir e combater a prática de *bullying* nas escolas;
- II- capacitar docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de discussão, prevenção e solução do problema;
- III- incluir no regimento Escolar, após ampla discussão no Conselho da Escola, regras normativas contra o *bullying*;
- IV- esclarecer sobre os aspectos éticos e legais que envolvem o *bullying*;
- V - observar, analisar e identificar eventuais praticantes e vítimas de *bullying* nas escolas;
- VI- discernir de forma clara e objetiva, o que é brincadeira e o que é *bullying*;
- VII- desenvolver campanhas educativas, informativas e de conscientização com a utilização de cartazes e de recurso de áudio e áudio-visual;
- VIII- valorizar as individualidades, canalizando as diferenças para a melhoria da autoestima dos estudantes;
- IX- integrar a comunidade, as organizações da sociedade e os meios de comunicação nas ações multidisciplinares de combate ao *bullying*;
- X- coibir atos de agressão, discriminação, humilhação e qualquer outro comportamento de intimidação, constrangimento ou violência;
- XI- realizar debates e reflexões a respeito do assunto, com ensinamentos que visem a convivência harmônica na escola;
- XII- promover um ambiente escolar seguro e sadio, incentivando a tolerância e o respeito mútuo;
- XIII- propor dinâmicas de integração entre alunos e professores;
- XIV- estimular a amizade, a solidariedade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar;
- XV- orientar pais e familiares sobre como proceder diante da prática do *bullying*;
- XVI- auxiliar vítimas e agressores.

Fante e Pedra (2008), em seu livro *Bullying Escolar: perguntas & respostas*, também corroboram o exposto, apontando caminhos para o “combate” ao *bullying*. Uma vez que esse fenômeno tenha adentrado a escola:

Em primeiro lugar, há que se reconhecer que a violência é um problema social grave. Nesse sentido a escola tem papel fundamental na sua redução, por meio de ações e programas preventivos, em parceria com as famílias dos alunos, e os diversos atores sociais, para garantir a sua eficácia. É fundamental que em cada escola se constitua uma comissão ou equipe que possa articular políticas preventivas e capacitar seus profissionais para atuar de forma segura, sem correr riscos desnecessários (FANTE E PEDRA, 2008, p. 105).

Ainda há um longo caminho a ser percorrido, nessa mudança de perspectiva (MALDONADO, 2011), por pais, educadores, gestores escolares e membros da sociedade, de forma holística, os quais ainda estão de olhos vendados, encarando o *bullying* escolar como um “tipo” de brincadeira mais acentuada. Percebemos o *bullying* escolar como um fenômeno complexo, que necessita ser estudado com maior profundidade. Acreditamos que a prevenção começa pelo

conhecimento (FANTE; PEDRA, 2008). Destarte, pais, professores e demais seguimentos educacionais e sociais devem aprimorar os conhecimentos acerca dessa problemática, para melhor atuarem diante do contexto atual.

Muitos fatores podem transformar o relacionamento do jovem com os demais em um problema, excepcionalmente no ambiente escolar, como personalidade, classe social, gosto musical, aparência, raça e religião diferentes do grupo do agressor, entre outros. Estes poderão ser critérios decisivos para a inclusão ou não no grupo. A não aceitação da diversidade é o que caracteriza a maior parte das agressões de *bullying* no ambiente escolar:

Segundo Fante (2005), em seu livro: *Bullying – A Violência Tolerada na Escola*:

[...] *Bullying* começa frequentemente pela recusa de aceitação de uma diferença, seja ela qual for, mas sempre notória e abrangente, envolvendo religião, raça, estatura física, peso, cor dos cabelos, deficiências visuais, auditivas e vocais; ou é uma diferença de ordem psicológica, social, sexual ou física; ou está relacionada a aspectos como força, coragem e habilidades desportivas e intelectuais (FANTE, 2005, p.62-63).

Nesse sentido, o *bullying* surge segundo critérios de inclusão, baseados em vários fatores, como aparência, traquejo, habilidade desportiva, classe social e afinidades variadas, e em situações nas quais as diferenças entre esses critérios se tornam manifestas. Como vivemos em uma sociedade que diferencia ricos e pobres e separa as classes existenciais entre os seres humanos, percebemos, por meio desse conhecimento pré-estabelecido sobre os diversos tipos de violência, que o *bullying* é uma prática recorrente, que acomete alunos no cotidiano escolar com mais intensidade do que poderíamos imaginar. Não podemos negar as memórias que esse fenômeno traz para o campo social dos sujeitos envolvidos, por conseguinte, manifestando na História do Tempo Presente um amplo campo de pesquisa, dando forma para mais uma página (re)escrita da história.

3 HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE *BULLYING* E *CYBERBULLYING*: UM MERGULHO NAS NARRATIVAS DE EDUCANDOS E EDUCADORES

Neste capítulo, pretendemos aprofundar os estudos acerca da história, da memória e do tempo presente, como também interpretar as histórias e as memórias, por meio das narrativas dos entrevistados em torno do *bullying* e do *cyberbullying*, sob a ótica da metodologia da História Oral.

3.1 História e Memórias do *bullying* no lócus investigativo

Nessa tessitura, abriremos uma reflexão acerca de história e memória, para compreendermos como o *bullying* surgiu no lócus investigativo. Conforme Benveniste (1969) e Hartog (1990), citados por Le Goff (2013, p. 22):

A palavra história (em todas as línguas românicas e em inglês) vem do grego *iotopin*, em dialeto jônico (KEUCK, 1934). Esta forma deriva da raiz indo-europeia *wid*, *weid*, “ver”. Daí o sânscrito *vettas*, “testemunha”, e o grego *iotwp*, testemunha no sentido do “aquele que vê”. Esta concepção da visão como fonte essencial de conhecimento leva-nos a ideia de que *iotwp*, “aquele que vê”, é também “aquele que sabe”; *iotopei*, em grego antigo, é “procurar saber”, “informar-se”. IOTOPIN significa, pois, “procurar”. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início de suas Histórias, que são “investigações”, “pesquisas”.

No entendimento desse pensamento, o mesmo autor afirma que, nas línguas românicas (e noutras), “história” exprime dois, senão três, conceitos diferentes, quais sejam:

- 1) “A investigação das ações realizadas pelos homens” (Heródoto) que se esforça por se construir em ciência, a ciência histórica;
- 2) O objeto da investigação é o que os homens realizaram. Como diz Paul Veyne, “a história é quer uma série de acontecimentos, quer a narrativa dessa série de acontecimentos” (1968, p.423).

Para Le Goff (2013), a história também pode ter o terceiro sentido, o de narrativa. Nesses termos, o autor discorre que uma história é uma narrativa, verdadeira ou falsa, com base na “realidade histórica” ou puramente imaginária – pode ser uma narrativa histórica ou uma fábula. Ricoeur (2007, p. 362) colabora com esse pensamento ao afirmar que:

[...] Seria assim existencialmente justificado o duplo emprego da palavra “história”: como um conjunto dos acontecimentos (esses fatos) no testemunho, na narrativa, na explicação e, finalmente, na representação historiadora do passado. Fazemos a história e fazemos história porque somos históricos.

Nessa perspectiva, tanto Le Goff (2013) quanto Ricoeur (2007) mostram que a história é fundamental para evidenciar os acontecimentos de uma época, período ou momento histórico. Dessa forma, centram-se no plano das ideias, pela tríade bem conhecida das instâncias da temporalidade: presente, passado e futuro. Como bem coloca Ricoeur (2007, p. 364), “existem três tempos: o passado, o presente, o futuro. Ora, o presente do passado é a memória, o presente do presente é a visão, o presente do futuro é a expectativa”.

Foi na revista da *Annales* – fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch – que essa concepção das relações passado/presente desempenhou um grande papel, que inspirou e deu nome à revista britânica de história *Past and Present* (Passado e Presente). Esta, em seu primeiro número, no ano de 1952, apontou que “A história não pode, logicamente, separar o estudo do passado do estudo do presente e do futuro”. Seguindo essa mesma linha de pensamento, Le Goff (2013, p.213) acrescenta: “o futuro, tal qual o passado, atrai os homens de hoje, que procuram suas raízes e sua identidade e, mais que nunca, fascina-os”.

Marc Bloch (1942) apresentou também ao historiador, como método, um movimento geminado: entender o presente pelo passado e vice-versa. “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas é talvez igualmente inútil esgotar-se a compreender o passado, se nada se souber do presente”. Na compreensão de Halbwachs (2006, p. 86),

A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou, por assim dizer, ao lado de uma história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se deve encontrar novamente um grande número dessas correntes antigas que desapareceram apenas na aparência.

Sob esse viés da história, trazemos para o campo da reflexão o estudo das memórias, haja vista ser uma teoria de suma importância para compreendermos o *bullying* no movimento da história. Nesse sentido, desde que a História Oral se instituiu como prática e movimento nos 60 e 70, os historiadores orais discutem questões em torno de história e memória.

Se nos remetermos ao dicionário, a palavra memória significa, entre outros: 1.Faculdade de reter as ideias adquiridas anteriormente, de conservar a lembrança do passado ou da coisa ausente; 2.Reminiscência, lembrança, recordação. (AMORA, 1999, p.456). O mesmo autor traz também o significado da memória informática, sendo ela a central dos computadores, ou seja, a unidade do computador que armazena informações para usos posteriores. Le Goff (2013, p. 387) traz seu ponto de vista sobre a memória, quando afirma que:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Na compreensão de Rousso, citado por Ferreira e Amado (2006, p.94), a memória, no sentido básico do termo, é a presença do passado e acrescenta:

A memória, para prolongar essa definição lapidar, é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional.

Santos (2012, p. 22) destaca que temos a memória entre os valores mais caros associados ao ser humano e afirma que “a memória, é associada à percepção de pertencimento a um mundo que engloba e constitui os indivíduos. Mais do que isso, a memória é vista como um atributo que permite ao homem se perceber em sua finitude”. Halbwachs (2006) complementa o pensamento de Santos (2012), trazendo para o campo do discurso a memória individual e coletiva, pontuando que elas se entrelaçam no movimento das narrativas, das lembranças dos indivíduos: “é muito comum atribuirmos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem, as ideias, as reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo”. Afirma que:

Não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWAHS, 2006, p.39).

Sobre as lembranças, Halbwachs (2006, p.91) também discorre:

A lembrança é uma reconstrução do passado com ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora já saiu bastante

alterada. Claro, se pela memória somos remetidos ao contato direto com alguma de nossas antigas impressões, por definição a lembrança se distinguiria dessas ideias mais ou menos precisas que a nossa reflexão, auxiliada por narrativas, testemunhos e confidências dos outros, nos permite fazer de como teria sido o nosso passado.

Assim, evidenciamos a importância que a história e as memórias do *bullying* demonstram no lócus investigativo, estampando o plano de fundo de nossas pesquisas iniciais. Acontecimentos, lembranças e reflexões se constituem em peças-chaves para compreendermos como esse fenômeno marcou uma época e o princípio de nosso interesse por esse objeto de pesquisa. Como já mencionamos, foi em meados dos anos de 2000¹⁷ que um registro desse fenômeno, “novo e velho” ao mesmo tempo, marcou o início desse acontecimento na escola onde trabalhava.

Foi a partir desse fato que a escola passou a adotar medidas que perpassam pela reconstrução e pelo reposicionamento na estrutura do Projeto Pedagógico Curricular – PPC, evidenciando o combate e as ações em torno do *bullying*, com o apoio dos educadores e familiares. Esse documento traz, em linhas gerais, orientações para que os educadores tenham conhecimento de como esse fenômeno afeta a vida dos envolvidos, bem como se ampara nas Leis nº 8.538 e 8.839/08, que discorrem sobre o combate ao *bullying* e à pedofilia. Destaque-se a Lei nº 8.538/08, que trata de ações de combate ao *bullying* nas escolas públicas e privadas da Paraíba. Desse modo, pontuamos que:

Os Promotores da Infância e Juventude, Alley e Soraya Escorel, iniciaram a reunião com a exibição de um vídeo com depoimentos de pessoas que sofreram *bullying*. Depois, divulgaram a Lei Estadual 8.538/08, que institui o programa de combate ao *bullying* nas escolas da rede pública e privada da Paraíba. "Apresentamos os casos de *bullying* que aconteceram no Brasil e no mundo, dados, notícias, depoimentos e a lei estadual. Deixamos claro que vamos cobrar o cumprimento dessa lei", disse a promotora. (Ministério Público da Paraíba – MP/PB, 4/5/2009).

Fante e Pedra (2008, p. 106), em seu livro *Bullying: Perguntas e Respostas*, enfatizam o que as escolas devem fazer para enfrentar esse fenômeno e acreditam que:

A prevenção começa pelo conhecimento. É preciso que a escola reconheça a existência do fenômeno e, sobretudo, esteja consciente de seus prejuízos

¹⁷ A maior visibilidade desse fenômeno no Brasil se deu pelas pesquisas que Fante e Pedra realizaram e do Programa *antibullying* Educar para Paz. Em meados de 2006, os mesmos autores realizaram o I Fórum Brasileiro sobre o *Bullying* Escolar, em Brasília/DF, com a participação de diversos segmentos da sociedade. No entanto, a maioria das escolas ainda não está preparada, algumas por desconhecimento, outras por omissão, muitas por comodismo e negação ao fenômeno Fante e Pedra (2008, p. 105-106.)

para a personalidade e o desenvolvimento socioeducacional dos estudantes. A escola também precisa capacitar seus profissionais para a observação, identificação, diagnóstico, intervenção e encaminhamentos corretos, levar o tema à discussão com toda comunidade escolar e traçar estratégias preventivas que sejam capazes de fazer frente ao fenômeno. Além do engajamento de todos, é preciso contar com a ajuda de consultores externos, como especialistas no tema, psicólogos e assistentes sociais.

Para os mesmos autores, a cultura da paz é a saída para todos os tipos de violência e um grande instrumento que as escolas possuem para reduzir o *bullying* e seus efeitos. Dessa forma, todos devem disseminar os valores humanos, vislumbrando uma escrita da história respeitosa e harmônica.

Nesse sentido, ao nos reportarmos a história e memória, podemos afirmar, nas palavras de Delgado (2010, p. 50), que “são construções dos homens, que têm como referência as experiências individuais e coletivas inscritas nos quadros da vida em sociedade”. Mais ainda, seguindo o pensamento da mesma autora:

A memória, ao constituir-se como fonte informativa para a História, é também fundamento de identidades, mediante um processo dinâmico, dialético e potencialmente renovável, que contém no seu âmago as marcas do passado e as indagações e necessidades do tempo presente (DELGADO, 2010, p. 51).

Diante do exposto, podemos entender o homem como ser permanentemente em busca de si mesmo, de suas referências, que apresenta aspectos individuais, mas também dimensões coletivas, dentro de um processo contínuo de integração com outros sujeitos, de construção e reconstrução da história. Delgado (2010, p. 51) afirma que “a História, conquanto processo, é o compartilhamento de experiências, mesmo que inúmeras vezes sob forma de conflitos. E a memória por sua vez, [...] é esteio para o auto-reconhecimento”.

Nessa perspectiva, iniciamos nossa pesquisa de campo, tendo em vista a aprovação do nosso projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética, do Centro de Ciências da Saúde – UFPB, tendo como parecer final de aprovação que a pesquisa é de qualidade e de relevância para o contexto atual (Parecer nº 712.847, em anexo). Destarte, nos debruçamos na análise das entrevistas, tomando como pressuposto de investigação e de interpretação a metodologia da História Oral – pois, segundo Meihy (2007), “a História Oral como metodologia implica formular as entrevistas como um epicentro da pesquisa” – e os estudos sobre a memória e a história do tempo presente. Percebemos a importância desse referencial desde o

estabelecimento do projeto, fazendo emergir e compreender a história de práticas e acontecimentos escolares do nosso tempo.

3.2 A História do Tempo Presente: o surgimento do *cyberbullying* no cotidiano escolar

Vivemos em um momento histórico de profundas mudanças, e usaremos o termo “metamorfoses” para compreendermos as diferentes mutações que vêm permeando os acontecimentos atuais. Entre elas está o modo com que as pessoas se inter-relacionam, principalmente ao utilizar o ciberespaço como elemento propagador de informações, discussões e relacionamentos individuais e coletivos. Segundo Brasil (2012):

Essas mudanças foram aceleradas nos últimos dez anos, pelos avanços científicos e tecnológicos que, juntamente com as transformações sociais e econômicas, revolucionaram as formas como nos comunicamos, nos relacionamos com as pessoas, os objetos e com o mundo ao redor (BRASIL, 2012, p.1).

Nesse sentido, levando em consideração a afirmativa de Brasil (2012), podemos compreender essa metamorfose do mundo contemporâneo como a passagem de uma forma a outra e trazer, para o campo da discussão, a popularização de um novo fenômeno no cotidiano escolar: o *cyberbullying*. O *cyberbullying*, *bullying* virtual ou *bullying online* é definido como uma forma de *bullying* caracterizada pelo modo como as agressões são levadas ao público. Trata-se da utilização de aparelhos tecnológicos (câmeras, computadores, filmadoras, *tablets*, entre outros) e de ferramentas de propagação de informação em massa pela rede mundial de computadores (*emails*, torpedos, *blogs*, *WhatsApp*, *Facebook*, etc).

De acordo com Rossato (2013, p. 62), na internet, a informação, o apelido ou o comentário maldoso passam a ser conhecidos publicamente, dentro e fora da escola, ficando à mercê da visibilidade de dezenas, milhares e milhões de pessoas que não conhecem a vítima, o que confere mais poder ao agressor.

Segundo Shariff (2008), as práticas de *cyberbullying* envolvem o uso das tecnologias da informação e comunicação e são provocadas por um indivíduo ou um grupo de indivíduos com a intenção de gerar danos a terceiros.

Para melhor compreensão das práticas do *cyberbullying*, os autores Hinduja e Patchin (2009) apontam os seguintes elementos:

Desejo intenso: o comportamento deve ser premeditado e intencional e não acidental;
 Repetição: o *bullying* virtual reflete um padrão de comportamento repetitivo e não apenas um incidente isolado;
 Dano: a vítima deve perceber que um dano foi infringido;
 Uso de computadores. Internet, celulares ou outros aparelhos eletrônicos: sendo isso o que diferencia o *cyberbullying* do *bullying* (HINDUJA E PATCHIN, 2009, p.5).

Nesse contexto, os estudos dos pesquisadores Willard (2006), Kowalskin, Limber e Agaston (2009), citados por Lima (2011, p. 70), apresentam oito tipos de *cyberbullying*, que se distinguem, a saber:

1. Provocação incendiária: mediante discussões que se iniciam *online* e se propagam de forma rápida, usando linguagem vulgar e ofensiva;
2. Assédio: caracterizado como sendo o envio de mensagens ofensivas, com o objetivo de insultar a vítima;
3. Difamação: o ato de difamar ou injuriar alguém mediante fofocas e rumores disseminados na Internet, visando causar dano à sua reputação;
4. Roubo de identidade: quando uma pessoa se faz passar por outra na Internet, usando seus dados pessoais, tais como: conta de *email* ou *Messenger*, com o intuito de constranger e gerar danos à outra pessoa;
5. Violação da intimidade: mediante divulgação de segredos, informações e imagens íntimas ou comprometedoras de alguém;
6. Exclusão: mediante o distanciamento de alguém de modo intencional, em uma comunidade virtual;
7. Ameaça cibernética: envio repetitivo de mensagens ameaçadoras ou intimidadoras;
8. *Happy slapping*: é a interface mais nítida entre o *bullying* presencial e o virtual. Este tipo de violência é gerado pela divulgação de vídeos mostrando cenas de agressão física, onde uma vítima é escolhida, de forma intencional ou não, para ser agredida na rua e a violência é gravada por câmeras de celular ou filmadora, e posteriormente o vídeo é postado em *sites*, como *You Tube* ou *Google* vídeo, visando humilhar ainda mais a pessoa agredida (LIMA, 2011, p. 70).

Teixeira (2011, p. 41) acrescenta mais informações acerca desse fenômeno, afirmando que, “nos últimos anos a facilidade com que os jovens se comunicam pela rede mundial de computadores tem ajudado na popularização do *cyberbullying*, crescendo como uma epidemia”, acompanhando os interesses de crianças e adolescentes pelo mundo virtual.

Nesse sentido, o espaço escolar também é um cenário propenso ao *cyberbullying*, que surge em salas de bate-papo, *chats* estudantis ou, até mesmo, via celulares, por meio de torpedos. Teixeira (2011) alerta que:

Esses atos de *bullying* realizados através da internet têm ainda um caráter mais perverso, covarde e que torna o *cyberbullying* uma ferramenta muito mais poderosa para aterrorizar outros estudantes. Trata-se da possibilidade de realização das agressões de forma anônima e indireta. Ela permite que seus autores se escondam atrás de identidades falsas ou através de mecanismos que os mantenham no anonimato (TEIXEIRA, 2011, p. 41).

É pertinente afirmar que, mesmo que superficialmente, muitas famílias vivem esse tipo de cenário, o qual adentrou nossas escolas, como uma “epidemia dos tempos modernos”. Esse fato abre discussões sobre como nos portar diante desse desafio, necessitando uma ampla reflexão acerca do trabalho escolar, haja vista que a educação ainda está aquém da “onda” contemporânea e tem utilizado muito pouco este veículo transmissor de conhecimentos, cada vez mais presente na vida cotidiana das crianças, jovens e adultos e, por conseguinte, dos nossos educandos e educandas. De acordo com Buckingham (2011), esse assunto já faz parte da sociedade globalizada e cabe à escola não apenas colocar em evidência os “perigos” da Internet, da televisão, do celular, entre outros, mas também orientar os educandos a utilizarem as mídias de maneira consciente. Proporcionar aos educandos uma visão crítica acerca de suas escolhas pode contribuir para ampliar seus conhecimentos.

Devemos estar atentos a essa problemática social, que afeta diretamente a vida dos indivíduos, abrindo, *a priori*, espaço para o estudo desse fenômeno, que tem exigido da sociedade um posicionamento no sentido de combater essa prática, que isola os indivíduos de maneira cruel.

Pesquisa realizada no Brasil pela Plan (NOVA ESCOLA, 2010) apontou que 17% de cinco mil jovens, entre 10 e 14 anos, já haviam sido vítimas de *cyberbullying* no mínimo uma vez; desses, 13% foram insultados pelo celular e os 87% restante, por textos e imagens enviados por *email* e via *sites* de relacionamentos. Essa forma de agressão, iniciada por comentários maldosos no *cyberespaço*, pode se transformar em realidade, dentro e fora da escola, causando danos muitas vezes irreparáveis em suas vítimas. Para Rossato (2013, p. 63), os problemas causados pelo *cyberbullying* vão crescendo em qualidade e quantidade, uma vez que, cada vez mais, os jovens usam diversos meios e recursos tecnológicos para se comunicar e se relacionar virtualmente. Nesse sentido, Santomauro (2010) acrescenta:

Este tormento que a internet provoca faz com que a criança ou o adolescente não se sinta mais seguro em lugar algum, em momento algum. Com o

bullying tradicional, bastava sair da escola e estar com os amigos de verdade para se sentir seguro. Agora, com sua intimidade invadida, todos podem ver os xingamentos e não existe fim de semana ou férias (SANTOMAURO, 2010, p. 69).

O mundo moderno traz consigo mudanças e/ou metamorfoses que têm contribuído para o aumento da violência escolar. Não há como negar que esses novos contextos sociais e culturais trouxeram para dentro das escolas, nos últimos trinta anos, novos e grandes desafios, aos quais, nem sempre, esta consegue responder de forma eficiente e eficaz. Entre esses novos desafios está o fenômeno *cyberbullying*. A vida cotidiana está, atualmente, mergulhada nas modernas tecnologias de comunicação e isso traz, também, grandes desafios para o campo da Educação, tanto para fomentar ações de intervenção quanto de reflexão.

Trazendo esses acontecimentos para o universo da memória, reportamo-nos às memórias de um passado não tão distante, quando uma página virtual de uma determinada escola, localizada na região metropolitana de João Pessoa/PB, foi visitada por um de seus educandos. Na ocasião o educando tinha sido chamado à atenção pela gestora e coordenadora. No mesmo dia, ao chegar em sua residência, esse educando postou a seguinte frase no ambiente virtual escolar (conforme *printscreen* da página, 2011): “Pior escola do mundo com a safada da ‘G ’e a pauta(quis dizer puta) da ‘F’”. Como afirmam Abramovay e Rua (2003, p. 27), é consensual o reconhecimento da vulnerabilidade negativa (riscos e obstáculos) da escola diante de distintos processos contemporâneos.

Ao nos reportarmos aos fragmentos dessa memória, podemos perceber a incidência do *cyberbullying* nessa narrativa. As duas personagens foram agredidas virtualmente pelo educando, despenderam “tempo” para contornar a situação dentro da escola, haja vista estarem constantemente ouvindo “ruídos” nos corredores dos educandos e, inclusive, dos educadores. Essa afirmativa é ratificada por Teixeira (2011, p. 43), quando este se posiciona:

As consequências aos alvos do *cyberbullying* são devastadoras, pois os rumores, boatos e todo o tipo de agressão enviada pela internet através de textos, fotos e vídeos são capazes de alcançar um grande número de pessoas em questão de segundos (TEIXEIRA, 2011, p. 43).

Esse acontecimento, segundo relato da gestora, em conversa informal, acarretou, por diversas vezes, pensamentos angustiantes diante das palavras depreciativas do educando e, mais ainda, a necessidade de saber os porquês daquele acontecimento. Como defende Roccoeur (2003), a história é explicativa, ela

é um projeto em expansão e complexidade. Sem explicação não há história, porque a história não é somente o que aconteceu, mas a compreensão sobre os modos e os porquês das coisas ter acontecido de uma forma e não de outra.

Esse fato ilustra de modo significativo como o *cyberbullying* adentra as escolas e como esse fenômeno complexo tem desestruturado o lugar da escola – visto como um ambiente de formação do ser, de educação, de ética, de convivência, de diálogo, um lugar seguro de socialização e interação social.

À primeira vista, para alguns, o exemplo acima não tem nenhum significado, mas para os indivíduos que vivenciaram a ação desse fenômeno, as redes de lembranças formadas, que figuram nas memórias, são ressentidas, trazidas à tona pela voz da gestora, em uma narrativa de desapontamento, ao voltar o olhar para um passado não tão distante, para compreender o hoje e suas implicações sociais futuras. Nesse sentido, o presente torna-se uma categoria preponderante, como afirma Hartog (2013, p.180), enquanto o passado recente – aquele que surpreende por “não passar” ou que inquieta por “passar” – exige incessantemente ser visitado e revisitado para ser entendido.

Diante do exposto, podemos afirmar, nas palavras de Maldonado (2011, p. 61), que “o *cyberbullying* é a prática da crueldade *online*. Mas, tão prejudicial quanto o *bullying* presencial”. Da mesma forma que as lembranças deixadas pelo *bullying* causam descontentamentos, isolamentos e dor, no *cyberbullying* acontece a mesma coisa, porém o último se prolifera mais rapidamente, causando transtornos inimagináveis aos vitimados.

3.3 Histórias e memórias de educandos e educadores sobre os fenômenos *bullying* e *cyberbullying*

A partir dos estudos acerca da memória, insere-se nosso desafio em interpretar as vozes dos educandos e educadores sobre os fenômenos *bullying* e *cyberbullying*. É pertinente ressaltar a quantidade de sujeitos pesquisados, levando em consideração que esse número não foi determinado prioristicamente, mas se desencadeou por um conjunto de fatores que interferiram na pesquisa, entre eles, o medo, o ressentimento e a angústia dos sujeitos em narrar a sua própria história.

Como bem nos coloca Richardson (1999), no que se refere a uma abordagem qualitativa, o importante não é a quantidade de sujeitos envolvidos na pesquisa para ratificar a validade dos resultados, mas a qualidade e profundidade das informações colhidas e/ou narradas pelos entrevistados.

A história e as memórias narradas por esses quatro interlocutores/entrevistados agregaram informações suficientes e significativas para interpretarmos essas memórias, mediadas pela História Oral, pois conforme Ataíde (2006):

Ao estabelecer uma nova relação entre pesquisadores e os sujeitos, a história oral pressupõe a realização de relações simétricas e de colaboração entre eles, favorecendo um depoimento mais espontâneo e interativo, dentro de uma relação empática que estimula a reflexão, a afetividade e a memória (ATAÍDE, 2006, p. 313).

Diante dessa assertiva, procuramos apresentar primeiramente um quadro com os dados de identificação dos nossos interlocutores/entrevistados. Optamos por nomeá-los por meio de letras iniciais maiúsculas aleatórias, a fim de preservar o sigilo e a identidade de cada participante. Além disso, os depoimentos foram transcritos na íntegra, de acordo com as falas dos pesquisados, a fim de deixar explícita, além das narrativas acerca da experiência vivida, a carga de sentimentos que se assentam nos depoimentos.

QUADRO 2 – SÍNTESE DOS DADOS DOS INTERLOCUTORES

Interlocutores	Faixa etária	Formação acadêmica	Tempo de formação	Período que estudou/conviveu na escola	Escola que estudou/estudava trabalha/trabalhou
C.G.B	34 anos	Pedagoga	4 anos	6 anos	Pública
R.S.L	24 anos	Graduanda em Administração	4 anos	5 anos	Pública
M.S.L	Terceira idade	Superior com Especializações	Mais de 25 anos	Mais de 30 anos	Pública Particular
K.A.C	16 anos	Cursando Ensino Médio	Ainda cursando	9anos	Particular

Diante da apresentação do quadro 2, pudemos observar que a síntese dos dados de identificação dos interlocutores/entrevistados apresenta em seu

arcabouço uma faixa etária que varia entre 16 anos e terceira idade. Verificamos ainda que dois entrevistados possuem formação acadêmica de nível superior, um está cursando administração e um cursando o ensino médio. Quanto ao tempo de formação, dois entrevistados possuem quatro anos de formação, um mais de vinte e cinco, e o último ainda está cursando o ensino médio. Com relação ao período de convivência/estudo na escola, um evidenciou ter seis anos; um, cinco anos; um, mais de trinta anos; e um, nove anos.

Em relação ao ambiente de pesquisa, dos quatro sujeitos pesquisados, três estudaram e/ou trabalharam em instituições públicas e um, em instituição pública e particular.

A princípio, reportando-nos ao ambiente onde foram realizadas as entrevistas, ressaltamos que foram respeitados os lugares sugeridos pelos entrevistados. Dessa forma, a entrevista com C.G.B transcorreu em um ambiente fechado de uma instituição superior pública, localizada na grande João Pessoa/PB. Na ocasião estávamos sozinhos e o silêncio contribuiu para o aflorara fala e as lembranças que seriam compartilhadas. Com R.S.L, fizemos a entrevista em minha residência, de acordo com a preferência da entrevistada, haja vista que seu trabalho era barulhento e em sua casa não seria possível, porque sua mãe não tinha conhecimento de todas essas lembranças “amargas” do seu passado. Na ocasião fizemos a entrevista na sala de minha casa, onde a entrevistada sentiu-se à vontade, pois só estávamos eu e ela.

Já a entrevista com M.S.L aconteceu na escola em que esta trabalha, mais precisamente em sua sala, no final da tarde, quando ela se desocupou dos afazeres escolares. Tivemos uma longa conversa, onde fomos anotando as respostas às questões propostas, pois, por não se sentir confortável, pediu para que a entrevista não fosse gravada. Atendemos ao pedido e respeitamos o desejo da entrevistada, para que esse momento transcorresse de forma amigável e salutar. Já com K.A.C, estivemos em sua casa diversas vezes e tivemos muitas conversas, mas a entrevistada sempre tinha um semblante angustiado ao falar. Após muitas tentativas, consegui da mesma uma atividade que foi feita na escola, com a entrevistada externando um pouco dos seus sentimentos. Nesse momento compreendi o porquê de tanta “recusa”. Em um domingo do mês de maio do corrente ano, visitei-a e ela resolveu falar, mas fez o mesmo pedido de M.S.L, o qual também foi respeitado. Ficamos algumas horas trancadas no quarto dela, um

ambiente acolhedor, ainda cheio de bonecas, todo cor-de-rosa, e conversamos acerca das perguntas da entrevista de maneira cuidadosa, as quais foram sendo anotadas. Às vezes, as respostas tinham poucas palavras e a instigávamos a responder mais diretamente, contudo, fazia-se um silêncio profundo, que, de antemão, resolvemos acatar. Sobre as lembranças iniciais da escola, considerando as palavras de Motta (2012, p. 26) de “que as memórias são fonte históricas, pois elas nos ajudam a identificar o que tem sido lembrado, recordado com um ou vários grupos sociais”, percebemos a importância das narrativas de nossos pesquisados e comprovamos que há uma semelhança entre as instituições públicas e as instituições particulares.

Quando os entrevistados descrevem uma escola tradicional atribuem a esta um conjunto de fatores que atesta esse tradicionalismo, entre eles uma pedagogia que encerra a capacidade cognitiva e criativa de educadores e educandos em uma questão meramente de repasse, onde o educador é o transmissor do conhecimento e o educando é um simples receptor passivo. Isso foi bastante pontuado, e Paulo Freire (1996) afirma que o educador que “castra” a curiosidade do educando, em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino de conteúdos, tolhe a liberdade do educando e a sua respectiva capacidade de se aventurar. Segundo os entrevistados, as escolas eram:

-Grande, arejada, dentro das possibilidades, acolhedora, as pessoas são bem livres, o ir e vir das pessoas em bem agradável (C.G.B).

-Era, era boa, diferente das outras, porque em si dentro da escola, a organização era boa, tinha bons professores, mas os alunos não deixavam, não tinha paz (R.S.L).

-Tradicional (M.S.L).

-Agradável, a meu ver confortável, mais ou menos grande, um pouco tradicional (K.A.C).

Além desse fator relevante, destacamos que a questão da violência escolar já estava presente nos primeiros relatos: “*porque em si dentro da escola, a organização era boa, mas os alunos não deixavam, não tinha paz*” (R.S.L). Segundo Fante (2012, p. 20), “um dos maiores desafios da humanidade, postergado ao século XXI, é o de extirpar as principais causas que ameaçam a construção da paz, dentre as quais se destaca a violência”. Nas últimas décadas, a violência entre escolares adquiriu dimensão crescente em todas as sociedades, trazendo para o

nosso tempo questões preocupantes, que precisam ser debatidas e estudadas, levando ao encontro de nossas pesquisas acerca das memórias dos sujeitos sobre o *bullying* e o *cyberbullying*.

Nesse contexto, as diferentes vozes, sua história e suas memórias acerca desses fenômenos darão notoriedade a um tempo vivido, que contribuirá para uma reflexão mais apurada sobre esses acontecimentos no movimento da história. De acordo com Halbwachs (2006), devemos atribuir a memória a uma entidade coletiva: a sociedade. Uma vez que o indivíduo está nela inserido, ele se lembra “enquanto membro de um grupo” (RICOEUR, 2007, p. 131), havendo mútua interferência entre memória individual e coletiva. É pertinente destacar que essas memórias coletivas, oriundas da percepção interna de um grupo, estão comprometidas com “a defesa de acontecimentos e de interpretações do passado” (POLLAK, 1989). Ainda que sua pretensão seja a verdade (RICOEUR, 2007), a memória pressupõe seleção simultânea dos fatos que serão recordados ou esquecidos de acordo com nossas convicções, pois é preciso estar “atento de que a memória se constrói na lembrança, mas também no esquecimento” (POLLAK, 1992). Em outras palavras, essa construção do vivido, do lembrado, reverbera em escolhas entre acontecimentos do passado que, por alguma razão, determinado grupo considera que devam ser rememorados e, ao fazer determinadas escolhas, o grupo exalta, encobre ou esquece outros fatos.

O entrelaçamento entre memória individual e coletiva percorre as respostas dos entrevistados ao serem perguntados sobre lembranças de alguns acontecimentos da época (nacionais ou locais) na escola:

-Alguns acontecimentos lembro, muito, muito pontuais, já que se não se passa, que eu mesmo não passo muito tempo dentro dela, mas, lembro de alguns casos de uma menina que foi agredida ou foi ou um rapaz que foi agredido, porque ele era realmente africano e teve alguma questão desse, desse bullying em relação esse preconceito de raça, alguma coisa desse tipo, já vi também algumas coisas sobre homossexualismo, mas, não tão polêmico, mas caso isolados já ouvi falar, sim (C.G.B).

- Lembro que por justamente por ter essa essa quantidade maior de alunos com referência negativa na escola, era com muita frequência que se mudava de diretor. Lembro que teve até uma inspeção do conselho tutelar para investigar porque esses alunos na escola tinha esse comportamento. Lembro que muitos alunos fumavam, gazeava aula, destratava professor, pegava muito no pé dos outros alunos, principalmente os mais fracos, porque esses alunos que fumava, destratava professor, jogavam bombas pra estourar nos banheiros, eles eram os populares, então aqueles que não faziam isso, era o que era era um Zé ninguém, que eles pegavam no pé tudinho e eu infelizmente eu era uma delas (R.S.L).

- *Golpe militar (não gosto nem de lembrar, M.S.L).*

- *Sim, muitos alunos sendo chacoteados por outros (K.A.C).*

Percebemos nos recortes de memória fatos marcantes que estão sustentados nas raízes preconceituosas e discriminatórias, no desequilíbrio de poder, na perseguição e nas atitudes oriundas da violência velada, entre elas: gozações, xingamentos, humilhações, constrangimentos, ameaças e intimidações, chamando nossa atenção para um fenômeno social recorrente no tempo presente, o *bullying*. Fante (2012, p. 21) define o *bullying* como um “fenômeno que gera e alimenta a violência explícita, que vem sendo se disseminando nos últimos anos e que se alastra pelas escolas de todo o mundo, inclusive pelas escolas brasileiras”. Fante (2012) nos alerta para a existência desse fenômeno, carente de estudos, e acrescentamos a pertinência de dar “voz” aos “silenciados” que vivenciaram esse acontecimento, que, às vezes, “não gostam de lembrar”. Delineamos a relação entre o passado e o presente, pois acreditamos que esse seja o fio condutor para anunciar às gerações futuras os acontecimentos rememorados por pessoas “comuns”, abrindo outras discussões ao revisitar o passado para ressignificar o presente em constante transformação.

Chartier (2012, p. 216) afirma que os numerosos trabalhos dedicados às modalidades de construção, de institucionalização e de expressão das memórias contemporâneas foram decisivos para o início de nossas pesquisas. No que concerne às memórias dos nossos sujeitos, as marcas do tempo vivido aparecem de maneira pontual, quando descrevem a clientela do período em discussão. Contemplando com os olhos de hoje a dinâmica do cotidiano escolar, os comportamentos de uma sociedade posta: “*no meu tempo era mais respeitosa*” (M.S.L), deixam transparecer a importância de se entender, além do mero discurso histórico (CHARTIER 2012), as formas múltiplas e possivelmente conflitantes da escrita da história, desvelando numa maior reflexão para enfrentarmos os desafios do nosso tempo:

-É uma clientela bem, bem mista, é uma clientela bem, bem diversificada, tanto em questão de, de nível social, como em questão de, de cor, de raça, de etnia, de próprio, ideologicamente como uma instituição presa e deve ser, ela tá dentro dessas conformidades (C.G.B).

-A clientela a pequena maioria era muito bons, tinha alunos inteligentes, esforçados, mas, a maioria era ruim (R.S.L).

-No meu tempo era mais respeitosa (M.S.L).

-Era boa, pessoas com nível econômico bom, de certa forma educados, mas, sempre tinha aqueles (K.A.L).

Conforme Carvalho et al., (2014, p.173-201), “a preocupação com a memória de acontecimentos educacionais pouco lembrados ou não investigados [...] aponta para necessidade de revisitar o passado”, buscando esclarecimentos sobre os fatos vividos nesse tempo/espço, percebendo também, as diferentes formas de relações sociais, educacionais e interpessoais que contribuíram e provocaram “mal estar” no cotidiano escolar. Ao rememorar as relações educacionais/sociais entre a comunidade escolar (alunos x alunos; alunos x professores; alunos x equipes, etc.), os entrevistados mergulharam em uma memória individual e coletiva, narrando fatos que ocorreram com eles próprios: *“bem, se levar para uma relação pessoal, a relação aluno x aluno sempre foi uma relação dita normal, dita de companheirismo, no meu caso não tanto amigos é, pessoais, tal, talvez, não por pelos próprios alunos mas talvez, pela minha vida de trabalhar e ter filhos, não termina tendo uma relação não tão estreita”* (C.G.B); bem como se reportando aos fatos que aconteceram com determinados grupos: *“quando saía da escola os alunos mais fracos saiam em grupo, porque os mais fortes ficavam lá atrás esperando, xingava, jogava peteca, era isso que acontecia”* (R.S.L). Diante desse contexto, *a priori*, a memória “parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAKY, 2012). Porém Halbwachs, em seus estudos, nos anos 20-30, já havia ressaltado que a memória deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social e, de igual modo, um fenômeno construído na coletividade, imbuídas de transformações e mudanças:

-Bem, se levar para uma relação pessoal, a relação aluno x aluno sempre foi uma relação dita normal, dita de companheirismo, no meu caso não tanto amigos é, pessoais, tal, talvez, não por pelos próprios alunos mas talvez, pela minha vida de trabalhar e ter filhos, não termina tendo uma relação não tão estreita, mas nunca eu pessoalmente nunca tive problemas entre alunos e alunos, também eu nunca presenciei algum tipo de problema entre alunos x alunos, a gente escuta falar, mas presenciar não, nem alunos com equipe né, pelo menos a equipe técnica, também eu nunca participei de nenhum problema, nem nunca vi nenhum problema, com a equipe. Já entre alunos x professores dentro da academia eu já vi várias situações, vi de uma certa forma presenciei, e vivi situações delicadas entre professor e aluno na academia sim, já vi, (pausa, respiração, C.G.B).

- Certo. Uma coisa que era bem destacada era os alunos populares dos alunos (pausa... como é eu tenho que dizer um nome que), dos alunos que eram pisados, então assim a maioria queria ser do grupo dos alunos populares, porque sabia que não ia ser humilhados, não ia ser caçoado, não

ia colar chiclete na cadeira, não ia sumir caderno, não ia ser aquela cesta de jogar petecas. Aluno com aluno era os mais fracos se uniam acabavam sendo amigos pra não sofrer tanto como sofria e se alguém dos fracos queria ser como os populares o quê que devia fazer devia humilhar um menino pra conseguir andar com eles. Quando saía da escola os alunos mais fracos saíam em grupo, porque os mais fortes ficavam lá atrás esperando, xingava, jogava peteca, era isso que acontecia (R.S.L).

- No meu tempo respeitosa (M.S.L).

- A relação era saudável, apesar de que tinha vezes que éramos colocados aos gritos para sala, trocavam a gente de lugar para favorecer outros, a gente ia reclamar de xingamentos dos meninos, mas, não era ouvido (K. A.C).

Do exposto, chegamos à seguinte reflexão: uma escola deve ser pautada pelas relações e educar cidadãos para serem seres sujeitos ativos e críticos, mas não um vínculo de poder e sim um ambiente que faça crescer o educando como um verdadeiro(a) homem e mulher, capaz de respeitar as diferenças. Relação é comunicação, ordenamento, direcionamento intrínseco, isto é, do próprio ser, em direção a outro ser.

Sob o viés das memórias dos nossos entrevistados, percorremos caminhos que se cruzam, dentro de cada uma dessas lembranças. Chamaram-nos a atenção as atitudes desrespeitosas elencadas na fala de R.S.L -, dos “alunos populares”, descritos, pela mesma, como caçadores, zombadores, depreciadores do bem comum, briguentos, agressivos – um típico perfil de *bullie*, que Silva (2010) caracteriza como agressores. Carpenter e Ferguson (2011, p. 4955) consideram que nem todos os “agressores” são iguais e nos apontam alguns tipos de *bullies* e suas características mais comuns, ressaltando que podem existir outros, a saber:

O *bully* presunçoso – é de estilo confiante e agressivo, geralmente com físico forte e um grande ego, sentindo-se no direito de humilhar, agredir quem quiser;

O *bully* social – geralmente é apresentado por meninas. Agido de forma falsa e comumente para manter o *status*, espalham boatos maldosos, isolando e excluindo socialmente suas vítimas, por inveja, por se sentirem superiores ou somente para se divertir.

O *bully* insensível – é um indivíduo perverso, que não sente culpa ou remorso por maltratar e de modo geral ataca quando a vítima está sozinha.

O *bully* hiperativo – costuma ter dificuldade de atenção e de aprendizado ou de controlar seus impulsos, em face disso, pode explodir a qualquer momento, reagindo de forma hostil por razões banais (CARPENTER E FERGUSON, 2011, p. 45-55).

No tocante ao ambiente escolar, Olweus (apud CUBAS, 2006a, p. 18) elencou sinais primários e secundários das vítimas de *bully*, quais sejam:

Primários: as vítimas são repetidamente importunadas de forma vexatória, são chamadas por apelidos depreciativos, são ridicularizadas e ameaçadas, são motivos de piadas (não amigáveis), são humilhadas, agredidas, têm seus pertences roubados ou estragados e apresentam machucados como arranhões e cortes ou roupas rasgadas, aos quais não é possível dar uma explicação natural.

Secundários: frequentemente são excluídas do grupo durante os intervalos, aparentemente não tem “o melhor amigo”, são as últimas a serem escolhidas nas atividades esportivas, fora da sala de aula procuram a companhia dos adultos, parecem depressivas, apresentam redução repentina no desempenho escolar (OLWEUS apud CUBAS, 2006a, p. 18).

Ainda sobre as lembranças e o circuito de relações escolares, C.G.B evidencia:

Já entre alunos x professores dentro da academia eu já vi várias situações, vi, de uma certa forma, presenciei, e vivi situações delicadas entre professor e aluno na academia. Sim, já vi (C.G.B).

Diante do fragmento de memória acima, observamos uma situação já elencada por nós em nossos estudos, onde se evidencia que o *bullying* não é apenas praticado por educandos, mas também por educadores. Numa situação desigual de poder, desqualificar em sala de aula o educando promove risadas e exhibe a superioridade do educador diante do educando perante a turma. Sendo assim, afirmamos nas palavras de Maldonado (2011), que o *bullying* é um fenômeno amplo e complexo, que ocorre em várias faixas etárias, em vários momentos escolares, em outros locais da sociedade: casa, igreja, trabalho, etc, promovidos por diversos agentes sociais, nas formas presencial e/ou virtual.

Para melhor entendimento do fenômeno em discussão, que se desenvolve de maneira presencial e/ou virtual, trazendo essa última interface, denominada *cyberbullying*, veremos abaixo, nas falas dos entrevistados, exemplos práticos de como esses acontecimentos marcaram fortemente as respectivas vivências no cotidiano escolar. Colocamo-nos, também, diante de lembranças profundas, que descortinaram mágoas, desapontamento e sentimento de impotência diante de situações experienciadas, quando perguntamos: há algum caso de *bullying* ou *cyberbullying* que toda a comunidade escolar lembre? Fale sobre ele.

-Bem, de presenciar uma outra pessoa sofrendo esse bullying e cyberbullying como disse não vi, soube, se escuta falar de comentários de corredor, mas, eu já sofri e vivenciei o bullying, o cyberbullying sim, dentro da academia (C.G.B).

-Tinha um menino que era perseguido, chamavam ele de doidinho, de lesado, de abestalhado, só porque ela tinha dificuldade de aprender. São palavras que as pessoas sabe que não deve usar, mas usam e acham isso engraçado. Uma pessoa meio boba, que fica falando de uma maneira entranha ou não acompanha um determinado assunto acadêmico, as pessoas acham engraçado, só que fere (R.S.L).

- Bullying sim e cyberbullying contra membros da própria escola desrespeitando com palavrões (M.S.L).

- Que toda comunidade lembre, não. Mas, eu lembro porque aconteceu comigo. Em todas as aulas eu servia de chacota para dois colegas de classe, começou no 8º ano. Porque a escola sempre coloca a turma junta, aquela que estuda há tempo junta, sabe. Aí tinha dois meninos na turma que sempre minha chamava de burra. Eu até escrevi isso numa atividade de uma disciplina, quando a professora pediu pra relatar sobre o caso bullying que tinha vivenciado ou presenciado e eu escrevi na tarefa: Eu sofro bullying na escola por J e N, começou no 8º e eles me chama de BURRA. Guardo essa tarefa até hoje (K.A.C).

Partindo da leitura acerca das memórias do *bullying* e do *cyberbullying*, demonstramos de maneira pontual a presença dos fenômenos em discussão e destacamos as lembranças de K.A.C. Ao nos debruçarmos sobre os fragmentos da aluna, verificamos nas entrelinhas o sofrimento que ela vivenciou: *“Eu sofro bullying na escola por J e N, começou no 8º e ele me chama de burra.”* De acordo com Maldonado (2011), em inúmeros casos, o sofrimento provocado pelo *bullying* se prolonga por muitos anos após os ataques, atingindo a autoestima, formando a raiz de sintomas e influenciando decisões nem sempre saudáveis. Foi o que aconteceu com o sujeito pesquisado: ele não tinha vontade de ir à escola ou de se pronunciar nas aulas, com medo de que seus colegas a chamassem de burra. Estava sempre “calada”, triste, pensativa e sozinha e, por diversas vezes, perguntava a mãe se era “burra”. Isolou-se, o que causou danos emocionais e de aprendizagem e gerou sua reprovação em 2012.

Não podemos negar que as lembranças desse fenômeno reverberam no campo social do sujeito e, por conseguinte, manifestam-se na história do tempo presente, um campo de pesquisa amplo, que carece de maior atenção. Ressalte-se que essa aluna, atualmente, cursa o primeiro ano em outra escola, e ainda guarda, concretamente, dor e sofrimento quando rememora esse fenômeno.

Do exposto, fica evidente que não podemos tratar o *bullying* ou o *cyberbullying* como algo natural ou como uma brincadeira, mas sim como fenômenos complexos, que trazem nos seus melindres a “problemática” de nosso tempo. É essencial dialogar, perceber, analisar, compreender e anunciar essa

problemática – de relevância social em todos os lugares, inclusive na escola – às sociedades atuais, para que possamos denunciar as suas práticas, ressignificando, a partir desse nosso olhar, a visão das futuras gerações, que se transmitem pela palavra falada e escrita e por inúmeras ações percebidas no meio familiar, escolar e social.

Nessa feira de ações percebidas, observamos que o trânsito da memória pela história da humanidade se faz visível, como bem nos coloca Roselleberg (2006), “enquanto lembram e contam o passado, o elaboram, dão um sentido a si mesmo, aos outros, ao passado e ao presente”. As narrativas dos pesquisados apontam para a assertiva da autora, quando perguntamos: Você fala sobre esse acontecimento com frequência?

-Bem, esse acontecimento, é um acontecimento que não foi um acontecimento tão tão, não foi um acontecimento muito remoto não, é e o interessante de falar desse acontecimento é o seguinte, porque houve exatamente uma mudança de comportamento, entre professor x aluno, a a conduta era uma conduta profissional realmente de professor x aluno, não existia esse laço, essa estreitamento de laços, mas existia uma uma conduta um de entre profissionais, profissionais que eu digo tanto quanto como professor como aluno, uma relação que era uma relação rigorosa dentro dos limites, existia uma relação de precisa-se disso, tem que se fazer isso, e é não, não não facilito, dentro dos estudos, tem que haver a pesquisa e tal, dessa seguinte forma, o que eu acho salutar, numa questão entre professor x aluno que tem que saber a busca do próprio alunos nas suas no seu conhecimento e na aprendizagem. Porém depois de um determinado tempo essa relação ela ficou ruim, é talvez por motivos de egos intelectuais a definição que eu vou dar sempre é essa, uma coisa chamada ego intelectual que existe dentro dessa instituição, isso é uma coisa muito séria e que deve se haver um estudo não sei se em educação, em pedagogia, em psicologia, em em humanística, não sei em qual situação, mas essa questão do ego intelectual que muitos professores tem (C.G.B).

- Falo, tanto é que inclusive eu assim eu tenho amigas que tem filhos, que está quase na idade de chegar a estudar no ensino fundamental, eu aconselho elas a não procurar determinada escola, porque eu vivenciei dentro dela (R.S.L).

- De vez em quando, o caso terminou com a expulsão do aluno da escola (M.S.L).

- Não falo não, porque isso ainda me magoa (K.A.C).

Ao lermos os relatos acima, observamos lembranças de descontentamento, de ressentimentos, de mágoa e de dor. As nuances das falas ecoam num entrelaçamento de um mesmo acontecimento, reforçando, a cada narrativa, a expressão de significados coletivos. Nesse sentido, Halbwachs (2006, p. 98) assinala que, “para que a memória dos outros venham assim reforçar e

complementar a nossa, é preciso que as lembranças desses grupos não deixem de ter alguma relação com os acontecimentos que constituem meu passado”. Por essa compreensão, entendemos a importância da memória para a sociedade e como elemento fundamental na formação da identidade individual e coletiva. Preservar a memória de uma sociedade não significa atrelá-la ao passado e impedir o seu desenvolvimento, mas sim conservar seus pilares constituintes a fim de não perder conhecimentos e identidades.

Ao lembrar-se de um tempo vivido, reportamo-nos ao passado. Além disso, fazemos escolhas do que falar e do que silenciar através de nossas memórias. Diante disso, perguntamos aos nossos entrevistados: O que você lembra sobre os acontecimentos de *bullying* e/ou *cyberbullying* na escola?

-Sim, porque sofri bullying e cyberbullying, e vou além, pelo fato de serem todos adultos eu ainda levaria como assédio moral. Foi bullying porque as indagações mais fortes eram verbais, as indagações por escrito também foram feitas. Teve um momento que foi muito taxativa no email perdeu completamente a paciência comigo e quando foi dar a resposta de uma pergunta que eu tinha feito por email, não só mandou para mim, como mandou para as outras educandas, compartilhando o email com as outras educandas. E o estopim foi quando eu levei um texto pra ela, que já tinha sido corrigido por um outro professor, ela disse que tava tudo errado, que tava horrível, tava péssimo, e disse que não estava normas da ABNT, eu já tinha passado por 4 que faziam as normas, mas ela dizia aos gritos que estava tudo errado, questionava o texto, o sumário, quem já viu sumário em caixa alta? Eu disse professora eu paguei pra fazer, esse sumário, eu não fiz, ela simplesmente olhou para me e disse, que eu não acredito que você manda essas normas, como assim que não mando. A senhora tá dizendo que eu estou mentindo?(ela enfiou o dedo e disse), está. É mentira sua, você não manda para normas, é mentira sua, é mentira, eu nunca vi, você mandou para aquela mulher. Eu mandei, se a senhora quiser eu mostro o depósito da conta, e os emails da professora também. Pois eu quero ver!(C.G.B).

-Como eu disse bem no comecinho, eu era uma das fraca que levava que levava chacota que era caçoada e meu apelido eu tinha dois apelidos eu tinha quinze anos mas era muito alta aí me chamava de girafa e porque sabiam que eu nunca tinha beijado me chamava de BV, então eu tive esses dois acontecimentos de BV eu nunca liguei, porque eu sabia que quando encontrasse a pessoa certa (porque a maioria ali era errada) eu ia beijar. Agora de girafa ficavam falando sai daí poste, não sei o quê... Olívia Palito, e isso me deixava magoada porque quando eu tava num grupo bem grande que eles faziam isso de propósito todo mundo ria e ria de mim, eu sabia que era de mim (R.S.L).

-Casos simples de fatos... (M.S.L).

- Lembro que tinha outros alunos que se sentiam igual a mim, mas, sempre ficavam quietos. Eu ainda falei pra minha mãe, ela foi na escola, comunicou o fato. Houve uma parcial tomada de decisão, mas, não parou aí então eu disse pra minha mãe que queria sair da escola (K.A.C).

É possível vislumbrar, a partir das memórias dos entrevistados, as lembranças do *bullying* e do *cyberbullying* no cotidiano escolar. C.G.B, R.S.L. e K.A.C falam acerca dos acontecimentos vividos, tecendo pontes entre o vivido e o lembrado. Já M.S.L optou por não recordar, apenas confirmando “*casos simples de fatos*”, fugindo desse acontecimento que marcou o seu convívio escolar. As pessoas reagem de diferentes maneiras aos ataques de *bullying* e *cyberbullying*: “As interpretações pessoais dos acontecimentos repercutem na vida pessoal e nas redes de relacionamentos” (MALDONADO, 2010). Nesse imenso turbilhão de pensamentos, que vai do “esquecimento” e do “desespero” até o fortalecimento para buscar recursos e saídas para enfrentá-los, surge também a falta de preparo e conhecimento mais aprofundado das instituições (professores, coordenadores, diretores, etc.) do que seja a ação desses fenômenos na vida dos sujeitos vitimados. Fante (2012, p. 51), em suas pesquisas acerca desses fenômenos, fez a seguinte constatação:

É impressionante a pouca conscientização e o despreparo de professores do setor educacional em lidar com a violência, especialmente a velada. E o fato de muitos diretores negarem os fenômenos em suas escolas, principalmente em escolas particulares. Quando questionados, diziam: “Não minha escola não há violência, apenas alguns casos pontuais” (FANTE, 2012, p. 51).

Sobre as memórias e o silêncio, Pollak (1989) acrescenta:

Não se trata de historicizar memórias que já deixaram de existir, e sim, trazer à superfície memórias “que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível” e que “afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados” (POLLAK, 1989: p. 3-15).

Fica evidente que, em muitos lugares, não somente as instituições educacionais estão de olhos vendados para essa problemática, a qual demonstramos necessitar do estreitamento das discussões a seu respeito. Não há como negar que vivemos, há muito tempo, imersos nos acontecimentos desses fenômenos. Em campo, atestamos a “negação” dos sujeitos ao não rememorar fatos ocorridos. Eles se evadem, com medo das lembranças, o que comprovamos ao perguntar: Como se sente, lembrando esses acontecimentos?

-[...] Você não tem vontade de seguir o seu estudo, eu acho isso muito triste, eu acho que ninguém tem o direito de usurpar o seu sonho (...) então ocorreu a sensação de que você não quer, eu eu não era isso que eu esperava, eu nunca achei que um curso em outro nível ele fosse fácil, que ele fosse tranquilo, eu nunca achei isso, mas eu achava que era um uma dificuldade de escrita, de leitura, tá entendendo, de dede você ter que ter

tempo, de você, mas no sentido de você ser oprimido, porque a relação que eu estabeleço é uma relação de opressor, oprimido e opressor, na real palavra que Paulo Freire fala, no real sentido que Paulo Freire fala, é o opressor e o oprimido, eu tenho poder intelectual e você não tem, eu sei e você não sabe. (pausa...) e uma outra coisa que é assim eu recebo um email da professora pra mim, eu olhar no meu celular que chegou um email, eu literalmente me treme, eu treeeeemo,mas eu treme,como diz o matuto mesmo, as carnes treme, não é brincadeira, eu me treme mesmo, meu coração palpita, sabe quando a cabeça faz assim zummmmmmm, minha cabeça faz assim zummmmmmm, quando eu tinha encontro, eu passava dois dias pra eu poder voltar a me centrar, eu passava um dia e um a noite pensando assim puxa vida ai minha nossa senhora,tá errado (voz embarcada (C.G.B).

-Eu me sinto chateada, porque a gente vai pra escolar aprender. Os alunos não colocava em prática o que aprendia, ou seja, era bem pior pra eles, às vezes sabia de relatos que esses alunos que eram populares pegavam as experiências deles ruim de casa não tinha como descontar e descontava nas pessoas da escola, a mãe era drogada, a pai era um traficante, o tio roubava, a tia era prostituta. Então eles não tinha como pegar aquela vergonha que eles sofriam dentro de casa e esbanjar, esbanjada de uma maneira errada, equivocada, e irresponsável numa pessoa que não tinha absolutamente nada haver com a os acontecimentos da vida dele, né (R.S.L).

-Triste pela falta de respeito humano (M.S.L).

-Fico triste porque eu não era Burra, eu não sou Burra. E aquilo me deixava triste, chegava em casa chorando as vezes (K.A.C).

Podemos ver a presença das marcas pontuais de ressentimentos, presentes nas memórias dos entrevistados. Estas estão ligadas a vários autores sociais: os que vivenciaram os acontecimentos (as vítimas), os que praticaram (os agressores) e os que viram (as testemunhas). Essas narrativas vão ao encontro das afirmações de Lopes Neto (2005) e Carpenter e Ferguson (2011): agredidos, agressores e testemunhas correm o risco de enfrentar consequências físicas, emocionais e acadêmicas que podem repercutir a curto e longo prazo, causando diversas dificuldades em suas interações sociais, seja nas relações interpessoais, seja na família, na escola ou no trabalho. Não obstante, como fenômenos sociais, eles repercutem em várias esferas. Compreendemos isso quando observamos os prejuízos financeiros e sociais provocados pelo *bullying* e *cyberbullying*. É necessário investir em serviços e profissionais diversos (de educação, de saúde, de justiça, sociais), além de políticas que trabalhem contra as desigualdades sociais em todas as instâncias.

É importante aditarmos as memórias que os sujeitos guardam desses acontecimentos, que servirão para denunciar as barbáries de um passado não tão distante. Temos que entendê-las e analisá-las para não repetirmos as mesmas

barbáries com as gerações futuras. Nesses termos, perguntamos aos entrevistados: Sobre as lembranças, as marcas deixadas por esses acontecimentos (do *bullying* e/ou *cyberbullying*), o que você não gosta de lembrar?

-Dessas sensações, o corpo treme, o coração palpita, e e e a cabeça faz um zummmmmmm, quando eu lembro eu tenho, eu sinto as mesmas sensações. A sensação que eu tenho e as marcas que concludo dessa dessas questões, sabe, eu eu hoje em dia tenho uma pena de de criança, antigamente quando se dizia que era um ensino tradicional né, tinha crianças que elas tinha vertigens né, ela ela tinha, ela ela tremia de medo do professor, é a sensação que eu tenho,eu que sou uma adulta, eu sou uma adulta, imagina as crianças indefesas que tinha aquele aquele professor, e literalmente você tremer de medo, a pessoa ter medo de um outro ser,isso é muito sério, você ter medo de um outro, ou do seu superior ou do seu igual (pausa...) é muito sério, e eu que sei expressar o que passei e aquele criança que não sabe (voz embargada...). É uma sensação muito ruim, eu não gosto de lembrar daqueles emails, a sensação de receber fazia com que meu corpo todo se alterasse, já era “morrer de véspera”, era uma sensação física muito ruim (C.G.B).

-A a maneira como eles faziam chacota de mim, porque eu sei que embora o meu apelido seja um pouco, o meu apelido não o meu bullying tenha sido um pouco menor do que os outros colegas porque tinha gente que era chamado de coisa pior, mas isso magoava, me deixava solitária, me deixava, a gente pensa até em querer realmente eu vou humilhar meu coleguinha pra poder ser um dos populares, mas ai você vai sentir melhor do que tá, claro que não, se você tem a consciência daquilo é errado você tem que fazer justamente ao contrário, então era deixando as coisas irem que um dia ia acabar, você não vai viver toda a vida com aquelas pessoas, só vai viver um ano, dois anos, três anos, quatro anos. Marcava de uma coisa negativa porque você se sente (pausa...) desmotivado de fazer algo na vida, eu ficava desmotivada quando eu ia pra escola porque eu sabia quelá eles iam aprontar comigo, mas no final do dia quando eu voltada pra casa eu sabia dizia não é um dia a menos que eu tenho que conviver com eles, por isso marcou de uma maneira triste (R.S.L).

- Do sentimento de impunidade. Enfim, o bullying é um caso social de grande complexidade, pois é uma agressão ao direito humano. Uma violência que atinge geralmente aos mais fracos e indefesos. É uma ameaça social tanto o agressor, quanto para o agredido. Visto que, é uma ameaça aos valores do bom equilíbrio social (M.S.L).

- De tristeza, não quero que ninguém passe o que eu passei, dois anos sofrendo por dentro (K.A.C).

Partindo da premissa narrada por M.S.L, vemos que, através das experiências escolares, podemos criar condições para a crítica e o entendimento do nosso objeto,ao percebermos o sentimento de impunidade, mas também a legitimação do fenômeno *bullying* como “uma ameaça aos valores do bom equilíbrio social”(M.S.L,2015). As memórias registradas são terrenos privilegiados de construção desse entendimento, sendo base para estudos e interpretações. Mais do que isso, o que a emergência destas memórias vem ocasionando, conforme aponta

Pollak (1989), é a disputa entre memórias ou a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. Esse embate, que se trava pela incorporação dessas memórias marginalizadas, silenciadas, é um embate pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada (POLLAK, 1989).

Nesse sentido, destacamos a problemática do *bullying* e do *cyberbullying*, as quais se entrelaçam, pelas respectivas práticas e marcas deixadas na vida de cada sujeito que vivenciou essa experiência.

3.4 *Bullying* & *Cyberbullying*: reminiscências do Tempo Presente

Em nossos estudos, o *bullying* se configura em diversas modalidades, como as provocadas por atos de agressão verbal, moral, ameaças sociais ou psicológicas que ocorrem de modo repetitivo (TEIXEIRA, 2001). Além disso, desenvolve-se em diferentes espaços, seja no ambiente familiar e escolar, ou, ainda, no trabalho. Esse fenômeno não discrimina “pobre ou rico”, sendo a sua prática constatada em diferentes fases: na infância, adolescência ou na fase adulta. Em contraste com as modalidades do *bullying*, o *cyberbullying*, apoiado nas tecnologias da informação, transcende as fronteiras do tempo (na medida em que a lesão pode se manter infinitamente presente no espaço virtual), bem como as do espaço pessoal e físico, contudo, tal qual o *bullying*, realiza-se com base em uma assimetria de poder. Segundo Leão (2011), na história da humanidade existiu muitas formas de agressão e violência, mas, atualmente, essas formas ficam evidentes, graças aos efeitos da globalização e dos veículos de comunicação de massa, como a internet. Amostras de vídeos, conteúdos perniciosos com zombarias e crimes de diversos tipos ganham atenção no contexto moderno e exigem maiores estudos sobre suas reais consequências.

Com efeito, os danos que o *bullying* e o *cyberbullying* ocasionam em suas vítimas perpassam também pelo campo da violação de direitos (à vida, à integridade física, à honra, à saúde, etc.), e, daí a necessidade de aprofundarmos o debate histórico sobre esses fenômenos, em especial, no tocante à vedação de semelhantes práticas, sobretudo se observadas as consequências causadas aos

indivíduos. As práticas de *bullying* e *cyberbullying* são reciprocamente opostas aos direitos fundamentais previstos no artigo 5º da Constituição Federal de 1988, devendo, por esse motivo, serem coibidos e combatidos por todos os brasileiros. Podemos citar, entre outras normas, que os atos de *bullying* e *cyberbullying* violam os seguintes direitos fundamentais constitucionais:

Art.5º Todos são iguais perante a lei, em distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

[...]

II – ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude da lei;

III – ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano degradante;

[...]

X – são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito de indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

[...]

XLII – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

XLIII – a prática de racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito a pena de reclusão, nos termos da lei.

Além da Constituição Federal de 1988, podemos citar o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, o Código Civil e o Código Penal, entre outras leis, que determinam a punição (cada qual em sua área) para a prática desses atos. Como coloca Calhau (2011, p.109), “o assunto começou tímido nos tribunais, mas nos últimos cinco anos romperam os obstáculos iniciais e decisões coibindo o *bullying* (nos mais diversos ambientes) começam a surgir”. Torna-se cada vez mais evidente que as memórias que os sujeitos guardam desses acontecimentos devem vir à tona, para objetar-se à realidade. De tal modo, Carvalho e colaboradores, (2014, p. 173-201) afirma que

A memória é uma fonte capaz de alertar-nos acerca das privações de direitos, violações e exclusões vivenciadas pelos indivíduos, devendo ser compreendida como direito humano à informação e ao conhecimento, tendo em vista que o esquecimento e o desconhecimento são responsáveis pela perpetuação/repetição de atos de violência e desrespeito aos seres humanos (CARVALHO et al., 2014, p. 173-201).

Considerada essa assertiva pontuada por Carvalho, trazemos, para o campo de discussão, fatos recentes, que transcendem nosso recorte histórico (1993-2011), mas que não poderiam deixar de ser pontuados, pela relevância dos acontecimentos e pela incidência do *bullying* e do *cyberbullying* nos contextos

apresentados. Um explícito, porque atesta na narrativa do entrevistado a experiência do *bullying* vivenciada no cotidiano escolar. O outro implícito, porque ocorrido de forma velada, impingido em atitudes discriminatórias e racistas, mas, ocorrida em um ambiente virtual. Diante do exposto, vamos aos acontecimentos:



Cearense que acertou 95% do Enem diz que sempre sofria *bullying*

Fantástico: Quantos livros você já leu este ano?
João Victor C. dos Santos: Uns 80, 90. A obsessão pela leitura começou como uma espécie de defesa. É que ele sofreu muito *bullying* na escola.

Fantástico: Que tipo de *bullying* você sofria?
João: Vários. Minha magreza, minha altura, meu cabelo e a minha letra. Eu sempre sofria *bullying*, desde criança, e eu via no estudo, eu tirar notas boas, uma questão de eu ser superior.

Imagem/Fantástico: Edição do dia 30/11/2014.

Ao nos debruçarmos sob a entrevista de João Victor (FANTÁSTICO, 30 de novembro de 2014), percebemos como o fenômeno *bullying* marcou sua história. Procurando uma “blindagem”, ele se dedicou à leitura e aos estudos, “*começou como uma espécie de defesa*”. Nesses termos, Fante e Pedra (2008, p. 87) confirmam que, “em alguns casos a vítima desenvolve um mecanismo de defesa, que lhe faculta superar o problema. São aqueles que se dedicam ao extremo aos estudos ou a outras atividades, conseguindo destaque e notoriedade”. Temos, como exemplo, o caso acima registrado: um menino oriundo da região Nordeste, cearense, conseguiu acertar 95% das questões do Enem, em 2014.

Outro fator inquietante é a forte presença de padrões de beleza e a angústia de sofrer *bullying* desde criança, conforme discursa o entrevistado, atestando a afirmativa de Maldonado (2011), quando alerta que “os preconceitos e as práticas discriminatórias são as raízes mais comuns do *bullying* e do *cyberbullying*”.

Nessa perspectiva, trazemos para nossas reflexões o segundo fato, este mais recente, acontecido em 3 de julho de 2015:

Maria Júlia Coutinho é alvo de comentários racistas no *Facebook*



A jornalista Maria Júlia Coutinho foi alvo de comentários racistas na página do Jornal Nacional no *Facebook*, em *post* publicado na noite de quinta-feira (3/7/2015). Entre os comentários racistas, muitos chamam a jornalista de "macaca", "puta africana", "vagabunda", entre outras agressões.

PORTAL DO G1, São Paulo - (atualizado em 3/7/2015, 19h02).

Imagem:

twitter.com/PortalAlmanaque/status/616990538768777216

Segundo Silva (2010, p. 129-130), “não existe um perfil para ser vítima do *bullying* virtual, geralmente ela é escolhida dentre de seus iguais, sem motivos reais, que possam justificar a perversidade dos ataques”. Assim, confirmamos os apontamentos de Silva (2010), pois a vítima dessa reportagem é uma jornalista, que vivenciou e se deparou com uma gama de insultos, xingamentos e agressões, disseminados em uma página da internet. A menção aos ataques sofridos pela vítima causou inúmeras postagens na página em apoio a Maria Júlia Coutinho (a Maju), repudiando a humilhação e o constrangimento que ela passou na rede mundial. O Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro – MP/RJ, por meio da Coordenação de Direitos Humanos, solicitou à Promotoria de Investigação Penal que investigue a prática de racismo e de injúria qualificada contra a jornalista. Apesar de a manchete anunciar atitudes racistas, vemos imbuído nesse emaranhado de desrespeito à dignidade humana o *cyberbullying*, pela forma de propagação e exposição da vítima. Torgnetta, L.R; e Bozza, T.L (2010) explicam que esse fenômeno apresenta particularidades que o diferem das agressões presenciais, o que o torna ainda mais cruel, pois não há a necessidade das agressões se repetirem visto que o assédio se liga a mais pessoas, devido à velocidade de difusão das informações pelos meios virtuais.

O *cyberbullying* é considerado crime e geralmente envolve calúnia, difamação, injúria – esta consiste em insulto à dignidade e à honra da pessoa-e

chantagens feitas através de palavras, gestos ou quaisquer outros meios simbólicos. Esses critérios estão previstos nos artigos 138, 139, 140 e 147 do Código Penal brasileiro, com penas que variam de multa à prisão. Esses delitos ainda podem estar relacionados às ações de preconceito e discriminação em razão de raça, cor e religião.

Como vimos, o *bullying* e o *cyberbullying* estão ligados a vários fatores, de ordem educacional, jurídica, familiar, entre outros. O estudo e a relevância dessa investigação crescem exponencialmente em função do respectivo potencial e de suas implicações imediatas ou futuras na sociedade. Se falamos em sociedade, falamos em história, pois o conjunto de acontecimentos e fatos, rememorados por um indivíduo ou grupo, dá movimento à história. Uma história que não precisa ser de grandes lutas ou mártires, mas que narre às memórias de pessoas comuns, vista de baixo, que, no seu tempo, escreve e reescreve a história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] É à memória que está vinculado o sentido da orientação da passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo a flecha do tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do presente vivo (RICOEUR, 2012, p. 108).

Lembramos que a memória registra de forma privilegiada as experiências vivenciadas com forte carga emocional (FANTE, 2012, p.191).

Começamos nossas considerações adentrando o universo da memória pelas lentes do olhar de Ricoeur (2012) e Fante (2012), por entendermos que o estudo da teoria da memória se faz necessário para compreendermos historicamente o nosso objeto de pesquisa, ou seja, os fenômenos do *bullying* e *cyberbullying*. O *bullying* é uma realidade mais comum do que podemos imaginar. Ele sempre existiu, mas não era estudado. Esses fenômenos do contexto escolar se entrecruzam, um de forma presencial, cara a cara, olho a olho; o outro, se esconde por uma “desface” ou, como nos coloca Maldonado (2009), por uma face oculta, que rompe as barreiras dos espaços presenciais e se instrumenta nos espaços virtuais com a mesma intensidade que o *bullying*. O *bullying* é um fenômeno “novo”, no que se refere aos estudos e pesquisas, e não se pode negar sua presença no cotidiano escolar, bem como a de sua transposição, o *cyberbullying*.

No contexto brasileiro, Calhau (2011) ressalta que o Brasil demorou quase trinta anos para reconhecer a problemática do *bullying*, e que, hoje, vive um período de profundas mudanças no que diz respeito ao cenário social, cultural e histórico. As pesquisas acerca do *bullying* e do *cyberbullying* estão sendo aprofundadas, mas ainda há muito que caminhar.

A partir do estudo realizado e em conformidade com as pesquisas de outros autores, pudemos observar que os principais problemas evidenciados estão relacionados às constantes ameaças que o *bullying* e o *cyberbullying* podem provocar na vida social de crianças, adolescentes e adultos, deixando marcas ao longo de sua história de vida.

Por mais que o fenômeno seja uma prática antiga no cotidiano escolar, as pesquisas sobre essa problemática só ganharam consistência com os estudos do professor e pesquisador Dan Olweus, no início da década de 1970 e, mais

precisamente, em 1993, quando foi considerado o pioneiro dos estudos sobre *bullying*. As pesquisas mostram que a atual concepção de *bullying/cyberbullying* atinge menos da metade do corpo docente e discente diretamente e é falsa, pois, vimos ao longo das discussões nessa literatura, que esses fenômenos estão na história passada e recente de forma pontual.

Em algum momento de nossas vidas, seja no cotidiano escolar ou acadêmico, de trabalho ou familiar, presenciamos ou vivenciamos uma situação que nos remete a essa problemática. Nesses termos, Lima (2011, p. 72) comenta sobre o impacto do *cyberbullying* no cotidiano escolar:

Por mais que o *cyberbullying* comece de forma anônima, esta ação gera impacto presencial nas escolas, e as consequências podem ser devastadoras para as vítimas, comprometendo seriamente seu desenvolvimento emocional por vários anos ou por toda vida. O fato de ficar imaginando e buscando saber quem é o autor ou possível agressor, gera medo, desconforto, tristeza e ressentimento, criando, assim, um ambiente escolar hostil e inseguro para a vítima.

Assim, é importante alertar para esse fenômeno tão presente na escola e que necessita de ações efetivas, que possam prevenir e combater esses atos de violência gratuita no ambiente escolar. Dessa forma, trazemos para o campo da história do tempo presente essa problemática, sob a ótica da História Oral, para entendermos o que os nossos entrevistados guardam na memória a respeito do *bullying* e do *cyberbullying*. Sobre a história oral, Aberti (2012, p. 24) pontua:

O trabalho com a História Oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças.

Ao trabalharmos com prismas particulares, de diferentes sujeitos, a partir de suas narrativas, estamos reconstruindo as histórias vividas e concebidas, parecidas ou diferenciadas, contadas por pessoas em contato com as experiências e com o mundo. É possível, ainda, visualizar a importância que a escola tem, no sentido de promover ações socioeducativas que levem os professores e profissionais de Educação a se conscientizarem e se mobilizarem desde cedo para a adoção de medidas que promovam a prática do respeito, da ética e da democracia entre os alunos, aliadas a uma política que promova a paz na escola. É conveniente

salientar que, se estas práticas não percorrerem os extramuros, ou seja, o seio da família, a total qualidade dessas ações não será efetivada. O apoio da família é de suma importância, assim como a participação ativa da comunidade na elaboração e efetivação de projetos e programas *antibullying* e *cyberbullying* nas escolas.

Diante dessa nova e comprovada realidade, não nos podemos “fechar” para o debate - ainda que seja uma pauta de discussão delicada, porque “mexe” com os indivíduos de maneira devastadora. Devemos aprofundar esse debate, principalmente nas pesquisas acadêmicas, onde ele ainda acontece de forma incipiente.

Ressalte-se que, atualmente, existem inúmeros projetos e programas, desenvolvidos por estados, municípios e escolas de todo o Brasil, geralmente baseados nos estudos de Olweus (1993). Um exemplo prático é o desenvolvimento do Projeto “Conviver sem *bullying*: pelo direito de estudar em paz”, realizado em 2010, pelo Programa Acadêmico de Licenciatura – PROLICEN, da Universidade Federal da Paraíba, campus de Bananeiras.

Em campo, no tocante aos nossos entrevistados, pudemos evidenciar, em suas narrativas, a presença pontual do *bullying* e do *cyberbullying* na história e nas memórias escolares, alertando para estudos mais apurados sobre os fenômenos em discussão, haja vista que se tornou uma problemática não apenas educacional, como também de saúde, jurídica e, por conseguinte, social, registrando nos anais da história como um fenômeno social do nosso tempo, que também fere a dignidade humana e seus preceitos de direitos. Tomamos como base as reflexões ancoradas na nossa Constituição de 1988 para fazer tal afirmativa.

O *bullying* é, antes de tudo, uma forma específica de violência que sempre existiu nas escolas. No entanto, esse fenômeno ganhou notoriedade nos campos científicos. Seu estudo implica que ele deve ser identificado, reconhecido e tratado como um problema social complexo, de responsabilidade de todos nós. Em contraponto, como evidenciamos em nossa pesquisa, o *cyberbullying* é um fenômeno muito recente na longa história de violências da humanidade (SILVA, 2010), mas o que sabemos já é suficiente para combatermos essa transposição presencial do *bullying*.

Ademais, este estudo poderá contribuir de maneira significativa para entendermos os acontecimentos da história vivida, experienciada, permeada de lembranças que marcaram uma época. Portanto, ele não se esgota aqui, pois,

enquanto escrevemos e lemos acerca da história e das memórias escolares no nosso período/temporal (1993 -2011), outros acontecimentos são trazidos ao nosso tempo, evidenciados, de forma relevante, nas reminiscências do contemporâneo. Destarte, nos resta abrir caminhos para novos debates e reflexões sobre o tema pesquisado, para dar forma à moldura da história do tempo presente.

Nessa moldura histórica, concluímos que as narrações da história e das memórias escolares dos interlocutores pesquisados têm um sentido genuinamente libertador, que toma corpo ao incentivar o reconhecimento de outros sujeitos, que se tornem capazes de se envolver com o mundo, com as coisas do mundo, tomando o seu lugar de sujeito histórico em permanente reconstrução.

Por fim, é por meio da História Oral, contada a partir das memórias dos sujeitos da história, que se produzem evidências sobre os processos históricos, constituindo a base para o reconhecimento das identidades. A inter-relação, portanto, entre História e memória, por meio da produção de fontes orais, é um processo cognitivo através do qual os grupos sociais podem se auto-reconhecer.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- AMADO, Jorge; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- AMORA, A.S. **Minidicionário da língua portuguesa Saraiva**. 19.ed., 1999.
- ATAIDE, Y. D. B de. História oral e construção da história de vida. In: Orgs. SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 313-23.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Conselho Nacional de Justiça. **Cartilha sobre bullying**. Disponível em: Acesso em: 28 ago. 2010.
- _____. Ministério da Educação. *Mídias na educação: módulo introdutório – Integração de Mídias na Educação Etapa 1*. Disponível em [HTTP:// web educ.mec.gov.br/midiaseducacao/mateiral/introdutório/etapa – 1/p1-01.htm](http://web.educ.mec.gov.br/midiaseducacao/mateiral/introdutório/etapa-1/p1-01.htm). Acesso em: 20 ago. 2012.
- BRAUDEL, Fernand. **Reflexões sobre a história**. Trad. Eduard Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRITO, Diana. “*Descobrirão quem eu sou da maneira mais radical*”, diz atirador, 13 de abril De 2011. Disponível em: <[HTTP://www1.folha.uol.com.br/902211](http://www1.folha.uol.com.br/902211)>. Acesso em set. 2012.
- BUCKINNGHAM, David. Questionar é fundamental na educação para as mídias. **Revista Nova Escola**, 2011.
- CANO, Cristina Alonso. O recurso da informática e os contextos de ensino aprendizagem. In SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional**. Trad.Beatriz Affonso Neves – Porto Alegre: ArtMed, 1998. 2a reimpressão, 2001.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- CARPENTER, Deborah, FERGUSON, J. Christopher. **Cuidado! Proteja seus filhos dos bullies**. São Paulo: Butterfly, 2011.
- CARVALHO, Maria Elizete G.; BARBOSA, Maria das Graças da C.; SANTOS, Luciana Martins T. Memórias da ditadura militar: o movimento brasileiro de alfabetização – MOBRAFAL – como referência (1967-1985) In. DANTAS, E; NUNES, P.

G. A; SILVA, R.F.C. (Orgs.) **Golpe civil militar e ditadura na Paraíba: história, memória e construção da cidadania.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2014, p. 173-201.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Lisboa: Bertrand Brasil, 1993.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1991.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo, identidades.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz.** 7. ed. Campinas: Verus, 2012.

FANTE, Cleo & PEDRA, Augusto. **Bullying: perguntas & respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

FRANÇOIS, Jacob. **Nous sommes programmés, mais pour apprendre.** Le Courrier, Unesco, fevereiro, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Sônia M^a de. **História oral- possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Editorial Humanitas, 2006.

_____, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos.** São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 115p.

G1 – FANTÁSTICO. “Cearense que acertou 95% do Enem diz que sofria *bullying*”. Edição de 30 jan. 2014.

G1 – PORTAL. “Maria Júlia Coutinho é alvo de comentários racistas no *Facebook*”. Publicado em 3 jul. 2015.

GALLIAN, Dante M. C. **O historiador como inquisidor ou com o antropólogo? Um questionamento para os historiadores orais.** In Revista de História, São Paulo, n. 125-126, p. 93-103, ago-dez/91 a jan/jul/92, p.96.

_____. Dante M. C. **A memória do exílio. Reflexões sobre interpretações de documentos orais. Re(introduzindo) a história oral no Brasil - / organização José Carlos Sebe Bom Meihy – São Paulo: Xamã, 1996.**

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. 189 p.

HINDUJA, Sameer; PATCHIN, Justin W. *Cyberbullying: an Exploratory analysis of factors related to offending and victimization*. **Deviant Behavior**, v. 29, n. 2, p. 129-156. 2008.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PENSE**. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/pense/pense.pdf. Acessado em 6 fev. 2014.

LAMAL, Andrei Cecília. **Educação na cibercultura – hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. São Paulo: Artmed, 2002.

LEÃO JUNIOR, Cleber Mena. **“As redes sociais e o cyberbullying”**, 2011. Trabalho apresentado no 10. Congresso Nacional de Educação. Curitiba, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LE MOS, A. **Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2002.

LIMA, Ana Maria Albuquerque. **Cyberbullying e outros riscos da Internet: despertando a atenção de pais e professores**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

LÜDKE M.; André, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LYON, David. **Pós modernidade**. São Paulo: Paulus, 1998.

MALDONADO, Maria Tereza. **Bullying e Cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2011.

MEIRY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MINAYO, M. C. S (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

NETO, A., Saavedra LH. **Diga não para o bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPI, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história. A problemática dos lugares**. São Paulo: Projeto História nº10, 1993, p. 8-28.

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**. Understanding children's worlds. ISBN 063119241-7, 1993.

PARTENOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV – manual de telejornalismo**. 3 ed. São Paulo: Editora Braziliense, 1991.

PLAN BRASIL. **Pesquisa: bullying no ambiente escolar**. Brasil. 2009. Disponível em: Acessado em: 1º nov. 2010.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

RAMOS, A. K. S. **Bullying**: a violência tolerada na escola. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em 3 out. 2009.

REVISTA CONSTRUIR NOTÍCIAS: Recife- **O fenômeno bullying nas relações interpessoais** – Ano 7, nº 40: Circulação Nacional, maio/jun. 2008.

_____: Recife – **Tecnologia na educação** – Ano 5, nº 5 – Novembro/Dezembro, 2006.

RICCEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et al]. 5. reimpressão. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.

ROLLEMBER, Denise. Esquecimento das memórias. João Roberto Martins Filho(org). **O golpe de 1964 e o regime militar**. São Paulo: Ed. UFScar, 2006, pp. 81-99.

SANCHO, Juana M. **Para uma tecnologia educacional**. Tradução de Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Memória coletiva e teoria social**. Impresso na Universidade de Coimbra, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SILVA. Leonardo Wernerda. **Folha de S.Paulo**. A Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo. Folha online de 12 ago. 2001). Acessado em 6 fev. 2014.

SIRINELLI, J. Ideologia, tempo e história. In CHAUVEAU, A.; TÉTART, P; **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999.

SLONGE, R.; SMITH, P. K. *Cyberbullying*; Another main type of bullying?. **Scandinavian Journal of Psychology**, v.49, pp. 147-154, 2008.

SOARES, Magda. **Metamemórias – memórias:** travessia de uma educadora. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VARELLA, Flávia Florentino (org.) [et tal]. **Tempo presente & Usos do passado –** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

ANEXOS

PROJETO DE DISSERTAÇÃO: DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993-2011)

MESTRANDA: Silvânia da Silva Santos

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria Elizete Guimarães Carvalho

MODELO DE ENTREVISTA

Tema - *Bullying/Cyberbullying*.

Este modelo de entrevista foi adaptado do questionário Olweus (OLWEUS, Dan. *Bullying at School*, 1993), sobre *bullying*, *cyberbullying* e violência escolar. A partir dele procuraremos reconstituir as memórias dessa prática no cotidiano escolar pessoense.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- Nome
- Faixa etária
- Formação acadêmica
- Tempo de formação
- Período em que estudou/conviveu na escola

QUESTIONÁRIO:

- 1- Em qual escola você estudou/estuda?
- 2 - Como era/é essa escola?
- 3- Onde se localiza?
- 4 - Qual o período que você estudou/trabalha (ou estuda/trabalha)?
- 5- Lembra de alguns acontecimentos da época (nacionais, locais, na escola)?
- 6 - Como era/é a clientela educacional no período?
- 7- Como eram as relações educacionais/sociais entre a comunidade escolar (alunos x alunos; alunos x professores; alunos x equipes, etc.)?

8- Tem algum caso de *bullying* ou *cyberbullying* que toda a comunidade escolar lembre? Fale sobre ele.

9-Você fala sobre esse acontecimento com frequência?

10-O que você lembra sobre os acontecimentos de *bullying* e/ou *cyberbullying* na escola?

11-Como se sente, lembrando esses acontecimentos?

12- Sobre as lembranças, as marcas deixadas por esses acontecimentos (do *bullying* e/ou *cyberbullying*) o que você não gosta de lembrar?

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

O presente Termo, fundamentado na Resolução nº196, do Conselho Nacional de Saúde, tem por objetivo solicitar seu consentimento para participar voluntariamente do Projeto de pesquisa intitulado **DO BULLYING AO CYBERBULLYING: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993-2011)**, que tem como objetivo reconstruir a história e as memórias do *bullying* ao *cyberbullying* no cotidiano escolar pessoense, partindo das lembranças e narrativas de educandos e educadores no período de 1993 a 2011.

Esse estudo possibilitará a compreensão do *bullying* e do *cyberbullying* no cenário contemporâneo, escrevendo a história do tempo presente sob a ótica do estudo das memórias como referência. Bem como, utilizaremos a metodologia da História Oral, que se baseia na historiografia e em princípios éticos voltados à criação intencional de fontes, na construção de narrativas.

A pesquisadora do projeto será responsável por coletar as informações por meio de um formulário estruturado de entrevista, o que será necessário, com sua prévia autorização, o uso de um gravador para captar as informações de forma precisa. Lembramos ainda que algum desconforto não previsível poderá ocorrer proveniente da pesquisa (Resolução nº 466 - Conselho Nacional de Saúde). Dessa forma, a entrevista será transcrita e mostrada ao Sr/ Sr^a, e, após a sua concordância, utilizada no estudo.

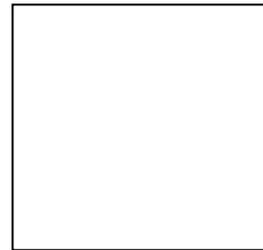
Todas as informações obtidas são confidenciais e serão usadas com o propósito científico, havendo o compromisso por parte da pesquisadora em manter o sigilo e anonimato de sua participação. Ressaltamos ainda que o/a Sr^(a) poderá desistir da pesquisa em qualquer momento, sem que lhe sejam imputadas penalidades ou prejuízos. Essa pesquisa estará sob a orientação da Prof^aDr^a Maria Elizete Guimarães Carvalho, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE da Universidade federal da Paraíba, orientadora da mestranda Silvânia da Silva Santos. Desde já agradecemos sua atenção e colaboração em participar voluntariamente do estudo, e caso aceite participar, solicitamos confirmação nesse documento, pelo qual declara que foi devidamente esclarecido(a)

e dando seu consentimento para participar da pesquisa e para a publicação dos resultados, estando ciente de que receberá uma cópia desse documento.

Assinatura do participante da pesquisa ou responsável legal.

OBSERVAÇÃO: (em caso de analfabeto acrescentar)

Espaço para pressão dactiloscópica



Assinatura da Testemunha

Contatos:

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Saúde da Universidade Federal da Paraíba – Campus – Cidade universitária – bloco Arnaldo Tavares – sala 812 – CEP 58051-900 – João Pessoa – Paraíba – telefone (83) 3216-7791 – Fax (83) 3216-7791

Orientadora Responsável:

Profª Drª Maria Elizete Guimarães Carvalho

Endereço (Setor) de trabalho – Campos I – Centro de Educação – UFPB

Telefone: (83) 3216-7447 (DFE) / (83) 3216-7702 (PPGE)

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com a pesquisadora Silvânia da Silva Santos, pelo telefone (83) 8842-4493.

Atenciosamente,

Assinatura da Pesquisadora Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES
(1993-2011)****Nome da autora/mestranda: Silvânia da Silva Santos****Tel/contato: (83) 8842-4493**

Eu _____, após ter lido e compreendido as informações acima descritas, concordo em participar da pesquisa realizada por SILVÂNIA DA SILVA SANTOS, mestranda do PPGE - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO da Universidade Federal da Paraíba.

Autorizo o uso dos dados obtidos através das observações, com o objetivo de desenvolver a pesquisa citada, como também a publicação do referido trabalho escrito.

Concedo também o direito de uso para quaisquer fins de ensino e divulgação em jornais e/ou revistas científicas, desde que mantenha sigilo, sobre minha identidade, podendo usar pseudônimos.

Declaro ter ciência que o referido trabalho será desenvolvido através do instrumento previamente apresentado.

Fui informado(a) dos objetivos do estudo, estando ciente que minha participação é voluntária e que posso a qualquer momento me desligar da pesquisa sem nenhum constrangimento ou penalização.

João Pessoa/PB, _____ de _____ 2014.

Colaborador(a)

PROJETO DE DISSERTAÇÃO: DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993-2011)

MESTRANDA: Silvânia da Silva Santos

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria Elizete Guimarães Carvalho

MODELO DE ENTREVISTA

Tema - *Bullying/Cyberbullying*.

Este modelo de entrevista foi adaptado do questionário Olweus (OLWEUS, Dan. *Bullying at School*, 1993), sobre *bullying*, *cyberbullying* e violência escolar. A partir dele procuraremos reconstituir as memórias dessa prática no cotidiano escolar pessoense.

TRANSCRIÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- Qual o seu nome? C.G.B
- Faixa etária: 34 anos
- Formação acadêmica: Pedagoga
- Tempo de formação: 4 anos
- Período em que estudou/conviveu na escola: desde 2007

QUESTIONÁRIO:

Entrevistador: 1-Em qual escola você estudou/estuda?

Entrevistado: Numa universidade pública

Entrevistador: 2 - Como era/é essa escola?

Entrevistado: Pública, grande, arejada, dentro das possibilidades acolhedora, as pessoas são bem livres, o ir e vir das pessoas em bem agradável.

Entrevistador: 3- Onde se localiza?

Entrevistado: Se localiza perto dos bancários, cidade universitária, castelo branco,

Entrevistador: 4-Qual o período que você estudou/trabalha (ou estuda/trabalha)?

Entrevistado: 2007 até hoje (mudando de graduação desde 2013)

Entrevistador: 5- Lembra de alguns acontecimentos da época (nacionais, locais, na escola)?

Entrevistado: Alguns acontecimentos lembro, muito, muito pontuais, já que se não se passa, que eu mesmo não passo muito tempo dentro dela, mas, lembro de alguns

casos de uma menina que foi agredida ou foi ou um rapaz que foi agredido, porque ele era realmente africano e teve alguma questão desse, desse *bullying* em relação esse preconceito de raça, alguma coisa desse tipo, já vi também algumas coisas sobre homossexualismo, mas, não tão polêmico, mas caso isolados já ouvi falar, sim.

Entrevistador: 6 -Como era/é a clientela educacional no período?

Entrevistado: É uma clientela bem, bem mista, é uma clientela bem, bem diversificada, tanto em questão de, de nível social, como em questão de, de cor, de raça, de etnia, de próprio, ideologicamente como uma instituição presa e deve ser, ela tá dentro dessas conformidades.

Entrevistador: 7- Como eram as relações educacionais/sociais entre a comunidade escolar (alunos x alunos; alunos x professores; alunos x equipes, etc.)?

Entrevistado: bem, se levar para uma relação pessoal, a relação aluno x aluno sempre foi uma relação dita normal, dita de companheirismo, no meu caso não tanto amigos é, pessoais, tal, talvez, não por pelos próprios alunos mas talvez, pela minha vida de trabalhar e ter filhos, não termina tendo uma relação não tão estreita, mas nunca eu pessoalmente nunca tive problemas entre alunos e alunos, também eu nunca presenciei algum tipo de problema entre alunos x alunos, a gente escuta falar, mas presenciar não, nem alunos com equipe né , pelo menos a equipe técnica, também eu nunca participei de nenhum problema, nem nunca vi nenhum problema, com a equipe. Já entre alunos x professores dentro da academia eu já vi várias situações, vi de uma certa forma presenciei, e vivi situações delicadas entre professor e aluno na academia sim, já vi, (pausa, respiração)

Entrevistador: 8- Tem algum caso de *bullying* ou *cyberbullying* que toda a comunidade escolar lembre? Fale sobre ele.

Entrevistado: Bem, de presenciar uma outra pessoa sofrendo esse *bullying* e *cyberbullying* como disse não vi, soube, se escuta falar de comentários de corredor, mas, eu já sofri e vivenciei o *bullying* o *cyberbullying* sim, dentro da academia.

Entrevistador: 9-Você fala sobre esse acontecimento com frequência?

Entrevistado: Bem, esse acontecimento, é um acontecimento que não foi um acontecimento tão tão, ele é bem recente, não foi um acontecimento muito remoto não, é e o interessante de falar desse acontecimento é o seguinte, porque houve exatamente uma mudança de comportamento, entre professor x aluno, a a conduta era uma conduta profissional realmente de professor x aluno, não existia esse laço,

essa estreitação de laços, mas existia uma uma conduta um de entre profissionais, profissionais que eu digo tanto quanto como professor como aluno, uma relação que era uma relação rigorosa dentro dos limites, existia uma relação de precisa-se disso, tem que se fazer isso, e é não, não não facilito, dentro dos estudos, tem que haver a pesquisa e tal, dessa seguinte forma, o que eu acho salutar, numa questão entre professor x aluno que tem que saber a busca do próprio alunos nas suas no seu conhecimento e na aprendizagem. Porém depois de um determinado tempo essa relação ela ficou ruim, é talvez por motivos de egos intelectuais a definição que eu vou dar sempre é essa, uma coisa chamada ego intelectual que existe dentro dessa instituição, isso é uma coisa muito séria e que deve se haver um estudo não sei se em educação, em pedagogia, em psicologia, em em humanística, não sei em qual situação, mas essa questão do ego intelectual que muitos professores tem. Então mudando-se de titulação, ocorreram, tanto de titulação do professor como titulação da própria orientanda, da própria acadêmica, eu sei que houve algumas diferenças, então é, esse professor que era exigente, que era pragmático até, ele passou a extrapolar o limite desse dessa conduta de de exigência, então passou a ser uma exigência onde você faça, você resolva, você pesquise, não vou dizer, não vou repetir, eu não repetir mais isso, faça, isso é problema seu, eu não vou repetir mais isso, você tem que resolver. E (pausa na voz...) foi se alastrando nesse sentido. Quando esse faça, resolva pesquise, traga, começou a não satisfazer os interesses intelectuais ou até mesmo de conduta do orientador as coisas começaram a se modificar, começaram a se modificar porque aí, passou deixou de ter o o próprio, eu digo muito que deixou de ter a didática de um professor porque a gente acredita que um professor pra está numa sala de aula, pra estar num orientando aluno, pra estar com o corpo discente, ele tem que ter uma didática, ele tem que ter uma metodologia, ele tem que saber avaliar, ele tem saber até conduzir inclusive seu próprio psicológico, o seu a sua própria vida ali com aquele aluno. Quando começou essas essas questões não surgirem, as coisas começaram se modificar e começaram haver agressões verbais, né, agressões verbais, agressões as vezes não verbais, mas agressões comportamentais, não no sentido de bater, mas de daquela insatisfação, aquela impaciência, aquele mostrar que não está satisfeito, não estava satisfeito mas que também não estou afim de dizer qual é o caminho, então acho que a coisa começou por aí nessa questão, então começou a ver alguns alguns embates do tipo se escreve mas quando se escreve aquilo não não tá bom,

se escreve de novo, aquilo não tá bom, mas aquilo não tá bom mas você não diz como é o bom, eu acho que o problema maior foi esse, você escreve não tá bom, mas mas como é o bom? Procure, vá atrás, veja, coloca-se um monte de interrogação na escrita e pronto, como se dissesse assim, o que é isso? Que absurdo é isso que você está escrevendo e as vezes de colocar mesmo assim de onde você tirou isso? De onde você tirou isso, eu já lhe disse que isso daqui não é pra ser assim... assim...assim...assim. Aí as coisas começaram a ficar mais severas porque esse, eu já lhe disse, isso daqui você tá querendo copiar da minha tese, isso daqui eu escrevo, eu sei que você quer copiar da minha tese, eu sei que você quer fazer um trabalho igual a minha tese, mas você não pode! Então esse tipo de acusação, uma outra coisa, uma outra coisa que ficou, é você, é querer coisas, que depois em outras conversas amadurecidas, são coisas que são impossíveis, tipo você ter que traduzir um texto com a linguagem do século, séculos passados e que você tinha que traduzir esse texto, como, não sei, pelo fato de se ter uma bolsa ou não se ter uma bolsa, teria de se traduzir esse texto, um texto em francês, onde eu não tenho o domínio da língua francesa, e de uma certa forma se procurou achar e ninguém queria, então o trabalho só iria andar se traduzisse esse texto e que chegou uma pessoa a cobrar mil e quinhentos reais pra traduzir esse texto, é então o trabalho não andava, uns dos motivos de não andar no trabalho é porque não tinha a tradução desse texto. E uma a outra questão acadêmica porque as vezes você quer que a pessoa tenha um nível intelectual e conhecimento acima do nível intelectual e conhecimento que você tem naquele momento, se for por exemplo de um de um graduando você tem que conhecer e saber que conhecimento é ali de um graduando, eu tenho que saber e trabalhar com um graduando, se é um mestrando eu tenho que saber trabalhar com os conhecimentos de um mestrando, eu tenho que ter essa sensibilidade pra saber como, eu tenho, eu acho que isso o professor que estuda didática que tá dentro de universidade é o mínimo que o professor tem que saber, se você tá num doutorado você vai exigir os conhecimentos de uma pessoa que está fazendo doutorado ele ainda nem é doutor, ele tá fazendo doutorado, é então partiu mais ou menos pra essas questões, então depois as coisas foram se agravando porque é simplesmente porque eu tinha que fazer um trabalho, tinha de produzir esse trabalho e era muito assim, a as orientações, chegou , trouxe isso, tá, olhe mas faltou isso...isso...isso... porque você fez isso, porque você fez aquilo...mas aqui você tem que pesquisar e procurar em tal livro,

tem que ler tal livro, você vai ler tal livro, você não sabe disso porque você não estuda, porque era assim as as as indagações, você não sabe porque você não estuda, você não estuda! Você não estuda! E se você estudasse isso você saberia, lá vai eu comprar livro pra pesquisar, pesquisar, ler, ler, daqui a pouco quando voltava, não você não sabe isso porque você não estuda isso, lá vai eu comprar livro estudar, estudar, estudar, e e mudar de objetos de estudos várias vezes foram mudados objetivos de estudos sempre colocando que eu é que não sabia, num sei também até onde eu sabia até onde não sabia, não sou eu que tenho que fazer essa avaliação, até onde eu não sabia, então vamos mudar porque você não sabe disso, ah mas estão indagando isso daqui, vão indagar isso daqui, sempre as pessoas indagam essa pergunta, você não sabe responder porque você não estuda, é então isso foi tomando uma certa proporção, então depois ficou assim, depois que escreveu o texto e teve esse tipo de problema, sim então assim, você vai tá errado isso daqui, tal, tal, olhe eu quero o primeiro capítulo pra tal dia(pausa: se vire) eu quero o primeiro capítulo pra tal dia, e você vai escrever o texto e tá errado o texto . Então depois de um determinado tempo as as questões começaram a se tornar pessoais, então começou umas as agressões realmente pessoais, então começou, não foi só mais você não estuda, não foi só mais essa que começou, começou agressões do tipo assim você é muito primária, como é que você tem 34 anos, eu não posso cobrar de você a mesma coisa que mesma coisa que a minha outra aluna que tem 27 anos, não que tem 24 anos, eu não posso cobrar de você a mesma coisa que cobro dela, eu tenho que cobrar de você mais, porque, porque, tem que cobrar mais de mim, é uma questão de de estudo, de de as vezes tem gente que tem 50, 60, 70 anos e não sabe escrever, num é a idade que diz que você é madura ou não é madura, não é a idade que diz que você tá acadêmico, como é que você tem dois cursos, eu não entendo como você tem dois cursos, não admito, e sempre era assim falava...falava... bem alterada assim, uma alteração velar, entendeu? E quando eu disse eu posso falar, não! Que eu estou falando, e tome..tome..tome... E a minha resposta era sempre tá bom, certo, tudo bem, falar o que. Então era assim, você é primária, você não sabe escrever, você é incompetente, como é que você está a frente de um programa, aonde você trabalha, eu não sei porque você está a frente de um programa, porque você é incompetente.Você é, coisas do tipo, não estuda é o mínimo que se falava, você é incompetente, você é primária, você tem 34 anos, você não sabe fazer nada, e de me constranger na frente de outros

professores como aconteceu no momento de uma banca, entendeu, em nenhum segundo, ter, vir a minha defesa, pelo contrário está sempre colocando, as os evidenciando os erros.

Entrevistador: 10-O que você lembra sobre os acontecimentos de *bullying* e/ou *cyberbullying* na escola?

Entrevistado: Sim, porque sofri *bullying* e *cyberbullying*, e vou além, pelo fato de serem todos adultos eu ainda levaria como assédio moral. Foi *bullying* porque as indagações mais fortes eram verbais, as indagações por escrito também foram feitas. Teve um momento que foi muito taxativa no *email* perdeu completamente a paciência comigo e quando foi dar a resposta de uma pergunta que eu tinha feito por *email*, não sou mandou para mim, como mandou para as outras orientadas, compartilhando o *email* com as outras orientadas. E o estopim foi quando eu levei um texto que levei pra ela, que já tinha sido corrigido por um outro professor, ela disse que tava tudo errado, que tava horrível, tava péssimo, e disse que não estava normas da ABNT, eu já tinha passado por 4 que faziam as normas da ABNT, mas ela dizia aos gritos que estava tudo errado, questionava o texto, o sumário, quem já viu sumário em caixa alta? Eu disse professora eu paguei pra fazer, esse sumário, eu não fiz, ela simplesmente olhou para me e disse, que eu não acredito que você manda essas normas para ABNT, como assim que não mando, a senhora tá dizendo que eu estou mentindo, ela enfiou o dedo e disse, está. É mentira sua, você não manda para normas, é mentira sua, é mentira, eu nunca vi, você mandou para aquela mulher. Eu mandei, se a senhora quiser eu mostro o depósito da conta, e os emails da professora também. Pois eu quero ver!

Entrevistador: 11-Como se sente, lembrando esses acontecimentos?

Entrevistado: olhe tem no meu caso existiu, existiu marcas psicologistas orgânicas e pessoais, em que sentido, pessoal quando você não não tem vontade de seguir o seu estudo, eu acho isso muito triste, eu acho que ninguém tem o direito de usurpar o seu sonho de fazer um mestrado um doutorado entendeu de você seguir uma vida acadêmica de você ter uma vontade de a ser um professor de universidade, então ocorreu a sensação de que você não quer, eu eu não era isso que eu esperava, eu nunca achei que o mestrado ele fosse fácil que ele fosse tranquilo, eu nunca achei isso, mas eu achava que era um uma dificuldade de escrita, de leitura, tá entendendo, de de de você ter que ter tempo, de você, mas no sentido de você ser oprimido, porque a relação que eu estabeleço é uma relação de opressor, oprimido e

opressor, na na real palavra que Paulo Freire fala, no real sentido que Paulo Freire fala, é o opressor e o oprimido, eu tenho poder intelectual e você não tem, eu dei e você não sabe. (pausa...) né então, então, hoje ainda eu não sei se eu quero fazer um doutorado, não tenho, foi bem traumático. Em questão de escrever eu tô com dificuldade de escrever, essa é uma marca, você não saber de se vai ter a capacidade da escrita, e uma outra coisa que é assim eu recebo um *email* dela pra mim, eu olhar no meu celular que chegou um *email* dela, eu literalmente me tremo, eu treeeeemo, mas eu tremo, como diz o matuto mesmo as carnes treme, não é brincadeira, eu me tremo mesmo, meu coração palpita, sabe quando a cabeça faz assim zummmmmmm, minha cabeça faz assim zummmmmmm, quando eu tinha encontro, eu passava dois dias pra eu poder voltar a me centrar, eu passava um dia e um a noite pensando assim puxa vida ai minha nossa senhora, tá errado (voz embarcada)

Entrevistador: 12- Sobre as lembranças, as marcas deixadas por esses acontecimentos (do *bullying* e/ou *cyberbullying*) o que você não gosta de lembrar?

Entrevistado: Dessas sensações, o corpo treme, o coração palpita, e e e a cabeça faz um zummmmmmm, quando eu lembro eu tenho, eu sinto as mesmas sensações. A sensação que eu tenho e as marcas que conluo dessa dessas questões, sabe, eu eu hoje em dia tenho uma pena de de criança, antigamente quando se dizia que era um ensino tradicional né, tinha crianças que elas tinha vertigens né, ela ela tinha, ela ela tremia de medo do professor, é a sensação que eu tenho, eu que sou uma adulta, eu sou uma adulta, imagina as crianças indefesas que tinha aquele aquele professor, e literalmente você tremer de medo, a pessoa ter medo de um outro ser, isso é muito sério, você ter medo de um outro, ou do seu superior ou do seu igual (pausa...) é muito sério, e eu que sei expressar o que passei e aquele criança que não sabe (voz embargada...). É uma sensação muito ruim, eu não gosto de lembrar daqueles emails, a sensação de receber fazia com que meu corpo todo se alterasse, já era “morrer de véspera”, era uma sensação física muito ruim.

PROJETO DE DISSERTAÇÃO: DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993-2011)

MESTRANDA: Silvânia da Silva Santos

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria Elizete Guimarães Carvalho

MODELO DE ENTREVISTA

Tema - *Bullying/Cyberbullying*.

Este modelo de entrevista foi adaptado do questionário Olweus (OLWEUS, Dan. *Bullying at School*, 1993), sobre *bullying*, *cyberbullying* e violência escolar. A partir dele procuraremos reconstituir as memórias dessa prática no cotidiano escolar pessoense.

TRANSCRIÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- Qual o seu nome? R.S.L
- Faixa etária: 24 anos
- Formação acadêmica: atualmente estuda administração
- Tempo de formação: 4 anos terminou o ensino médio
- Período em que estudou/conviveu na escola: 5 anos

QUESTIONÁRIO:

Entrevistador: 1-Em qual escola você estudou/estuda?

Entrevistado: Numa escola pública

Entrevistador: 2 - Como era/é essa escola?

Entrevistado: Era era boa, diferente das outras, porque em si dentro da escola, a organização era boa, tinha bons professores, mas os alunos não deixavam, tinha paz.

Entrevistador: 3- Onde se localiza?

Entrevistado: Ela se localiza num bairro, onde tinha pessoas, que tinha que tinha alunos com envolvimento com drogas,

Entrevistador: 4- Qual o período que você estudou/trabalha (ou estuda/trabalha)?

Entrevistado: Eu passei 4 anos nessa escola, da quinta a oitava série. Por a escola ser próximo de casa, minha mãe nunca, nunca quis me tirar, né, mas por ela ser

próxima e ter que necessitar de ônibus para estudar em uma escola melhor tinha que ficar estudando nela.

Entrevistador: 5- Lembra de alguns acontecimentos da época (nacionais, locais, na escola)?

Entrevistado: Lembro que por justamente por ter essa essa quantidade maior de alunos com referência negativa na escola, era com muita frequência que se mudava de diretor. Lembro que teve até uma inspeção do conselho tutelar para investigar porque esses alunos na escola tinha esse comportamento. Lembro que muitos alunos fumavam, gazeava aula, destratava professor, pegava muito no pé dos outros alunos, principalmente os mais fracos, porque esses alunos que fumava, destratava professor, jogavam bombas pra estourar nos banheiros, eles eram os populares, então aqueles que não faziam isso, era o que era era um Zé ninguém, que eles pegavam no pé tudinho e eu infelizmente eu era uma delas.

Entrevistador: 6 -Como era/é a clientela educacional no período?

Entrevistado: A clientela a pequena maioria era muito bons, tinha alunos inteligentes, esforçados, mas, a maioria era ruim.

Entrevistador: 7- Como eram as relações educacionais/sociais entre a comunidade escolar (alunos x alunos; alunos x professores; alunos x equipes, etc.)?

Entrevistado: Certo. Uma coisa que era bem destacada era os alunos populares dos alunos (pausa... como é eu tenho que dizer um nome que), dos alunos que eram pisados, então assim a maioria queria ser do grupo dos alunos populares, porque sabia que não ia ser humilhados, não ia ser caçoado, não ia colar chiclete na cadeira, não ia sumir caderno, não ia ser aquela cesta de jogar petecas. Aluno com aluno era os mais fracos se uniam acabavam sendo amigos pra não sofrer tanto como sofria e se alguém dos fracos queria ser como os populares o quê que devia fazer devia humilhar um menino pra conseguir andar com eles. Quando saía da escola os alunos mais fracos saiam em grupo, porque os mais fortes ficavam lá atrás esperando, xingava, jogava peteca, era isso que acontecia.

Entrevistador: 8- Tem algum caso de *bullying* ou *cyberbullying* que toda a comunidade escolar lembre? Fale sobre ele.

Entrevistado: Tinha um menino que era perseguido, chamavam ele de doidinho, de lesado, de abestalhado, só porque ela tinha dificuldade de aprender. São palavras que as pessoas sabe que não deve usar, mas usam e acham isso engraçado. Uma

pessoa meio boba, que fica falando de uma maneira entranha ou não acompanha um determinado assunto acadêmico, as pessoas acham engraçado, só que fere.

Entrevistador: 9-Você fala sobre esse acontecimento com frequência?

Entrevistado: Falo, tanto é que inclusive eu assim eu tenho amigas que tem filhos, que está quase na idade de chegar a estudar no ensino fundamental, eu aconselho elas a não procurar determinada escola, porque eu vivenciei dentro dela.

Entrevistador: 10-O que você lembra sobre os acontecimentos de *bullying* e/ou *cyberbullying* na escola?

Entrevistado: Como eu disse bem no começo, eu era uma das fraca que levava que levava chacota que era caçoada e meu apelido eu tinha dois apelidos eu tinha quinze anos mas era muito alta aí me chamava de girafa e porque sabiam que eu nunca tinha beijado me chamava de BV, então eu tive esses dois acontecimentos de BV eu nunca liguei, porque eu sabia que quando encontrasse a pessoa certa (porque a maioria ali era errada) eu ia beijar. Agora de girafa ficavam falando sai dai poste, não sei o quê Olívia Palito, e isso me deixava magoada porque quando eu tava num grupo bem grande que eles faziam isso de propósito todo mundo ria e ria de mim, eu sabia que era de mim.

Entrevistador: 11-Como se sente, lembrando esses acontecimentos?

Entrevistado: Eu me sinto chateada, porque a gente vai pra escolar aprender. Os alunos não colocava em prática o que aprendia, ou seja, era bem pior pra eles, às vezes sabia de relatos que esses alunos que eram populares pegavam as experiências deles ruim de casa não tinha como descontrar e descontrava nas pessoas da escola, a mãe era drogada, a pai era um traficante, o tio roubava, a tia era prostituta. Então eles não tinha como pegar aquela vergonha que eles sofriam dentro de casa e esbanjar, esbanjada de uma maneira errada, equivocada, e irresponsável numa pessoa que não tinha absolutamente nada haver com a os acontecimentos da vida dele, né.

Entrevistador: 12- Sobre as lembranças, as marcas deixadas por esses acontecimentos (do *bullying* e/ou *cyberbullying*) o que você não gosta de lembrar?

Entrevistado: A a maneira como eles faziam chacota de mim, porque eu sei que embora o meu apelido seja um pouco, o meu apelido não o meu *bullying* tenha sido um pouco menor do que os outros colegas porque tinha gente que era chamado de coisa pior , mas isso magoava, me deixava solitária, me deixava, a gente pensa até em querer realmente eu vou humilhar meu coleguinha pra poder ser um dos

populares, mas aí você vai sentir melhor do que tá, claro que não, se você tem a consciência daquilo é errado você tem que fazer justamente ao contrário, então era deixando as coisas irem que um dia ia acabar, você não vai viver toda a vida com aquelas pessoas, só vai viver um ano, dois anos, três anos, quatro anos. Marcava de uma coisa negativa porque você se sente (pausa...) desmotivado de fazer algo na vida, eu ficava desmotivada quando eu ia pra escola porque eu sabia que lá eles iam aprontar comigo, mas no final do dia quando eu voltada pra casa eu sabia dizia não é um dia a menos que eu tenho que conviver com eles, por isso marcou de uma maneira triste.

PROJETO DE DISSERTAÇÃO: DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993-2011)

MESTRANDA: Silvânia da Silva Santos

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria Elizete Guimarães Carvalho

MODELO DE ENTREVISTA

Tema - *Bullying/Cyberbullying*.

Este modelo de entrevista foi adaptado do questionário Olweus (OLWEUS, Dan. *Bullying at School*, 1993), sobre *bullying*, *cyberbullying* e violência escolar. A partir dele procuraremos reconstituir as memórias dessa prática no cotidiano escolar pessoense.

TRANSCRIÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- Qual o seu nome? M.S.L
- Faixa etária: terceira idade
- Formação acadêmica: superior com especializações
- Tempo de formação: mais de 25 anos
- Período em que estudou/conviveu na escola: mais de 30 anos

QUESTIONÁRIO:

Entrevistador: 1-Em qual escola você estudou/estuda?

Entrevistado: Em várias escolas

Entrevistador: 2 - Como era/é essa escola?

Entrevistado: Tradicional

Entrevistador: 3- Onde se localiza?

Entrevistado: Ela se localiza em vários lugares

Entrevistador:

4-Qual o período que você estudou/trabalha (ou estuda/trabalha)?

Entrevistado: Trabalho há vários anos.

Entrevistador: 5- Lembra de alguns acontecimentos da época (nacionais, locais, na escola)?

Entrevistado:Golpe militar (não gosto nem de lembrar)

Entrevistador: 6 -Como era/é a clientela educacional no período?

Entrevistado: No meu tempo era mais respeitosa

Entrevistador: 7- Como eram as relações educacionais/sociais entre a comunidade escolar (alunos x alunos; alunos x professores; alunos x equipes, etc.)?

Entrevistado: No meu tempo respeitosa.

Entrevistador: 8- Tem algum caso de *bullying* ou *cyberbullying* que toda a comunidade escolar lembre? Fale sobre ele.

Entrevistado: *Bullying* sim e *cyberbullying* contra membros da própria escola desrespeitando com palavrões.

Entrevistador: 9-Você fala sobre esse acontecimento com frequência?

Entrevistado: De vez em quando, o caso terminou com a expulsão do aluno da escola.

Entrevistador: 10-O que você lembra sobre os acontecimentos de *bullying* e/ou *cyberbullying* na escola?

Entrevistado: Caso simples de fatos...

Entrevistador: 11-Como se sente, lembrando esses acontecimentos?

Entrevistado: Triste pela falta de respeito humano.

Entrevistador: 12- Sobre as lembranças, as marcas deixadas por esses acontecimentos (do *bullying* e/ou *cyberbullying*) o que você não gosta de lembrar?

Entrevistado: Do sentimento impunidade. Enfim, o *bullying* é um caso social de grande complexidade, pois é uma agressão ao direito humano. Uma violência que atinge geralmente aos mais fracos e indefesos. É uma ameaça social tanto o agressor, quanto para o agredido. Visto que, é uma ameaça aos valores do bom equilíbrio social.

PROJETO DE DISSERTAÇÃO: DO *BULLYING* AO *CYBERBULLYING*: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993-2011)

MESTRANDA: Silvânia da Silva Santos

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Maria Elizete Guimarães Carvalho

MODELO DE ENTREVISTA

Tema - *Bullying/Cyberbullying*.

Este modelo de entrevista foi adaptado do questionário Olweus (OLWEUS, Dan. *Bullying at School*, 1993), sobre *bullying*, *cyberbullying* e violência escolar. A partir dele procuraremos reconstituir as memórias dessa prática no cotidiano escolar pessoense.

TRANSCRIÇÃO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

- Qual o seu nome? K.A.C
- Faixa etária: 16 anos
- Formação acadêmica: cursando Ensino Médio
- Tempo de formação:-
- Período em que estudou/conviveu na escola: 9anos

QUESTIONÁRIO:

Entrevistador: 1-Em qual escola você estudou/estuda?

Entrevistado: Escola particular

Entrevistador: 2 - Como era/é essa escola?

Entrevistado: Agradável, a meu ver confortável, mais ou menos grande, um pouco tradicional.

Entrevistador: 3- Onde se localiza?

Entrevistado: Numa cidade próxima a João Pessoa

4-Qual o período que você estudou/trabalha (ou estuda/trabalha)?

Entrevistado: do ensino infantil ao 9º ano do ensino fundamental

Entrevistador: 5- Lembra de alguns acontecimentos da época (nacionais, locais, na escola)?

Entrevistado: Sim, muitos alunos sendo chacoteados por outros.

Entrevistador: 6 -Como era/é a clientela educacional no período?

Entrevistado: Era boa, pessoas com nível econômico bom, de certa forma educados, mas, sempre tinha aqueles.

Entrevistador: 7- Como eram as relações educacionais/sociais entre a comunidade escolar (alunos x alunos; alunos x professores; alunos x equipes, etc.)?

Entrevistado: A relação era saudável, apesar de que tinha vezes que éramos colocados aos gritos para sala, trocavam a gente de lugar para favorecer outros, agente ia reclamar de xingamentos dos meninos, mas, não era ouvido.

Entrevistador: 8- Tem algum caso de *bullying* ou *cyberbullying* que toda a comunidade escolar lembre? Fale sobre ele.

Entrevistado: Que toda comunidade lembre, não. Mas, eu lembro porque aconteceu comigo. Em todas as aulas eu servia de chacota para dois colegas de classe, começou no 8º ano. Porque a escola sempre coloca a turma junta, aquela que estuda há tempo junta, sabe. Aí tinha dois meninos na turma que sempre minha chamava de burra. Eu até escrevi isso numa atividade de uma disciplina, quando a professora pediu pra relatar sobre o caso *bullying* que tinha vivenciado ou presenciado e eu escrevi na tarefa: *Eu sofro bullying na escola por J e N, começou no 8º e eles me chama de BURRA*. Guardo essa tarefa até hoje.

Entrevistador: 9-Você fala sobre esse acontecimento com frequência?

Entrevistado: Não falo não, porque isso ainda me magoa.

Entrevistador: 10-O que você lembra sobre os acontecimentos de *bullying* e/ou *cyberbullying* na escola?

Entrevistado: Lembro que tinha outros alunos que se sentiam igual a mim, mas, sempre ficavam quietos. Eu ainda falei pra minha mãe, ela foi na escola, comunicou o fato. Houve um parcial tomada de decisão, mas, não parou aí então eu disse pra minha mãe que queria sair da escola.

Entrevistador: 11-Como se sente, lembrando esses acontecimentos?

Entrevistado: Fico triste porque eu não era Burra, eu não sou Burra. E aquilo me deixava triste, chegava em casa chorando as vezes.

Entrevistador: 12- Sobre as lembranças, as marcas deixadas por esses acontecimentos (do *bullying* e/ou *cyberbullying*) o que você não gosta de lembrar?

Entrevistado: De tristeza, não quero que ninguém passe o que eu passei, dois anos sofrendo por dentro.

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DO BULLYING AO CYBERBULLYING: HISTÓRIA E MEMÓRIAS ESCOLARES (1993 - 2011)

Pesquisador: Silvânia da Silva Santos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 30500814.4.0000.5188

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 712.847

Data da Relatoria: 26/06/2014

Apresentação do Projeto:

A apresentação do Projeto é clara e bem desenvolvida pela pesquisadora proponente. Trata-se de uma pesquisa que focaliza, segundo a proponente: "Reconstruir a história e as memórias do bullying ao cyberbullying no cotidiano escolar pessoense, partindo das lembranças e narrativas de educandos e educadores no período de 1993 a 2011. Esse estudo possibilitará a compreensão do bullying e do cyberbullying no cenário contemporâneo, escrevendo a história do tempo presente sob a ótica do estudo das memórias como referência". Esclarece ainda que: "Diante da importância desse diálogo com os interlocutores da pesquisa, realizaremos entrevistas com 10 (dez) sujeitos, sendo 5 (cinco) educandos e 5 (cinco) educadores, no cotidiano escolar pessoense."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eliciacao@ccs.ufpb.br; silvaniadasantos@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Continuação do Parecer: 712.847

Reconstruir a história e as memórias do bullying ao cyberbullying no cotidiano escolar pessoense, partindo das lembranças e narrativas de educandos e educadores no período de 1993 a 2011.

Objetivo Secundário: Analisar as memórias e as histórias de educadores e educandos sobre bullying e cyberbullying no cotidiano escolar pessoense. Identificar o surgimento e a formação do bullying e do cyberbullying em instituições educacionais de João Pessoa; Interpretar as representações dos entrevistados e suas memórias em torno do tema em tela.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os benefícios estão bem evidenciados e são claramente superiores aos possíveis riscos que essa pesquisa pode trazer, o que justifica sua realização.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de qualidade e de relevância para nosso contexto atual.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Sem pendências.

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

sem pendências.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA - CENTRO DE
CIÊNCIAS DA SAÚDE



Continuação do Parecer: 712.847

JOAO PESSOA, 09 de Julho de 2014

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: eciacaos@ccs.ufpb.br; elianemduarte@hotmail.com

PRT SCR - PÁGINA DO FACEBOOK DA ESCOLA

The image shows a screenshot of a Facebook post. At the top, there is a blue navigation bar with the Facebook logo on the left, a search bar containing the text "Procure pessoas, locais e coisas", and on the right, the page name "CEST PB - Centro Educacion...", the text "Página inicial", and icons for notifications and messages. The main content area features a post by "Sérgio Gabriel" from the page "CEST PB - Centro Educacional Santa Terezinha". The post is dated "8 de abril às 12:26" and includes a small profile picture of the user. The text of the post reads "Pior escola do mundo com a safada da saleta e pauta da kassia". Below the text are the options "Curtir" and "Comentar". A comment box is visible below the post, with the placeholder text "Escreva um comentário..." and a "Pressione Enter para publicar." prompt. On the right side of the page, there is a sidebar with links for "Português (Brasil)", "Privacidade", "Termos", "Cookies", and "Mais", along with the text "Facebook © 2014".

PROJETO POLÍTICO CURRICULAR DA ESCOLA

CENTRO EDUCACIONAL SANTA TEREZINHA

SANTA RITA- PB

PROJETO POLÍTICO CURRICULAR DO CEST.

O PPC CEST, tem como princípio básico em seu planejamento educativo a formação humana, que busca encontrar caminhos concernentes a importância de uma política educativa direcionada para o desenvolvimento sócio humanístico, fazendo do ensino uma ação prática de vivência pedagógica dentro de uma visão pluralista, democrática, dialógica dos conhecimentos sócio-interacionista da realidade. Onde a ética é um compromisso solidário de confiança e respeito as diferenças de cada um.

A Educação é um processo plural, de relação mútua entre duas ou mais pessoas de forma contínua e permanente. Sustentada pelos quatro pilares da educação formados pelas ações do **aprender, fazer, conviver e ser**. Formando e construindo seres socializadores, capazes de gerar as mudanças construtivas de uma sociedade nova.

O envolvimento e o comprometimento de todos com a implementação organizacional, estratégica, objetiva e planejada são fatores determinantes para o sucesso do trabalho educativo, formativo e informativo da escola. Cujo corpo é formado por vários membros com funções distintas que, devem linearmente conjugar as diversas atividades com atitudes de confiança, capaz de cativar e cultivar as habilidades pessoais de cada membro da escola.

A tarefa de aprender e ensinar juntos é um bom modo de assegurar que a escola seja um lugar satisfatório para todos.

O Planejamento Curricular da escola obedece e respeita as Diretrizes e Bases da Educação Nacional do Ensino Básico. Mediante as propostas do PNE para o Ensino Fundamental, Médio e Educação Infantil. Com uma matriz curricular que reconhece o valor das múltiplas inteligências de formas linguísticas e lógicas matemáticas na interdisciplinaridade pluralizada do aprender fazendo.

Além dos componentes curriculares obrigatório na matriz curricular, contempla-se parte diversificada, com ações planejadas e discussões de temas que são cada vez mais recorrentes em nossa sociedade, por conseguinte em nossas escolas: como por exemplo o fenômeno Bullying, a pedofilia; ambos amparados pelas leis; 8.538 e 8.839/08.

Quanto ao fenômeno do Bullying, o cenário tecnológico atual nos leva a discussões no que se refere as relações em rede(ciberespaço) criando no mesmo, um ambiente saudável em que todos possam navegar com segurança bloqueando e combatendo uma violência que transpôs os espaços físicos, o chamado (CIBERBULLYING)

A pedofilia é um crítico e grave problema social, que deve ser por nós educadores e famílias, visto como uma situação de risco na formação da criança e jovem educando.

Logo, é dever nosso contemplar e refletir a legalidade da defesa, com conscientização dos direitos individuais e sociais do nosso educando e família. Pois formamos para a vida em sociedade. E, isto precisa ser cuidado de forma ampla e legítima de direitos e deveres.

Aqui também, refletimos a lei de diretrizes e bases da educação de nº 10639/03 que institui a obrigatoriedade do ensino da história da África e dos africanos, no currículo escolar.

Partindo de todos estes princípios e componentes citados, a nossa escola busca contemplar no PPC e Regimento Escolar, a transversalidade destes componentes éticos disciplinares. Aplicando-os em formas diversas do conhecimento intra e extraclasses, no que se refere ao respeito do meio ambiente e da pessoa humana dentro de uma perspectiva de conscientização e preservação da vida.

Desta forma entendemos que, a educação é um processo coletivo continuado que forma o indivíduo para a vida, torna a escola o local privilegiado, porque problematiza o conhecimento com atitudes, e a formação de hábitos visando a construção de uma sociedade justa, igual e equânime.

Hoje vivemos uma Educação de incessantes mudanças. Logo professores, alunos, pais, famílias e todos os envolvidos no processo educativo, devem ter a inquietação constante de renovação do aprender a aprender, na troca de saberes através da convivência e experiências dos conhecimentos teóricos tecnológicos e científicos do mundo educativo.

A Educação para o futuro do saber fundamenta-se nos saberes necessários aos processos orgânicos e culturais do aprendizado, que busca estabelecer uma relação de pertinência dos conteúdos aplicados, na apreensão dos problemas globais para o entendimento do ser humano como unidade complexa da natureza e identidade holística terrena de enfrentamento dos desafios das ciências físicas, biológicas e históricas.

A Educação Infantil (Pré-escolar) para crianças na faixa etária de 3 a 5 anos, início do jogo sócio educativo. Aqui dar-se o desabrochar da socialização educativa escolar; cujo objetivo maior é adaptar o aluno ao meio social na interação e convivência escolar. Com um ensino dirigido e personalizado dentro de uma metodologia lúdica cognitiva da descoberta e decodificação do aprender buscando. Pois, a ludicidade tem um papel de destaque no desenvolvimento cognitivo e social da criança. Uma vez que brincam, se desenvolvem e se socializam, colocando-se diante da descoberta. Esse envolvimento entre cognição e ludicidade contribui de forma efetiva para uma aprendizagem prazerosa.

O Ensino Básico divide-se em Fundamental (1º ao 5º ano) para as crianças da faixa etária de 06 a 10 anos. Agrupando cinco séries iniciais. Nesta 1ª etapa o ensino obedece uma metodologia dirigida e personalizada onde a criança inicia a sua formação sócio-cultural. Descobre-se como importante ser social de construção do conhecimento estrutural dialógico. A 2ª etapa do Ensino Fundamental para pré-adolescentes, agrupa as quatro séries finais de 11 a 14 anos. Esta fase já prescinde uma nova metodologia de ensino aprendizagem. Pois já temos um aluno com comportamentos mais formativo, conflitante e inquietante de sua identidade de eu. Logo precisamos trabalhar de forma mais sistematizada, os desafios das diferenças culturais e humanas da sociedade.

O Ensino Médio, etapa última do Ensino Básico. Tem por objetivo central proporcionar condições para que o adolescente adquira no presente, recursos que sejam úteis em sua vida adulta. Assim, mais importante é dar aos jovens meios básicos de buscar informações, estimulá-los a questionar e criar soluções frente as situações da vida.

O essencial é que os jovens nesta última etapa do Ensino Básico "aprendam a aprender", isto é, procurem encontrar as respostas de que precisam de forma crítica para formação do ser cidadão.

Há, portanto, a necessidade da escola rever o seu papel, deixando de ser meramente conteudística e acadêmica para atender a real necessidade do educando a fim de que encontrem alternativas satisfatórias a sua vida de cidadania e de trabalho no desenvolvimento de competências para continuar o seu aprendizado.

Espera-se que o ensino oferecido e proposto ao Ensino Médio para o educando adolescente, já imigrando para a fase adulta seja capaz de responder aos anseios necessários a sua vida para sociedade, no fazer-se humano, com uma visão crítica do que lhe é proposto e se perceba capaz de ser autor de novos saberes com uma rica vivência e experiência cultural, que resulte de uma atividade de busca do próprio educando, fundada em situações de aprendizagens significativas mediadas pelo professor.

Em suma, tornar a ação de ensinar como uma ação política, reforçando-se a ideia de que o conhecimento é produto de um trabalho social, construído pela investigação, reelaboração e cooperação coletiva, servindo de fio condutor para uma *sociedade aprendente*.

O PPC da escola tem como princípio básico na sua autonomia institucional, um caráter democrático-cidadão, onde todos os membros devem ser críticos éticos de sua própria autoavaliação coletiva. Este é um caminho para a autonomia da escola e dos seus membros, dentro de um diálogo ético atuante e democrático. Enfim a autoavaliação é a base construtiva da avaliação formativa da escola.

A família é nossa maior parceira na construção educativa formativa da escola. Sim, pois a Educação começa em casa: O que se aprende na escola é sempre complementar ao aprendizado familiar. Ela é a nascente, o berço do ambiente social da educação humana. É a maior responsável pelo desenvolvimento das habilidades latentes do ser humano.

De igual modo, o sucesso da escola e dos nossos projetos, prescinde tão singularmente do apoio familiar. A família precisa pertencer a escola tanto quanto todos os membros.

A simbiose escola e família faz o equilíbrio da Educação formativa, informativa e construtiva do educando com qualidade e competência para ser agente transformador dos valores e conceitos exigidos pela sociedade.

A ideia fundamental subjacente a esta linha de pensamento é que, todos os membros da escola são coaprendizes e coparticipes do mesmo processo sócio-educativos.

No decurso do processo ensino aprendizagem, na vivência escolar com aluno, deve-se aplicar instrumentos diversificados de avaliação diagnóstica contínua, que vise refletir o desempenho do educando de forma gradual e positiva. Busca-se prevalecer como é recomendada pela LDB (Lei- nº 9394/96) uma avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos.

Procuremos descobrir no aluno, o que de melhor ele tem dentre suas habilidades e conhecimentos, capaz de proporcionar a outros suas experiências, por exemplo: se o aluno desenha, pinta, canta e expressa tantos outros talentos, devemos respeitar e valorizar estas habilidades, para que assim o aluno sinta-se motivado e adquira confiança em si. Ganhando, portanto, valores para desafiar as dificuldades do aprender fazendo.

Vejamos algumas ações práticas motivadoras capazes de fortalecer a nossa relação didática pedagógica com o educando:

- Aceite as contribuições dos alunos sem julgamento ou críticas destrutivas;
- Crie um espaço para ouvi-lo;
- Tente ser próximo, afetivo e empático;
- Aceite seus erros, seus acertos e suas dificuldades;
- Mantenha um relacionamento com o aluno como uma pessoa merecedora de todo seu afeto e atenção;
- Evite que o aluno tenha sempre experiência de fracasso;
- Alimente e fortaleça a autoconfiança, auto respeito e disciplina do aluno;
- Conscientize-se que uma simples palavra ou comentário, poderá ter um efeito devastador, marcante no aluno ou, pelo contrário, motivá-lo positivamente para o sucesso na vida.
- Formule as metodologias frente à realidade e necessidades do aluno;
- Opte por uma metodologia que favoreça o diálogo e o posicionamento do aluno, desta forma pode-se afastá-lo da indiferença e aproximá-lo a busca por soluções, ampliando sua possibilidade de participação social.

Em fim, o nosso Projeto Político Curricular é conduzido por uma linha sistematizada de procedimentos, que subsidiará elementos para a vivência de concretização do Regimento Escolar. Este por sua vez disponha de seguimentos da escola, em relação as diferentes atribuições e competências administrativas, financeiras e pedagógicas da nossa instituição. De igual modo, a nossa proposta é refletirmos de que modo as nossas ações cotidianas no âmbito escolar corroboram ou não com o projeto societário, que possibilita o acesso aos bens e serviços essenciais a sobrevivência das gerações atuais, bem como das gerações futuras.

Compreender o mundo social é aprender que existe o outro tão importante quanto eu. E que as verdadeiras soluções nasce de nós juntos. Pense Nisto!!!

CONVITE: O permanente é mudar. Permanecer na mudança é transformar. Mude todos os dias e faça a diferença com brilho nos olhos.

FRAGMENTOS DE MEMÓRIA DA ENTREVISTADA K.A.C

1) Relate sobre o caso bullying que você já presenciou ou presenciou

Eu sou bullying no exato por Jaime e Nathan, começou no 8º e ele me chama de burro

O que é virtude

Virtude é uma qualidade moral particular e sem do grupo latim e disposição de um indivíduo de praticar bem; É mais é uma característica, trata-se de uma inclinação virtuosa não todos os hábitos constantes, que leva o homem para o caminho do bem.

A virtudes intelectuais, que são ligadas à inteligência e a virtude morais, que são relacionadas ao bem. Existe conexão na capacidade de aprender como diálogo de reflexão em busca tanto na mesma linha por uma vez, é a ação ou comportamento moral e o hábito que é considerado bom de acordo com a ética. flexibilidade, resistência, prudência, temperança são as virtudes cardinais. As virtudes teológicas ou sobrenaturais são aquelas que de acordo com o doutrino cristão do homem para algum como seu filho, essas virtudes são a fé, esperança e caridade.

Responda

a qual a importância das virtudes na nossa vida



LEI Nº 11.381 – JOÃO PESSOA, 16 DE JANEIRO DE 2008



ESTADO DA PARAÍBA
 PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
Gabinete do Prefeito

LEI Nº 11.381, DE 16 DE JANEIRO DE 2008.

FICA O PODER EXECUTIVO AUTORIZADO A INSTITUIR O PROGRAMA DE COMBATE AO BULLYING, DE AÇÃO INTERDISCIPLINAR E DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA, NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA.

O PREFEITO DO MUNICÍPIO DE JOÃO PESSOA, ESTADO DA PARAÍBA, FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a instituir o Programa de Combate ao Bullying, de ação interdisciplinar e de participação comunitária, nas escolas públicas do Município de João Pessoa.

Parágrafo único. Entende-se por bullying atitudes de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, praticadas por um indivíduo (bully) ou grupos de indivíduos, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Art. 2º A violência física ou psicológica poderá ser evidenciada em atos de intimidação, humilhação e discriminação, entre os quais:

- I - insultos pessoais;
- II - comentários pejorativos;
- III - ataques físicos;
- IV - grafitagens depreciativas;
- V - expressões ameaçadoras e preconceituosas;
- VI - isolamento social;
- VII - ameaças;
- VIII - pilbérias.

Art. 3º O bullying pode ser classificado em três tipos, conforme as ações praticadas:

- I - sexual: assediar, induzir ou abusar;
- II - exclusão social: ignorar, isolar e excluir;
- III - psicológica: perseguir, amedrontar, assustar, intimidar, dominar, infernizar.

Art. 4º Para a implementação deste programa, a unidade escolar criará uma equipe multidisciplinar, com a participação de docentes, alunos, pais e voluntários, para a promoção de atividades didáticas, informativas, de orientação e prevenção.

Art. 5º São objetivos do programa:

- I - prevenir e combater a prática de bullying nas escolas;
- II - capacitar docentes e equipe pedagógica para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
Gabinete do Prefeito

- III - incluir, no Regimento Escolar, após ampla discussão no Conselho da Escola, regras normativas contra o bullying;
- IV - esclarecer sobre os aspectos éticos e legais que envolvem o bullying;
- V - observar, analisar e identificar eventuais praticantes e vítimas de bullying nas escolas;
- VI - discernir, de forma clara e objetiva, o que é brincadeira e o que é bullying;
- VII - desenvolver campanhas educativas, informativas e de conscientização com a utilização de cartazes e de recursos de áudio e áudio-visual;
- VIII - valorizar as individualidades, canalizando as diferenças para a melhoria da auto-estima dos estudantes;
- IX - integrar a comunidade, as organizações da sociedade e os meios de comunicação nas ações multidisciplinares de combate ao bullying;
- X - coibir atos de agressão, discriminação, humilhação e qualquer outro comportamento de intimidação, constrangimento ou violência;
- XI - realizar debates e reflexões a respeito do assunto, com ensinamentos que visem a convivência harmônica na escola;
- XII - promover um ambiente escolar seguro e sadio, incentivando a tolerância e o respeito mútuo;
- XIII - propor dinâmicas de integração entre alunos e professores;
- XIV - estimular a amizade, a solidariedade, a cooperação e o companheirismo no ambiente escolar;
- XV - orientar pais e familiares sobre como proceder diante da prática de bullying;
- XVI - auxiliar vítimas e agressores.

Art. 6º Compete à unidade escolar aprovar um plano de ações, no Calendário da Escola, para a implantação das medidas previstas no programa.

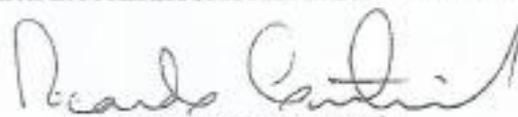
Art. 7º Fica autorizada a realização de convênios e parcerias para a garantia do cumprimento dos objetivos do programa.

Art. 8º A escola poderá encaminhar vítimas e agressores aos serviços de assistência médica, social, psicológica e jurídica, que poderão ser oferecidos por meio de parcerias e convênios.

Art. 9º VETADO.

Art. 10. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO DO GABINETE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA-PB, em 16 de janeiro de 2008.


RICARDO VIEIRA COUTINHO
PREFEITO

Autoria do Vereador Zozinho do Botafogo

PUBLICADO NO SEMANÁRIO OFICIAL
Em 17 de 19 de 01 de 2008
Nº 1076

Estado de Paraíba
Sec. de Justiça
e Administração
Cidade de João Pessoa
PB, 55.000-000

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO - BRASÍLIA, 03 DE DEZEMBRO DE 2012

ISSN 1677-7042



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO
República Federativa do Brasil - Imprensa Nacional

Em circulação desde 1º de outubro de 1862

Ano CXLIX Nº 232

Brasília - DF, segunda-feira, 3 de dezembro de 2012



Sumário

	PÁGINA
Atos do Poder Legislativo	1
Atos do Poder Executivo	2
Presidência da República	9
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento	11
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação	24
Ministério da Cultura	24
Ministério da Defesa	26
Ministério da Educação	28
Ministério da Fazenda	29
Ministério da Justiça	43
Ministério da Previdência Social	54
Ministério da Saúde	54
Ministério das Cidades	79
Ministério das Comunicações	79
Ministério das Relações Exteriores	83
Ministério de Minas e Energia	84
Ministério do Desenvolvimento Agrário	94
Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome	95
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	98
Ministério do Esporte	100
Ministério do Meio Ambiente	101
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	101
Ministério do Trabalho e Emprego	105
Ministério dos Transportes	112
Conselho Nacional da Magistratura	113
Ministério Público da União	113
Tribunal de Contas da União	120
Poder Judiciário	151
Entidades de Fiscalização do Exercício das Profissões Liberais	155

Atos do Poder Legislativo

LEI Nº 12.735, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, o Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969 - Código Penal Militar, e a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, para tipificar condutas realizadas mediante uso de sistema eletrônico digital ou similares, que sejam praticadas contra sistemas informatizados e similares, e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TABELA DE PREÇOS DE JORNAIS AVULSOS

Páginas	Distrito Federal	Demais Estados
de 02 a 20	R\$ 0,30	R\$ 1,80
de 22 a 70	R\$ 0,50	R\$ 2,00
de 80 a 150	R\$ 1,10	R\$ 2,60
de 160 a 250	R\$ 1,50	R\$ 3,00
de 254 a 500	R\$ 3,00	R\$ 4,50

- Acima de 500 páginas o preço do tabelo mais excedente de páginas multiplicado por R\$ 0,6107

Art. 1º Esta Lei altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, o Decreto-Lei nº 1.001, de 21 de outubro de 1969 - Código Penal Militar, e a Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, para tipificar condutas realizadas mediante uso de sistema eletrônico digital ou similares, que sejam praticadas contra sistemas informatizados e similares, e dá outras providências.

Art. 2º (VETADO)

Art. 3º (VETADO)

Art. 4º Os órgãos da polícia judiciária estruturarão, nos termos de regulamentação, setores e equipes especializadas no combate à ação delitosa em rede de computadores, dispositivo de comunicação ou sistema informatizado.

Art. 5º O inciso II do § 3º do art. 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 20.

§ 3º

II - a cessação das respectivas transmissões radiofônicas, televisivas, eletrônicas ou da publicação por qualquer meio;

Art. 6º Esta Lei entra em vigor após decorridos 120 (cento e vinte) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 30 de novembro de 2012; 191ª da Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
José Eduardo Cardozo
Paulo Bernardo Silva
Maurício Rosário Nunes

LEI Nº 12.736, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Dá nova redação ao art. 387 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 - Código de Processo Penal, para a detração ser considerada pelo juiz que proferir sentença condenatória.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A detração deverá ser considerada pelo juiz que proferir a sentença condenatória, nos termos desta Lei.

Art. 2º O art. 387 do Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 - Código de Processo Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

Art. 387.

§ 1º O juiz decidirá, fundamentadamente, sobre a manutenção ou, se for o caso, a imposição de prisão preventiva ou de outra medida cautelar, sem prejuízo do conhecimento de apelação que vier a ser interposta.

§ 2º O tempo de prisão provisória, de prisão administrativa ou de internação, no Brasil ou no estrangeiro, será computado para fins de determinação do regime inicial de pena privativa de liberdade." (NR)

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 30 de novembro de 2012; 191ª da Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
José Eduardo Cardozo

LEI Nº 12.737, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, e dá outras providências.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA
Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos e dá outras providências.

Art. 2º O Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, fica acrescido dos seguintes arts. 154-A e 154-B:

"Invasão de dispositivos informáticos

Art. 154-A. Invasão dispositivo informático alheio, conectado ou não à rede de computadores, mediante violação indevida de mecanismo de segurança e com o fim de obter, adulterar ou destruir dados ou informações sem autorização expressa ou tácita do titular do dispositivo ou instalar vulnerabilidades para obter vantagem ilícita:

Pena - detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, e multa.

§ 1º Na mesma pena incorre quem produzir, oferecer, distribuir, vende ou difunde dispositivo ou programa de computador com o intuito de permitir a prática da conduta definida no caput.

§ 2º Aumentar-se a pena de um sexto a um terço se da invasão resultar prejuízo econômico.

§ 3º Se da invasão resultar a obtenção de conteúdo de comunicações eletrônicas privadas, segredos comerciais ou industriais, informações sigilosas, assim definidas em lei, ou o controle remoto não autorizado do dispositivo invadido:

Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 2 (dois) anos, e multa, se a conduta não constituir crime mais grave.

AVISO

CIRCULOU EM 30/11/2012 A EDIÇÃO EXTRA Nº 231-A
Também disponível no endereço: www.in.gov.br - Pesquisa nos Jornais



§ 4º Na hipótese do § 3º, aumenta-se a pena de um a dois terços se houver divulgação, comercialização ou transmissão a terceiro, a qualquer título, dos dados ou informações obtidos.

§ 5º Aumenta-se a pena de um terço à metade se o crime for praticado com:

I - Presidente da República, governadores e prefeitos;

II - Presidente do Supremo Tribunal Federal;

III - Presidente da Câmara dos Deputados, do Senado Federal, de Assembleia Legislativa de Estado, da Câmara Legislativa do Distrito Federal ou de Câmara Municipal; ou

IV - dirigente máximo da administração direta e indireta federal, estadual, municipal ou do Distrito Federal.

Ação penal

Art. 154-B. Nos crimes definidos no art. 154-A, somente se procede mediante representação, salvo se o crime é cometido contra a administração pública direta ou indireta de qualquer dos Poderes da União, Estados, Distrito Federal ou Municípios ou contra empresas concessionárias de serviços públicos.

Art. 3º Os arts. 266 e 298 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, passam a vigorar com a seguinte redação:

Interrupção ou perturbação de serviço telegráfico, telefônico, informático, telemático ou de informação de utilidade pública

Art. 266.

§ 1º Incorre na mesma pena quem interrompe serviço telegráfico ou de informação de utilidade pública, ou impede ou dificulta-lhe o restabelecimento.

§ 2º Aplicam-se as penas em dobro se o crime é cometido por ocasião de calamidade pública." (NR)

Falsificação de documento particular

Art. 298.

Falsificação de cartão

Parágrafo único. Para fins do disposto no caput, equipara-se a documento particular o cartão de crédito ou débito." (NR)

Art. 4º Esta Lei entra em vigor após decorridos 120 (cento e vinte) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 30 de novembro de 2012; 191ª da Independência e 124ª da República.

DILMA ROUSSEFF
Rose Eduardo Carlioto

LEI Nº 12.738, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Altera a Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, para tornar obrigatório o fornecimento de bolsas de colostomia, ileostomia e urostomia, de coletor de urina e de sonda vesical pelos planos privados de assistência à saúde.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.656, de 3 de junho de 1998, passa a vigorar acrescida do seguinte art. 10-B:

Art. 10-B. Cabe às operadoras dos produtos de que tratam o inciso I e o § 1º do art. 1º, por meio de rede própria, credenciada, contratada ou referenciada, ou mediante reembolso, fornecer bolsas de colostomia, ileostomia e urostomia, sonda vesical de demora e coletor de urina com conector, para uso hospitalar, ambulatório ou domiciliar, vedada a limitação de prazo, valor máximo e quantidade."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor após decorridos 180 (cento e oitenta) dias de sua publicação oficial.

Brasília, 30 de novembro de 2012; 191ª da Independência e 124ª da República

DILMA ROUSSEFF
Alexandre Rocha Santos Padilha

Atos do Poder Executivo

DECRETO Nº 7.851, DE 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Altera o Decreto nº 7.688, de 2 de março de 2012, que aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão do Secretário-Geral da Presidência da República, altera o Decreto nº 7.405, de 23 de dezembro de 2010, para transferir responsabilidades do Programa Pró-Catador para a Secretária-Geral da Presidência da República, altera o Anexo II ao Decreto nº 7.493, de 2 de junho de 2011, e dispõe sobre o remanejamento de cargos em comissão.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, caput, inciso VI, alínea "a", da Constituição,

DECRETA :

Art. 1º Ficam remanejados, na forma do Anexo III, os seguintes cargos em comissão do Grupo-Direção e Assessoramento Superiores - DAS:

I - do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome para a Secretaria de Gestão Pública do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

a) um DAS 102.4; e

b) um DAS 102.2;

II - da Secretária-Geral da Presidência da República para a Secretária de Gestão Pública do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão:

a) um DAS 102.4;

b) nove DAS 102.3;

c) cinco DAS 102.2; e

d) quatorze DAS 102.1.

III - da Secretária de Gestão Pública do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão para a Secretária-Geral da Presidência da República:

a) dois DAS 101.4;

b) nove DAS 101.3;

c) sete DAS 101.2; e

d) quatorze DAS 101.1.

Art. 2º O Anexo I ao Decreto nº 7.688, de 2 de março de 2012, passa a vigorar com as seguintes alterações:

"Art. 2º

I -

e) -

3.

3.3. Diretoria de Recursos Logísticos; e

3.4. Diretoria de Tecnologia;

III -

a) Escritório Especial em São Paulo - Estado de São Paulo, e

" (NR)

"Art. 10

IV - apoiar a disseminação de práticas bem-sucedidas de gestão de pessoas na administração pública federal;

V - administrar o acervo bibliográfico e informacional da Presidência da República; e

VI - exercer outras atividades determinadas pelo Secretário de Administração." (NR)

"Art. 11

I -

d) administração do arquivo, da comunicação administrativa e da publicação dos atos oficiais;

" (NR)

"Art. 12 À Diretoria de Tecnologia compete:

I -

a) política, diretrizes e administração de recursos de tecnologia da informação, incluindo a segurança de informações eletrônicas, e de recursos de telecomunicações, eletrônica e segurança cibernética;

b) desenvolvimento, contratação e manutenção de soluções de tecnologia;

c) articulação com órgãos do Poder Executivo federal e dos demais Poderes, com empresas de telecomunicações e com o órgão regulador nacional de controle das telecomunicações em assuntos sobre uso de tecnologia da informação e de telecomunicações;

d) especificação de recursos, implementação, disseminação e incentivo ao uso de soluções de tecnologia;

e) orientação e suporte aos usuários na instalação, configuração e uso de equipamentos, utilização de sistemas, aplicativos e demais serviços na área de tecnologia;

f) operação e manutenção ininterrupta dos centros de comunicações, de atendimento, de informações e das mesas operadoras no âmbito da Presidência da República e da Vice-Presidência da República; e

g) utilização, operação e manutenção do auditório do Anexo I do Palácio do Planalto e dos equipamentos ali instalados;

II - planejamento, execução, coordenação e controle as atividades de articulação do Secretário de Administração com a Autoridade Certificadora Raiz - AC Raiz, da Infraestrutura de Chaves Públicas Brasileira - ICP-Brasil;

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
CASA CIVIL
IMPRESA NACIONAL

DILMA VANA ROUSSEFF
Presidente da República

GLEISI HELENA HOFFMANN
Ministra de Estado Chefe da Casa Civil

FERNANDO TORÉNTINO DE SOUSA VIEIRA
Diretor-Geral da Imprensa Nacional

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO
SEÇÃO 1

Publicação de atos normativos

SEÇÃO 2

Publicação de atos relativos a pessoal da Administração Pública Federal

SEÇÃO 3

Publicação de contratos, editais, avisos e medonitais

JORGE LUIZ ALENCAR GUERRA
Coordenador-Geral de Publicação e Divulgação

ALEXANDRE MIRANDA MACHADO
Coordenador de Elibração e Divulgação Eletrônica dos Jornais Oficiais

FRANCISCO DAS CHAGAS PINTO
Coordenador de Produção

A Imprensa Nacional não possui representantes autorizados para a comercialização de assinaturas impressas e eletrônicas

Foto: www.in.gov.br - atendimento@in.gov.br
SAC: Chinelo 11, Torre 2000 CEP 00121-900, Brasília - DF
FAX: (049) 9645-5001/010
Fone: (0800) 725-6707